

45 anos

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA 2019

CAC



apoio cultural



patrocínio



realização



MINISTÉRIO DA CIDADANIA



45
1974
2019 anos



CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA



45
1974
2019 *anos*



CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA



Índice

- 4. **Rafael Greca de Macedo**
Prefeitura Municipal de Curitiba

- 6. **Ana Cristina de Castro**
Fundação Cultural de Curitiba

- 8. **Marino Galvão Jr.**
Instituto Curitiba de Arte e Cultura

- 10. **Camerata Antiqua de Curitiba**

- 14. **Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba**

- 18. **Coro da Camerata Antiqua de Curitiba**

- 22. **Programação**

- 64. **Concerto nas Igrejas**

- 68. **Música pela Vida**

- 72. **Alimentando com Música**

- 74. **Biografias dos Artistas**

- 99. **Capela Santa Maria**

- 101. **Ficha Técnica**



RAFAEL GRECA DE MACEDO

Prefeito da Cidade de Curitiba

Este ano, a Camerata abre mais uma temporada de concertos com uma programação especial, tendo como palco o esplêndido Memorial de Curitiba, espaço que simboliza a nossa história e memória da cidade. Inaugura sua temporada com uma das peças mais significativas de seu repertório, o Te Deum, de Luís Álvares Pinto, uma das primeiras composições genuinamente brasileira, levada pelo grupo a inúmeros concertos pelo Brasil e exterior.

Símbolo de nossa excelência cultural, a Camerata demonstra o mesmo vigor que caracteriza a essência da vida curitibana. Ao longo desses anos, só fez crescer o seu prestígio, que nasceu pelas mãos da cravista Ingrid Seraphim, do maestro Roberto de Regina e de um grupo de exímios e talentosos cantores e instrumentistas.

A música que a Camerata produz, com o seu coro e orquestra, é a alma de Curitiba. Seus cantos e acordes precisos orientam para um futuro promissor. Temos certeza que a Camerata, ao difundir a música erudita, do barroco ao contemporâneo, continuará inspirando novas gerações e garantindo vida longa a esse prestigioso conjunto da cena musical do país.

Arte é também aprendizado, é solidariedade e, por isso, a beleza musical da Camerata não se encerra nos teatros e salas de espetáculos, mas passeia pelas escolas, igrejas e hospitais. Dessa maneira, nossa Camerata leva ao conhecimento do público um repertório diversificado, democratizando o acesso ao que há de melhor na cultura de nossa cidade.



ANA CRISTINA DE CASTRO

Presidente da Fundação Cultural de Curitiba

A Camerata Antiqua de Curitiba chega aos 45 anos como um dos grupos de música erudita mais conceituados do país. Acompanhando sua trajetória, vemos que sua longevidade é fruto de um nível de qualidade excepcional e de uma capacidade brilhante de se reinventar.

Com um repertório dedicado especialmente à música barroca – sua marca registrada – a Camerata não deixou de experimentar novos desafios. Todos os anos a temporada de espetáculos é enriquecida com concertos cada vez mais elaborados, com participação de regentes e músicos convidados de renome internacional. A excelência que norteou o trabalho de seus músicos em todos esses anos é a mesma que o grupo propõe para os próximos meses de 2019.

Destaca-se entre os inúmeros concertos realizados pela Camerata, na primeira gestão do prefeito Rafael Greca de Macedo (1993-1996), a realização, em 1995, do Concerto de Aniversário da Cidade de Assunção-Paraguai, no Centro Cultural Paraguai-Japão ; e, em 1996, dos concertos em Washington, a convite do Banco Interamericano de Desenvolvimento, em sua sede e na Embaixada do Brasil.

Em 1997, foi criado pela então presidente da Fundação Cultural de Curitiba, Margarita Pericás Sansone, o programa “Curitiba Abraça o Paraná”, pelo qual a Camerata percorreu mais de 160 cidades paranaenses, promovendo intercâmbio cultural.

Em 1999, na Itália, se apresentou na Igreja de Santo Antonio dei Portoghesi e no Palácio Santa Croce, em Roma. Em Florença, no Teatro Verdi, participou do “51° Prix Itália”, realizando concerto no 51° Congresso Mundial de Televisão da RAI, a rede de televisão estatal italiana.

A Camerata teve importante participação nas comemorações dos 500 Anos do Descobrimento, na gestão do Ministro do Esporte e Turismo Rafael Greca de Macedo. Apresentou-se na cerimônia de entrega do “Prêmio Especial ao Presidente da República do Brasil”, pelos 500 anos do descobrimento do Brasil, em 22 de abril do ano 2000, em Porto Seguro - Bahia.

A abertura da programação anual coincide com o aniversário da cidade. Assim, enquanto a Camerata comemora o seu marco na história da música erudita brasileira, Curitiba celebra os seus 326 anos. Não por acaso, foi escolhida para o Concerto de Abertura, no Memorial de Curitiba, a obra *Te Deum Laudamus*, do ilustre compositor brasileiro Luís Álvares Pinto (1719-1789), representante do barroco colonial, do mesmo período histórico em que nasceu a Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.

Mas a programação reserva ainda muitas outras atrações que poderão ser acompanhadas pelo público na sua sede, a Capela Santa Maria, assim como em outros espaços culturais, igrejas, escolas e hospitais, pois mesmo estando em constante aprimoramento, seus instrumentistas e cantores, quando reunidos também na Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba e no Coro da Camerata, não se descuidam de sua missão social. Os programas *Alimentando com Música*, *Concerto nas Igrejas* e *Música pela Vida*, continuam na programação deixando a arte ainda mais próxima da comunidade.

Celebrar os 45 anos da Camerata é enaltecer o talento de nossos artistas e reconhecer o trabalho desenvolvido pela Prefeitura de Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba e Instituto Curitiba de Arte e Cultura, para promover e valorizar a cultura em nossa cidade.

MARINO GALVÃO JR.

Diretor Executivo do Instituto Curitiba de Arte e Cultura

A Camerata Antiqua de Curitiba completa 45 anos e se consolida como grupo de excelência da música erudita nacional, com uma trajetória de conquistas e sucessos. Prova disso são as viagens internacionais para Romênia, Portugal, Dinamarca e Alemanha, as participações no Festival de Inverno de Campos do Jordão e nos principais festivais de música do Paraná, e as apresentações na conceituada Sala São Paulo – todas realizadas nos últimos dez anos.

Importante salientar que, mesmo com o prestígio conquistado, o grupo manteve a preocupação de se aproximar da comunidade, fazendo concertos nas dez regionais administrativas e levando seus programas de descentralização: o Concerto nas Igrejas, que atende as diversas matrizes religiosas, e o Música pela Vida, desenvolvido em hospitais e projetos sociais.

Também marcou a atuação da Camerata a criação de projetos pedagógicos de formação de plateia e de novos músicos. Além da estruturação do Nosso Canto – um projeto social de aulas de canto coral gratuitas nos bairros –, e da promoção do Festival de Coros, o grupo sempre esteve à frente de um dos principais eventos de incentivo ao intercâmbio cultural, à aprendizagem e

ao aprimoramento técnico musical do Brasil, a Oficina de Música de Curitiba.

As conquistas artísticas permitiram construir um importante patrimônio cultural: a Capela Santa Maria, que se tornou a sede do grupo em 2008; o acervo de partituras para orquestra e coro de câmara, um dos mais importantes do Brasil; e o acervo de instrumentos próprios, adquiridos para a melhor execução de obras barrocas. Fazem parte desse conjunto um cravo, cópia do modelo Taskin do construtor William Takahashi, um órgão positivo do construtor holandês Winold van der Putten, um órgão modelo Truhen (baú) do organeiro Manfred Worlistschek e um piano Steinway.

A temporada 2019 será de reafirmação dos valores e de resgate das principais obras e compositores do seu repertório. É o caso de “Te Deum Laudamus”, de Luís Álvares Pinto (1719-1789), e “Messias”, de Georg Friedrich Händel (1685- 1759), que fazem parte da programação.

Sendo assim, o brilho eternizado da Camerata se perpetua em trilhas sonoras pela cidade, registrando a maturidade musical que encanta os ouvidos mais sensíveis. Um trabalho exímio e próspero.

CAMERATA

Antiqua de Curitiba





Era janeiro de 1974. Curitiba voltava a sediar os célebres Festivais de Música e os Cursos Internacionais, após uma ausência de quatro anos. Nas escolas, teatros e igrejas, acordes melodiosos de Monteverdi, Bach e Händel encantavam a todos. Para o encerramento, a cravista Ingrid Müller Seraphim e o maestro carioca Roberto de Regina, professores de música antiga, organizaram um concerto com seus alunos na Igreja do Cabral. O sucesso obtido com a apresentação despertou, nos alunos e na plateia, o desejo de prolongar aqueles momentos o ano todo. Assim, Asta e Ilsa Scheidt, alunas de canto do Festival, depois de contatos com diversas instituições culturais chegaram à Fundação Cultural de Curitiba/FCC, recém-criada, sendo que seu presidente, Alfred Willer, manifestou interesse pelo projeto. A boa notícia foi levada a Ingrid Seraphim que então solicitou, oficialmente, auxílio à FCC. A partir dessa época, a Instituição assumiu os gastos com partituras, produção e divulgação de concertos e com a vinda do maestro Roberto de Regina para Curitiba, para reger o pioneiro ensemble artístico da capital. Com a criação da Camerata Antiqua de Curitiba/CAC, em 1974, idealizada, segundo regimento de 24 de março daquele ano, para pesquisar e divulgar música antiga, iniciava-se profícua parceria que perdura até hoje. Além de cravista, Ingrid Seraphim coordenava e fazia a preparação musical do conjunto que, desde seu início, era formado por seletos grupos de musicistas. Ingrid e Roberto de Regina, hoje maestro emérito da Camerata, são considerados os fundadores do grupo. Pouco depois, em 24 de junho de 1974, a Fundação Cultural abriu as portas do Teatro Paio para a Camerata se apresentar para convidados. No ano seguinte, o grupo gravou seu primeiro disco, pela FCC - Dietrich Buxtehude e Outros. O segundo disco, *La Noce Champetre*, viria anos mais tarde. Paulatinamente, os concertos se estenderam para outras cidades. Na época, não havia um local próprio para os ensaios, que ocorriam tanto na casa de Ingrid Seraphim como na da família Brandão, cujos membros integravam o conjunto. No final da década de 1970, a FCC ofereceu ao ensemble artístico, um imóvel que fora sede do quartel do Exército, o Solar do Barão, ocupado pelo grupo enquanto era restaurado, no início dos anos 1980. O Solar se tornou, assim, por muitos anos, a sede da Camerata. Nesse período, ocorreram mudanças na direção. Até então, regida somente por Roberto de Regina, a Camerata passou a receber maestros convidados. Contratações também ocorreram, como a do violinista carioca Paulo Bosísio, que, designado para trabalhar com a Orquestra de Cordas, passou a destacar, no grupo, o repertório da música brasileira. Com a sua saída, em 1986, assumiu o maestro paulista Jamil Maluf. No mesmo ano, o cargo de regente foi ocupado por outro maestro paulista, Lutero Rodrigues, cujo trabalho

perdurou por doze anos. Por certo tempo ele regeu, também, o Coro da Camerata, depois reassumido por Roberto de Regina. A evolução técnica e musical do Coro e da Orquestra possibilitou a formação, em 1989, da Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba. Desde então, os dois grupos passaram a se apresentar ora em conjunto, ora em paralelo. Ao longo de seus 45 anos de existência, celebrados em 2019, a Camerata se transformou em um dos ícones musicais da capital. A proposta inicial de execução exclusiva de música barroca e renascentista foi enriquecida com repertório de compositores contemporâneos, nacionais e estrangeiros. Importantes programas sociais marcaram sua trajetória, como Música pela Vida, Alimentando com Música, Curitiba Abraça o Paraná, além de vários concertos nacionais e internacionais, como a apresentação do grupo em 1995, no concerto comemorativo do aniversário da cidade de Assunção, Paraguai, no Centro Cultural Paraguai - Japão. Em 1996, estão os concertos em Washington, a convite do Banco Interamericano de Desenvolvimento, realizados em sua sede, como também na Embaixada do Brasil e na Epiphany Church. No Brasil, em 22 de abril do ano de 2000, a Camerata Antiqua de Curitiba participou das comemorações dos 500 anos da descoberta do país, em Porto Seguro, Bahia, nas quais estiveram presentes os presidentes do Brasil e de Portugal. Mantida pela FCC e administrada, desde 2004, pelo Instituto Curitiba de Arte e Cultura/ICAC, a trajetória de sucesso da Camerata se explica pelo empenho de seus integrantes no contínuo aperfeiçoamento musical, garantia também, de carreiras individuais e da conquista de prêmios e prestígio, no Brasil e no exterior. Seguindo o caminho de modernização trilhado por orquestras de todo o mundo, a FCC implantou ações como a ampliação do número de integrantes do grupo e a construção de parcerias; acima de tudo, investiu na restauração da Capela Santa Maria, transformando-a em importante espaço cultural e, desde 2008, sede oficial da Camerata, com salas de concerto e ensaios. Para aperfeiçoar seu funcionamento, a Camerata instituiu um Conselho Artístico, formado por músicos representantes do grupo, responsável pela elaboração da programação oficial das temporadas anuais, para a qual são convidados renomados regentes e solistas nacionais e internacionais. Após quatro décadas de atuação, a Camerata Antiqua de Curitiba tem seu trabalho registrado em oito discos (long plays) e seis CDs, com um repertório de composições dos grandes nomes da música erudita universal. Um legado para a cultura musical brasileira.

APARECIDA VAZ DA SILVA BAHLS

Historiadora e Pesquisadora da Casa da Memória/ Diretoria do Patrimônio Cultural

ORQUESTRA de Câmara da Cidade de Curitiba





A Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba, criada em 1989 e conhecida também como Orquestra da Camerata, possui em seu currículo a execução de obras para cordas de todos os tempos, com ênfase para a música barroca e brasileira. Sob a direção de importantes regentes convidados, tem acompanhado renomados solistas brasileiros e estrangeiros. Aberta a experiências que vão além da música erudita, a Orquestra vem realizando importantes apresentações no Brasil e no exterior. Recém-criada, em 1990 seus instrumentistas se apresentaram no Festival de Campos do Jordão. Na plateia, um maestro mexicano que fez convite ao grupo para participar de um festival de música em Sinaloa, no México. Experiência ímpar, relatada pelo então maestro Lutero Rodrigues, a Orquestra de Câmara teria sido o único conjunto estrangeiro a participar do evento. Ao retornar ao Brasil, o grupo passou a desenvolver projetos alternativos, como a excursão que fez pelo país na companhia do quinteto paulista de jazz, Nouvelle Cuisine. No Festival de Campos do Jordão, de 1992, a execução da peça Choro e Fagote, de Camargo Guarnieri, recém-falecido, destacou o conjunto orquestral nacionalmente, e atraiu novos convites para apresentações. Assim, foram selecionados para integrar o Projeto Brasil Musical, em 1994, quando realizaram turnês com ícones da música instrumental brasileira, como Egberto Gismonti, Wagner Tiso e Zimbo Trio. A presença em eventos internacionais é outra marca da Orquestra de Câmara: em 1997, se apresentou no Festival Brasileira II, em

Copenhague; em setembro de 1999, na abertura da V Centenário da República do Brasil, na Itália, executou concertos no Instituto Ítalo-latino-americano, Palácio de Santa Croce e na Igreja dos Portugueses, em Roma. Na cerimônia de entrega do Prêmio Especial ao Presidente da República do Brasil, pelos 500 anos de descobrimento do país, apresentaram concerto na rede de televisão estatal italiana - RAI, no Teatro Verdi de Florença. Nessa viagem, foram apresentadas músicas de autores brasileiros e realizada a primeira audição, na Europa, dos compositores paranaenses Brasília Itiberê e Bento Mossurunga. O programa foi transmitido via satélite para todo o mundo, motivando a gravação de um CD. Para aprimorar ainda mais o conhecimento técnico e artístico, atualmente, a Orquestra de Câmara realiza seu trabalho sem a presença de um maestro titular. Regentes convidados, dos mais relevantes centros culturais do país e do exterior, têm alçado o grupo à posição de uma das principais orquestras brasileiras de câmara.

APARECIDA VAZ DA SILVA BAHLS

Historiadora e Pesquisadora da Casa da Memória/ Diretoria do Patrimônio Cultural

CORO da Camerata Antiqua de Curitiba





O Coro da Camerata Antiqua de Curitiba, assim como a Orquestra, também passou por reformulações ao longo de sua história. Desde a criação da Camerata, o Coro se destacou pela originalidade e leveza na interpretação da música renascentista e barroca, motivando o grupo a desenvolver programas a cappella. Essa proposta intensificou-se a partir de 1982, com inúmeros concertos sob a regência de seu fundador, o maestro Roberto de Regina, e de eminentes convidados brasileiros e estrangeiros, entre eles o maestro Gerard Galloway. A influência de Galloway, no Coro, superou o treinamento vocal: foi maestro convidado e conselheiro artístico, recomendou obras para o repertório e escreveu textos para os encartes dos discos e CDs do grupo. Por meio dele, os cantores de Angra dos Reis, onde Galloway era radicado, e que hoje integram a Camerata, tomaram conhecimento do conjunto. A sólida formação musical de seus integrantes transformou o Coro em uma das referências da música vocal no Brasil. Assim como a Orquestra, se notabilizou pela execução de concertos notáveis, como a participação na apresentação da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - OSESP, sob a regência de Roberto Minczuk. Em 2006, o grupo realizou turnê por cinco cidades alemãs, cantando a cappella e acompanhando a Orquestra de Câmara da Filarmônica de Arad - Romênia Coro; no ano seguinte, em Portugal, acompanhou a Orquestra Sinfônica da Póvoa do Varzim, a convite do 29º Festival Internacional de Música do Algarve. Na época, com apoio da Fundação Cultural de Curitiba,

o conselho artístico do Coro levou o grupo a uma nova fase de produção musical, na qual os concertos cênicos passaram a utilizar novas linguagens. Exemplo desse trabalho foi o concerto Cores do Brasil, em 2008, durante o 8º Simpósio Mundial de Música Coral, em Copenhague, com os espetáculos Cores do Brasil e Lampejos da Música Sacra no Brasil. A participação no 18º Festival Corale Internazionale - La Fabbrica Del Canto, na Itália, em 2009, permitiu ao grupo levar quatro programas para dez concertos pela região da Lombardia. Em 2013, o ensemble representou o Brasil na Bienal de Coros de Aachen - 3ª Internacional Chorbiennale, na Alemanha. O êxito obtido pelo Coro da Camerata, sem dúvida, é o resultado do trabalho a ele dedicado por consagrados profissionais: Neyde Thomas, orientadora de técnica vocal no período de 1992 a 2011; o maestro Wagner Polistchuk, diretor artístico da Camerata Antiqua de Curitiba (coro e orquestra, de 2009 a 2011); a regente Helma Haller, de 2009 a 2012. Entre 2013 e 2014, a cubana Maria Antonia Jimenez foi a responsável pela regência. Desde 2015, Mara Campos é regente titular e diretora musical do Coro da Camerata, tendo o apoio técnico vocal da cantoras Denise Sartori (2017 e 2018), Eiko Senda e Lúcia Passos.

APARECIDA VAZ DA SILVA BAHLS

Historiadora e Pesquisadora da Casa da Memória/ Diretoria do Patrimônio Cultural



PROGRAMAÇÃO

Atenção - Programação sujeita a alteração sem aviso prévio.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Concerto Especial Comemorativo aos 326 Anos Curitiba

Regência **Mara Campos (SP)**

29 de março, 20h

Memorial de Curitiba

PROGRAMA

LUIS ÁLVARES PINTO (1719-1789)

Te Deum Laudamus

1. Te Dominum
2. Tibi Angeli
3. Sanctus
4. Te Gloriosus
5. Te martyrurum
6. Patrem imensae majestatis
7. Sanctum Quoque

8. Tu Patris Sempiternus
9. Tu Devicto
10. Judex crederis
11. Salvum fac
12. Per singulos dies
13. Dignare Domine
14. Fiat, Fiat
15. In te Domine Speravi

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Abertura das Comemorações 45 Anos da Camerata

Regência **Mara Campos (SP)**

30 de março, 18h30

Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Luz dos Pinhais

Solistas

Soprano **Ana Paula Machado (PR)**
 Tenor **Sidney Gomes (GO/PR)**
 Baixo **Cláudio de Biaggi (PR)**

PROGRAMA

LUIS ÁLVARES PINTO (1719-1789)

Te Deum Laudamus

1. Te Dominum
2. Tibi Angeli
3. Sanctus
4. Te Gloriosus
5. Te martyrurum
6. Patrem imensae majestatis
7. Sanctum Quoque
8. Tu Patris Sempiternus
9. Tu Devicto
10. Judex crederis
11. Salvum fac

NOTAS DE PROGRAMA

Te Deum Laudamus de Luís Álvares Pinto

O Te Deum Laudamus é um antigo hino cristão de louvor tradicionalmente atribuído a Santo Ambrósio ou Santo Agostinho, embora alguns pesquisadores contemporâneos discordem e atribuam-no a Nicetas, bispo de Remesiana (c.335 - c.414). O Te Deum Laudamus de Luís Álvares Pinto é classificado como uma peça de transição entre o barroco e o classicismo, e sua textura é levemente polifônica em toda a composição. Algumas frases do texto não foram musicadas, o que sugere o uso de canto gregoriano intercalado com os movimentos da peça.

A tonalidade principal é Lá menor.

A instrumentação original é para 2 violinos, trompa, baixo contínuo e coro a 4 vezes mistas. Algumas versões contemporâneas têm adaptado a formação para um quarteto de cordas, transferindo a linha da trompa para uma viola. O que, infelizmente, não gera o mesmo efeito acústico. Mas a música é tão

12. Per singulos dies
13. Dignare Domine
14. Fiat, Fiat
15. In te Domine Speravi

FRANZ SCHUBERT (1797-1828)

Missa nº 2 em Sol Maior, ID167

1. Kyrie (*coro e soprano solo*)
2. Gloria (*coro, soprano e baixo solo*)
3. Credo (*coro*)
4. Sanctus (*coro*)
5. Benedictus (*soprano, tenor, baixo solo e coro*)
6. Agnus Dei (*soprano, baixo solo e coro*)

bem escrita, que ela se sai muito bem em ambas as instrumentações. A obra é um dos nossos grandes tesouros do período colonial.

Missa nº 2 em Sol Maior de Franz Schubert Escrita por Osvaldo Colarusso

A Missa nº 2 em Sol Maior para solistas, coro misto e orquestra de cordas ID 167, escrita em cinco dias, em março de 1815, obedece a uma regra do imperador Joseph II, que não permitia missas com um grande efetivo instrumental. Schubert se acomoda à regra escrevendo uma missa de grande lirismo. Ele se utiliza de apenas três solistas, e com exceção do soprano, os solos são bem curtos. Mesmo as passagens mais dramáticas do texto da missa (crucifixus) são pontuadas com uma música altamente contemplativa. Ao contrário das outras obras do autor executadas atualmente, esta não é uma partitura do período final da curta vida do compositor. A Missa em Sol é obra de um alegre rapaz de 17 anos.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Chausson Ensemble

Direção Musical e Violino solo **Winston Ramalho (PR)**Piano solo **Wim Van Moerbeke (Bélgica/Brasil-PR)****6 de abril, 18h30**

Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

ERNEST CHAUSSON (1855-1899)**Poema para violino, Op. 25** (*versão para violino, quarteto de cordas e piano*)**ERNEST CHAUSSON (1855-1899)****Concerto em Ré Maior, Op. 21** *para piano, violino e quarteto de cordas*

Décidé

Sicilienne

Grave

Trèsanimé

CHAUSSON ENSEMBLE**Dan Tolomony** - violino I**Francisco de Freitas Jr.** - violino II**Roberto Hübner** - viola**Faisal Hussein** - violoncelo

NOTAS DE PROGRAMA

Poema para violino, Op. 25, versão para violino, quarteto de cordas e piano

Composto entre meados de abril e de junho de 1896, o Poema para violino foi estreado no Conservatório de Nancy em 27 de dezembro daquele ano por Eugène Ysaÿe, a quem é dedicado. Em um gesto sublime, o amigo de Chausson, Isaac Albéniz, secretamente providenciou para que Breitkopf publicasse a partitura, pagando por isso de seu próprio bolso, para apoiar o compositor durante uma de suas fases de falta de autoconfiança. A forma perfeita e a estrutura flexível do Poema para violino são uma marca do gênio de Chausson. O Poema para violino originalmente trazia o subtítulo “Le Chant de l’amour triomphant”, que é o título de um conto de Ivan Turgenev, um dos autores favoritos do compositor. O conto, ambientado no século XVI, narra a história de dois homens de Ferrara, amigos muito próximos - um pintor e outro músico - apaixonados pela mesma mulher, e que concordam em aceitar a decisão dela. Ela faz a escolha menos complicada, e o músico, rejeitado, decide passar muitos anos viajando pela Índia e pelo Oriente.

Ele retorna com novas habilidades, algumas sombrias. Uma delas é tocar, num instrumento de cordas indiano, a estranha “Canção do Amor Triunfante”. Essa música tem um papel crucial no desdobramento sinistro da história. Assim como o seu professor, Cesar Franck, Ernest Chausson era desprovido de vaidade. Quando uma chuva de aplausos saudou a apresentação da obra em abril de 1897, o desorientado compositor apenas conseguia ficar repetindo: “Não consigo superar isso”.

Concerto em Ré Maior, Op. 21, para piano, violino e quarteto de cordas

A elaboração do concerto consumiu dois anos da carreira de Chausson. O terceiro movimento foi o primeiro a ser terminado, em 1º de maio de 1889, seguindo-se depois a Sicilienne e os andamentos inicial e final. Foi o público de Bruxelas quem conheceu a obra em primeira audição. O crítico musical Pierre Lalo considerou este concerto de Chausson “uma das obras mais consideráveis e mais interessantes escritas para música de câmara”. Tem-se frequentemente estranhado a formação pouco usual - piano, violino e quarteto de cordas - escolhida pelo compositor. Pela sua disposição instrumental, a obra se aparenta, por assim dizer, ao concerto francês concebido por François Couperin nos meados do século XVIII, mas, pela sua arquitetura, ele se avizinha mais ao Quinteto para piano e cordas composto cerca de dez anos antes por Cesar Franck. Em definição, Chausson conseguiu uma união estreita e perfeita entre o sistema harmônico de seu mestre e o universo rítmico leve de Fauré, assim se assistindo à implicação de um mundo “fauriano” num mundo “franckiano”. Desde o primeiro

movimento, Décidé (Decidido), o concerto obedece à forma cíclica. Os três grandes acordes iniciais farão o papel da célula cíclica. Cheia de agitação interior, esta introdução mergulha o ouvinte no clima sombrio e angustiado que dominará quase todo o andamento. Dois motivos vão se impor a seguir, ao longo de todo esse vasto movimento, o primeiro, animado, e o segundo, de uma maneira interrogativa e quase sonhadora. Em Lá menor, a Sicilienne é uma das mais belas páginas escritas por Chausson. A melodia sonhadora dessa pequena obra-prima de elegância evolui constantemente num piano cintilante e cristalino, evocando a arte de Fauré. No movimento seguinte, Grave, uma meditação “a la Fauré” se desenvolve como um lamento, cujo caráter obsessivo é acusado pelos desenhos repetitivos do piano e pela linha cromática escolhida por Chausson. Não será isso uma manifestação velada da inquietude e dos tormentos do artista? O final, Trèsanimé (Muito animado), explode no piano, sob o impulso de um motivo sincopado de uma extraordinária velocidade. Reaparecem os temas principais escutados no decurso da obra, enquanto o tempo se amplifica cada vez mais; e é por uma luminosa conclusão em Ré Maior que se encerra esta obra ao mesmo tempo sólida e lírica, construída como uma série de variações rítmicas sobre um motivo principal.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Mors et Vita (Morte e Vida)

Regência **Tobias Volkmann (RJ)**

12 de abril, 20h Comunidade do Redentor (São Francisco)
14 de abril, 16h30 Santuário N. S. do Guadalupe (Centro)

Solistas

Sopranista **Bruno de Sá (Brasil/Suíça)**
 Contratenor **Martin Oro (Argentina)**
 Tenor **Miguel Geraldi (SP)**
 Baixo-barítono **Daniel Germano (RS)**

NOTAS DE PROGRAMA

Stabat Mater de Giovanni Battista Pergolesi

Pouco antes do final de sua vida extremamente bem-sucedida, mas tragicamente curta, Giovanni Battista Pergolesi foi comissionado para fornecer música ao serviço anual da Sexta-feira Santa em homenagem à Virgem Maria. O Stabat Mater foi a resposta. O texto do Stabat Mater Dolorosa (Estava a Mãe Dolorosa) é um hino medieval, que contempla o sofrimento da Virgem Maria junto à Cruz de Jesus no Calvário. Sua famosa introdução queixosa, em que dois cantores cantam tão perto um do outro em tom que causam dissonâncias temporárias, foi feita para retratar a dor dos sujeitos: cada vez que os cantores têm apenas uma nota à parte, ele cria um som penetrante, com cada ocasião representando o martelar de um prego no corpo de Jesus. Pergolesi distribuiu o texto em doze trechos. O primeiro e o último foram escritos em Fá Menor, o que confere coesão ao ciclo. A variação da tonalidade e da marcação do compasso nos trechos intermediários evita a monotonia, acentuando ou atenuando a dramaticidade. Pesarosamente, ele escreveu e concluiu essas anotações enquanto estava no auge da tuberculose que viria ceifar sua vida em 1736. Stabat Mater tornou-se uma das mais importantes obras sacras do barroco italiano.

Cantata nº. 4 - Christ lag in Todesbanden de Johann Sebastian Bach

A cantata é uma peça vocal sacra ou secular que floresceu primeiramente na Itália no começo do século XVII. Luigi Rossi, por exemplo, escreveu muitas peças líricas curtas para voz solista e pequeno acompanhamento instrumental. Essas cantatas de câmara (ou cantate da camera) dividem-se tipicamente em várias seções, em que, com frequência, as árias se seguem umas às outras sem serem interrompidas pelo recitativo. No século XVIII, porém, a forma desenvolveu-se para incluir várias vozes solo, coro e orquestra. A cantata de igreja ou (cantata da chiesa) luterana alemã, que se tornou famosa graças a Johann Sebastian Bach, usava texto bíblico e apresentava árias, recitativos e corais. Na Cantata BWV 4 - Christlag in Todesbanden (Cristo jazia sob mortalhas), é uma obra composta para 1º Dia da Festa da Páscoa, estruturada em oito movimentos, divididos em partes solos com árias e duetos, coro e orquestra. Ela fala sobre o verdadeiro Cordeiro Pascal, o Senhor Jesus Cristo, que morreu pelos nossos pecados e a Sua ressurreição. O texto baseado na Bíblia Sagrada comenta que houve uma estranha luta onde se combateram a morte e a vida, mas, a vida alcançou a vitória anulando a morte. Por isso, devemos agradecer, nos alegrar e louvar a Deus cantando, Aleluia!

PROGRAMA

GIOVANNI BATTISTA PERGOLESI (1710- 1736)

Stabat Mater

Stabat mater dolorosa - *Coro Feminino*
 Cuius animam gementem - *Sopranista*
 O quam tristis et afflicta - *Coro Feminino*
 Quae maerebat et dolebat - *Contratenor*
 Quis est homo - *Solistas e Coro Feminino*
 Vidit suum dulcem natum - *Sopranista*
 Eia, mater, fons amoris - *Contratenor*
 Fac, ut ardeat cor meum - *Coro Feminino*
 Sancta mater, istud agas - *Sopranista e Contratenor*
 Fac ut portem Christi mortem - *Contratenor*
 Inflammatus et accensus - *Coro Feminino*
 Quando corpus morietur - *Solistas e Coro Feminino*

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

Cantata nº. 4 - Christ lag in Todesbanden

Versus I. Christ lag in Todesbanden - *Coro*
 Versus II. Den Tod... - *Vozes Femininas*
 Versus III. Jesus Christus, Gottes Sohn - *Tenor*
 Versus IV. Es war ein wunderlicher Krieg - *Coro*
 Versus V. Hier ist das rechte Osterlamm - *Baixo*
 Versus VI. So feiern wir das hohe Fest - *Sopranista e Tenor*
 Versus VII. Wier essen und leben wohl - *Coro*

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Novos Talentos

Regência **Isaque Lacerda (PR)**Viola solo **Denis Castilho (PR)**Violão solo **Walmor Boza (PR)****26 de abril, 20h**

Capela Santa Maria Espaço Cultural

27 de abril, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

MAX Reger (1873-1916)

Suíte nº 1 em Sol menor Op. 131d

Arranjo para orquestra de cordas de Victor Poltoratsky e Kenneth Martinson

- I. Molto Sostenuto
- II. Vivace - Andantino - Vivace
- III. Andante Sostenuto
- IV. Molto Vivace

LEO BROUWER (1939)

Tres Danzas Concertantes (1958)

- Allegro
- Andantino
- Toccata

RALPH VAUGHAN WILLIAMS (1872-1958)

Concerto Grosso para orquestra de cordas

- Intrata
- Burlesca
- Sarabande
- Scherzo
- Marchand Reprise
- Intrata

NOTAS DE PROGRAMA

Suíte nº 1 em Sol menor Op. 131d, de Max Reger

Originalmente as três suítes do op. 113d foram escritas para viola solo, sem acompanhamento. A Suíte nº 1 está estruturada na forma sonata, dividida em quatro movimentos, ao contrário das famosas suítes de Bach para instrumentos solo - de quem Reger imitava o estilo e a quem chamava de “o alfa e ômega da música” - que possuem movimentos de dança. Das três suítes, a primeira é a mais executada, sendo referência no repertório para viola solo. A versão para orquestra de cordas, popularizada pelo violista russo Yuri Bashmet, fez crescer o interesse pela obra, ocasionando sua introdução no repertório de orquestra. Composta em 1915, durante seus últimos anos de vida, foi estreada em 1916 e dedicada ao Dr. H. Walthers, compositor e grande amigo de Reger.

Tres Danzas Concertantes de Leo Brouwer

As Três Danzas Concertantes foi concluída por Leo Brouwer em 1958, quando ainda era um estudante de 19 anos. Considerada como um marco de originalidade e autoconfiança de um jovem compositor, tornou-se logo parte do repertório violonístico. Cada um dos três movimentos incorpora elementos rítmicos e melódicos da música popular cubana. O primeiro movimento é construído em uma forma A-B-A, tendo uma seção intermediária mais lenta e leve que as outras ao redor, que são mais rápidas e animadas. Uma bela passagem para cordas com surdina abre o segundo movimento, que é uma quieta e peculiar dança noturna. Motivos musicais transitam entre os diferentes naipes, onde são discutidos e dissecados em belos contrapontos. Uma cadência no violão

intervém, silenciando a orquestra, antes dessa assumir e dominar os compassos finais. O último movimento, uma Toccata, é uma exploração vivaz de ritmos sincopados com todos os seus movimentos. Em uma breve interrupção por uma seção contrapontística mais calma, a viola sutilmente apresenta o tema que domina o restante da peça. O material de abertura retorna com variação e, então, um tempo mais rápido leva o trabalho à sua conclusão.

Concerto Grosso para orquestra de cordas de Ralph Vaughan Williams

Foi escrita para a Associação das Escolas de Música Rurais da Inglaterra em comemoração aos seus 20 anos, tendo sido estreada em 1950 sob a regência do Sir Adrian Boult, contando para o evento com aproximadamente 400 músicos. Muito pouco executada, originalmente a obra é composta para uma formação bastante única, dividida em três seções (concertinho - para músicos com habilidades avançadas; tutti - para músicos com habilidades intermediárias; ad libitum - para músicos iniciantes, ou nas palavras do próprio compositor “open strings”) dando possibilidades para a performance conjunta de instrumentistas em diferentes etapas da formação musical. Dividida em cinco movimentos, a obra inicia-se com uma grande e expansiva “Intrata”, seguida por uma rústica “Burlesca” ostinada, com acompanhamento em pizzicato e uma fluida e suave seção central contrastante. O movimento central é uma rica, melódica e melancólica “Sarabande”. Na sequência, um “Scherzo”, por definição brincalhão, e uma ligeiramente sarcástica “Marchand Reprise”, que conduz a música de volta à inicial “Intrata”, fechando a obra.

CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Das Wunderkind Mozart

Regência **Mara Campos (SP)****10 de maio, 20h**

Capela Santa Maria Espaço Cultural

11 de maio, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

**WOLFGANG AMADEUS MOZART
(1756-1791)****Miserere KV 85 em Lá menor****Litaniae Lauretanae KV 109 (1771)**

Kyrie eleison

Sanca Maria

Salus infirmorum

Regina angelorum

Agnus Dei

Sancta Maria, mater Dei, KV 273**Missa Brevis em Fá Maior, KV 192 (1774)**

Kyrie

Gloria

Credo

Sactus

Benedictus

Agnus Dei

NOTA DE PROGRAMA

Um menino adulto e um adulto criança abrigaram o interior conturbado e extraordinário de um dos maiores nomes de toda a música produzida no ocidente. Forma e conteúdo, faces de uma breve e intensa vida em sintonia com as práticas musicais de seu tempo, aprofundando-as e ampliando-as para além do constante enfrentamento das convenções sociais vigentes e sem recursos financeiros para superá-las. Se é que é possível formular sínteses para uma alma tão complexa, Mozart vem sendo objeto de inúmeras idealizações avalizadas pelo estudo crítico, incluindo abordagens revisionistas de sua obra ao longo do tempo. Variedade, quantidade e qualidade de sua produção musical, somadas ao grande número de cartas que escreveu, 1.600 enviadas apenas para seus familiares, nos fazem pensar que o registro das ideias mozartianas, por vezes contraditórias entre a missiva e a partitura, poderiam ser a maneira compulsiva encontrada por esta persona (na concepção de Jung) para romper o que havia sido silenciado na infância e adolescência, no esforço para atender ao projeto obsessivo de seu pai que ressaltava sua condição de prodígio musical. Propósito ou predestinação que o acompanharam até o fim. É uma visão. Pouco se sabe de sua mãe, Anna Maria Pertl, já que o protagonismo da carreira musical, precoce e exaustiva, de Mozart foi exercido por seu pai, Leopold. A figura feminina, subordinada ao ethos de seu tempo, surge na vida de um Mozart imaturo emocionalmente, mas completo em sua arte. As obras sacras que compõem este programa foram criadas durante o período em que vagava por turnês

sucessivas enquanto absorvia a cultura musical ao seu redor e destilava habilidade e engenhosidade espantosas. Optamos pelo Mozart de 14 anos que, arrebatado pela audição do *Miserere* de Gregorio Allegri na Capela Sistina, compõe seu *Miserere* ao estilo antigo polifônico italiano, e pelo adolescente de 15 anos, que dedica sua *Litaniae Lauretanae* à Virgem Maria, para coro, quarteto solista, dois violinos e baixo contínuo, impregnado pelo legado da música barroca, assim como boa parte de sua obra sacra composta neste período. A flexibilidade para ir e vir em formas e estilos em meio à produção de óperas e sinfonias caracterizadas pelo período clássico nos traz um jovem atento a seu tempo, mas livre e consciente quanto ao seu espaço criativo. O moteto *Alma Dei Creatoris* e o *Gradual Sancta Maria, Mater Dei*, compostos aos 21 anos, são representativos da fase conturbada em Salzburg, entre negociações para que Leopold continuasse a prestar serviços junto ao arcebispo Colloredo, após impasse gerado pela reivindicação de melhores salários e a demissão de pai e filho. Mozart parte então em viagem com sua mãe em busca de oportunidades quando, em situação precária, Anna Maria morre em Paris. A Missa *Brevis em Fá Maior* é obra anterior, também denominada *Missa Credo*, por utilizar neste movimento o motivo de um canto-chão (C D F E), que será utilizado como material melódico no final de sua *Sinfonia Júpiter*, de 1788. Entre a irreverência e a solenidade, a mente fértil e a fragilidade do corpo, Mozart encontra no equilíbrio da arte a força para existir e permanecer como ideia, referência e genialidade.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Transfigurações Vienenses

Regência **Márcio Steuernagel (Brasil/Áustria)**

Piano solo **Fábio Martino (Brasil/Alemanha)**

17 de maio, 20h

Capela Santa Maria Espaço Cultural

18 de maio, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770-1827)

Grande Fuga Op. 133

(Viena 1825 - versão para orquestra de cordas)

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756-1791)

Concerto para piano nº 13 em Dó Maior, KV 415

1. Allegro
2. Andante
3. Allegro

ARNOLD SCHOENBERG (1874-1951)

Noite Transfigurada, Op.4

(Viena 1899 - versão para orquestra de cordas, 1917/1943)

NOTAS DE PROGRAMA

Transfigurações Vienenses

A prática de re-arranjar obras existentes, quer pela mão do próprio compositor, quer por outros compositores, maestros e instrumentistas, é muito mais comum na história da música do que a visão comum de um “cânone de obras primas” leva a crer. O concerto Transfigurações Vienenses traz três obras escritas em Viena em diferentes épocas, de compositores dos mais consagrados do repertório de concerto: Beethoven, Mozart e Schoenberg. As três obras têm em comum o fato de serem apresentadas não em sua versão original, mas transcrita, adaptada ou simplesmente executável com orquestra de cordas. O concerto cria assim um jogo entre consistência e variedade, com as diferenças de estilos e épocas de cada compositor revelando faces diferentes, mas profundamente conectadas entre si, da tradição musical austro-germânica.

Grande Fuga, Op. 133 de Ludwig Van Beethoven

A Grande Fuga, Op. 133, é uma composição em movimento único, originalmente escrita para quarteto de cordas. É uma imensa

fuga dupla, de difícil execução, e na época em que foi composta recebeu críticas de seus contemporâneos, que a desprezaram, dentre outras coisas, “incompreensível, como o chinês” e “uma confusão de Babel”, embora Beethoven certamente soubesse do seu valor. A partir do início do século XX, no entanto, as críticas foram se tornando mais e mais favoráveis, e hoje é considerado um dos grandes trabalhos de Beethoven. Stravinsky escreveria a respeito: “é uma peça absolutamente contemporânea, que será contemporânea para sempre”. Esta fuga foi escrita inicialmente como o último movimento do seu Quarteto nº 13 em Si bemol maior, Opus 130, no ano de 1825. A forma fugal como último movimento é uma tradição que vem de Haydn e Mozart, e o próprio Beethoven a usa em diversas ocasiões. Ao publicar a obra, seu editor, que prospectava vendas ruins deste trabalho, convenceu Beethoven a escrever outro movimento final, mais “convencional”, para este quarteto, e a Grande Fuga foi publicada separadamente em 1827, como Opus 133. O compositor dedicou a Grande Fuga ao Arquiduque Rudolph da Áustria, seu aluno e patrono.

Concerto para piano nº 13 em Dó Maior, KV 415 de Wolfgang Amadeus Mozart

O último dos três concertos oferecidos em assinatura, que o compositor executaria pessoalmente com grande sucesso durante sua “Academia” de 22 de março de 1783, é mais audacioso do que seus dois predecessores. Não só nele a instrumentação é mais rica (os sopros têm aqui grande importância, mesmo sem que nenhum tema solista lhes seja confiado) e a escrita, que recorre largamente ao contraponto, mostra traços da revelação recente dos mestres antigos, Bach e Haendel, o que Mozart devia ao barão van Swieten. O início do primeiro movimento desta obra quase faz acreditar

de que se trata de uma fuga, por causa da forma canônica que se apresenta. Seu ritmo de marcha, a alternância das dinâmicas forte e piano, dão ao “tutti” inicial construído sobre dois temas um aspecto enérgico e insólito, sendo seu momento mais notável a passagem polifônica a três partes, sobre um pedal de sol nos baixos. O solista faz sua entrada sobre um novo tema, retoma uma parte do primeiro motivo antes de uma série de arpejos que introduzem seu motivo livre. Mozart pensara, a princípio, o “Andante” na tonalidade de dó menor, mas ele deve ter considerado tal projeto muito ambicioso (especialmente para o público ao qual se dirigia). Mas, ao menos por uma vez, não há nada de verdadeiramente apaixonante nesta página cuja cantilena em três partes é, no mínimo, atraente. Já o “Allegro” final, bem mais interessante, está na forma Rondó, cujo tema é apresentado pelo solista e retomado pela orquestra, que o completa por meio de uma nova melodia, ela mesma seguida de um tema agreste. Uma fermata inesperada põe fim a este brilhante início: e eis que surge um “Adagio” em dó menor. São 15 compassos envolventes antes de uma nova fermata e do retorno ao Rondó. Após uma última fermata, a volta da leveza e a conclusão em pianíssimo de uma obra na qual Mozart soube conciliar com extrema habilidade suas aspirações e as de seus ouvintes, sem qualquer concessão.

Noite transfigurada, Op. 4 de Arnold Schoenberg

“Minha obra não ilustra nem ação nem drama, mas se limita a exprimir sentimentos humanos.” Ainda que o compositor tenha se referido, dessa forma, à Noite Transfigurada, é possível pensar na obra como uma espécie de drama sem palavras, perfeitamente articulado às cinco estrofes do poema de Richard Dehmel, que lhe serve de inspiração. *Zwei Mensch* apresenta o diálogo de dois

amantes, durante uma caminhada à luz da lua. A mulher, com passos incertos, sob o peso da culpa, confessa uma gravidez, fruto de relacionamento anterior. Diante de seu “olhar sombrio”, que interroga “mergulhado na claridade”, o homem oferece mais que um consentimento. Assume a criança como filha, fruto “dos milagres da natureza, que transformaram essa noite trágica em noite transfigurada”. Aqui é o próprio compositor que se refere à obra, ao observar ainda que são retomados “temas das partes precedentes, a fim de glorificar esse momento de transcendência”. Entre os temas que circulam pela partitura como *Leitmotiven*, o primeiro é enunciado, logo de início, dobrado em oitavas pelas violas e violoncelos. A reminiscência da melodia de *Gute Nacht*, o *Lied* que abre a longa caminhada da “Viagem de Inverno” de Franz Schubert, aponta para o diálogo que o compositor empreende com a tradição. É o diálogo que, em artigo de 1931, *Schoenberg* ilustra, ao enumerar um longo aprendizado com diversos compositores. Dentre eles, dois estão muito presentes em *Noite Transfigurada*: Wagner e Brahms. Do primeiro, entre outras lições, o autor faz referência ao “emprego que se pode fazer dos temas, segundo sua expressão” e às possibilidades de “conceber temas e motivos enquanto entidades autônomas, o que permite sua superposição dissonante a certas harmonias”. Na *Noite transfigurada*, mesmo com a ambiência dissonante e a intrincada trama polifônica, a expressão exacerbada de sentimentos arrebatada o ouvinte. Além de Wagner, a presença brahmsiana é forte, em aspectos como a estruturação melódica e harmônica, e se faz notar também pela observação schoenberguiana de “não economizar, não regatear quando a clareza exige mais espaço; levar cada figura às suas últimas consequências”. Esse princípio está associado principalmente à recorrência

de materiais rítmico-melódicos. Por outro lado, a repetição, mesmo submetida a transformações que acompanham de perto a própria evolução do drama, contribui para a compreensibilidade da obra. Exemplo disso é a volta, em diversos momentos, do tema que anunciava o início da caminhada dos amantes, e que, ao final, é revisitado. Trata-se de uma seção conclusiva, de rara leveza e transparência, em que a tonalidade mesma – agora Ré maior – participa da transformação de que fala o poema. *Noite Transfigurada (Verklärte Nacht)* é uma das obras emblemáticas do expressionismo em música. Obra-prima, inesgotável, que ainda tem muito a dizer, assim como as lições da trajetória de seu jovem criador. Precoce, aos 25 anos, com uma segurança de ofício admirável para um autodidata – que, vale dizer, ensinou e ensina, direta ou indiretamente, a ilustres compositores, do século XX aos nossos dias –, Schoenberg deixou-nos um exemplo de trabalho, em meio a lutas e dificuldades de toda ordem. Legado de um espírito inquieto e combativo que, a exemplo do argumento dessa *Noite Transfigurada*, era dotado de uma capacidade singular de superação.

Texto de Oiliam Lanna

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Mia Cara Floripa & Curitiba - Il Viaggio in Italia

Direção Musical e Violino solo **Olivia Centurioni (Itália)**

30 de maio, 20h

Teatro Ademir Rosa - Florianópolis/SC

31 de maio, 20h

Capela Santa Maria Espaço Cultural

1º de junho, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

IL VIAGGIO IN ITALIA

Roma/Veneza/Napoli Express

ROMA

ARCANGELO CORELLI (1653-1713)

Concerto Grosso em Ré Maior, Op. 6 n°4

Adagio - Allegro

Adagio

Vivace

(Giga) Allegro

GIUSEPPE VALENTINI (1681-1753)

Concerto Grosso em Lá menor Op.7 n°10

Andante

Allegro

Grave

Allegro

PIETRO CASTRUCCI (1679-1752)

Concerto Grosso em Ré Maior Op.3 n°12

Introduzione Allegro

Adagio Andantino

Allegro

Gavotta (Andante)

VENEZIA

ANTONIO VIVALDI (1678-1741)

Concerto para cordas em Lá Maior RV 158

Allegro molto

Andante molto

Allegro

Concerto detto “Il Favorito” em Mi menor RV 277

Allegro

Andante

Allegro

Concerto para cordas em Dó Maior RV 115

Allegro

Largo

Allegro

NAPOLI

ALESSANDRO SCARLATTI (1660-1725)

Concerto Grosso n° 3 em Fá Maior

Allegro - Largo

Allegro

Largo

Allegro

GIUSEPPE PORSILE (1680-1750)

Sinfonia em Ré Maior

Allegro Assai

Adagio e Piano

Prestíssimo

Menuetto, Allegro

NOTA DE PROGRAMA

Il Viaggio in Italia - Roma/Venezia/ Napoli Express

Uma das formas mais interessantes da música barroca é o concerto, palavra que, tanto pode ter vindo do italiano no sentido de “consonância” quanto do significado original latino que significa “disputa”. A ideia do concerto remonta à Renascença. Sua semente está nas peças policorais escritas por compositores como Gabrielli.

As ideias de oposição e contraste acentuado levaram à concepção do concerto grosso barroco. Neste, os compositores opunham dois grupos instrumentais: um pequeno grupo de solistas chamado *concertino* (em geral constituídos por dois violinos e um violoncelo), contra uma orquestra de cordas conhecida por *ripieno* (pleno) ou *tutti* (todos os instrumentos juntos). O cravo ou órgão contínuo era também usado para enriquecer a tessitura do *ripieno*, além de fornecer as harmonias de apoio para os instrumentos do *concertino*, quando estes executavam

as suas partes. Do concerto grosso nasceu o concerto solo, no qual um único instrumento é lançado contra a massa de uma orquestra de cordas. Essa ideia de oposição, com o decorrer dos anos, fortaleceu-se ainda mais; e o compositor frequentemente fornecia ao solista algumas passagens difíceis e expressivas. Quase sempre os concertos solo eram compostos de três movimentos (rápido-lento-rápido). Os dois movimentos rápidos se apresentam na forma *ritornello*. Essa palavra quer dizer retorno e, no caso, refere-se ao tema principal, que era tocado pela orquestra no princípio do movimento, voltando depois mais ou menos completo, após as partes de solo, tocadas com pequeno apoio orquestral.

Essa é a característica deste concerto “Il Viaggio in Italia” com obras dos mestres compositores do barroco italiano: Arcangelo Corelli, Giuseppe Valentini, Pietro Castrucci, Antonio Vivaldi, Alessandro Scarlatti e Giuseppe Porsile, que parte de Roma e faz conexões em Veneza e Nápoles.

CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

IV Semana de Canto Coral Henrique de Curitiba

Homenagem a *Ingrid Müller Seraphin (PR)*

Direção artística **Mara Campos (SP)**

CONCERTOS DE MAIS DE 40 COROS CONVIDADOS

11 a 14 de junho, 20h

Capela Santa Maria Espaço Cultural

15 a 16 de junho, 14h e 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural

OFICINAS

LÚCIA PASSOS (RS)

“Minha Voz, meu caminho”

Técnica vocal para o trabalho coral

REYNALDO PUEBLA (SP)

ANA ABE (SP)

“Canto em cena”

Integração entre voz e movimento

ANA YARA CAMPOS (SP)

MARA CAMPOS (SP)

“Um canto multiplicado”

Construção e montagem de repertório coral



NOTA DE PROGRAMA

IV SEMANA DE CANTO CORAL HENRIQUE DE CURITIBA

O Coro da Camerata Antiqua de Curitiba renova seu compromisso com o Canto Coral ao receber as centenas de vozes multiplicadas que ressoarão na Capela Santa Maria, e por toda Curitiba, nesta IV Semana de Canto Coral dedicada, desde sua primeira edição, ao compositor Henrique de Curitiba.

Ao dar vida a seus repertórios, os mais de 40 Coros convidados, de variadas modalidades e performances, apresentarão nesta edição da IV SCCHC um generoso espectro de estilos, períodos e estéticas na interpretação e divulgação da música coral.

Tão significativa quanto a interlocução entre os grupos corais, fortalecida no

diálogo com o público, será a realização de Oficinas destinadas a coralistas, regentes, estudantes e profissionais da área coral e educação musical. Sob a orientação de Lúcia Passos, Ana Yara Campos, Reynaldo Puebla e Mara Campos, ocorrerão encontros, aulas e ensaios voltados para a construção e fortalecimento das referências fundamentais à sustentação da atividade de canto coral como ação artística consciente e plena.

E para comemorarmos os 45 Anos da Camerata Antiqua de Curitiba, nossa homenageada é Ingrid Müller Seraphim, musicista fundadora do grupo, e da Oficina de Música de Curitiba, sendo uma das responsáveis pelo movimento de música antiga no Estado do Paraná.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Fantasia Brillhante Carmen

Direção Musical e Violino solo **Priscila Rato (RJ/BA)**

28 de junho, 20h

Capela Santa Maria Espaço Cultural

29 de junho, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

MAX BRUCH (1838-1920)

Octeto em Si bemol Maior

Allegro moderato

Adagio

Allegro molto

JENŐ HUBAY (1858-1937)

Fantasia Brillhante Carmen, Op. 3, nº 3

(Adaptação para violino e cordas de Jamberê Cerqueira)

Octeto em Si bemol Maior de Max Bruch

Em 27 de agosto de 1919 morre Clara Bruch. Compreensivelmente, sua morte, bem como a terrível condição da derrotada Alemanha mergulharam Bruch em grande desespero. No início do ano de 1920, no entanto, ele foi capaz de compor novamente. Aparentemente, ele não estava satisfeito com o seu terceiro quinteto. Então ele retrabalhou-o para o Octeto em Si bemol Maior para quatro violinos, duas violas, violoncelo e contrabaixo. Após uma introdução lenta conduzida pela viola, o Allegro Moderato (em forma Sonata) faz uso efetivo de um primeiro tema dramático e um segundo tema lírico, com mais desenvolvimento do que se ouve frequentemente em Bruch. Uma coda encerra o movimento. O Adagio em Mi bemol menor começa com um tema cantabile e então vai para um tema mais ardente e afirmativo em modo maior. Depois de uma passagem parecida com uma marcha, o segundo tema retorna e o movimento termina suavemente. Embora Bruch não forneça um Scherzo em si, o último movimento - Allegro molto - contém elementos vivos e alegres de um Scherzo. Este final começa bastante brilhante e otimista e conclui com uma coda. Pouco depois de completar o octeto, a saúde de Bruch se deteriorou, tornando-se cada vez mais instável nos meses seguintes, até sua morte em 2 de outubro de 1920. Apesar das circunstâncias em que foi criado, o octeto não dá a impressão de uma despedida - seu final parece expressar a esperança que Bruch nutria, mesmo durante sua última doença, de que ele iria ficar bem o suficiente para visitar alguns dos lugares de sua juventude.

Fantasia Brilhante Carmen, Op. 3, nº 3 de Jenő Hubay**(Adaptação para violino e cordas de Jamberê Cerqueira)**

A fantasia operística, como um veículo para a exibição de virtuosismo, surgiu no século XIX, notavelmente com o “violinista demoníaco” Paganini, cujas variações sobre “I Palpiti” de Rossini são um bom exemplo disso. Compositores e músicos contemporâneos e posteriores se dedicaram a explorar este universo (encantador ao público) ao retrabalhar temas de óperas, expandindo-os, desenvolvendo-os e concatenando-os numa obra denominada Fantasia. Lizst foi profícuo na criação de fantasias operísticas para piano. A própria ópera Carmen, de Bizet, já foi objeto de diversos compositores e arranjadores.

E a versão para violino e orquestra, por exemplo, encontra nas versões de Pablo de Sarasate e Franz Waxman outros ótimos trabalhos. A pirotecnia violinística, a exploração dos recursos sonoros e expressivos do instrumento, bem como a construção bem-sucedida do diálogo entre solista e grupo acompanhante são marcas deste opus de Jenő Hubay.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA**Dixit Dominus de Händel**Regência **Luís Otávio Santos (MG/SP)****5 de julho, 20h**
6 de julho, 18h30Capela Santa Maria Espaço Cultural
Capela Santa Maria Espaço Cultural**PROGRAMA****GEORG FRIEDRICH HÄNDEL (1685-1759)**
DIXIT DOMINUS (SALMO 110)

1. Coro: Dixit Dominus
2. Ária alto: Virgam virtutis
3. Ária soprano: Tecum principium
4. Coro: Juravit Dominus
5. Coro: Tu es sacerdos
6. Solos e Coro: Dominus a dextris tuis
7. Duo sopranos e vozes masculinas: De torrente in via bibet
8. Coro: Gloria Patri

NOTA DE PROGRAMA**Dixit Dominus de Georg Friedrich Händel**

Dixit Dominus pertence aos anos de esplendorosa criatividade mediterrânea de Händel e foi, muito provavelmente, escrito para as “Vésperas” na Igreja de Santa Maria do Monte Santo, para o Festival da “Madonna del Carmine”, celebrado no dia 16 de julho. A obra representa a partitura autógrafa mais antiga de Händel. O *Dixit Dominus* tem o texto do Salmo 110 da Vulgata latina. Sua estrutura consta de oito números e distingue-se por sua inspiração teatral e sua inesgotável capacidade para ilustrar musicalmente, às vezes de forma literal, as palavras do salmo que lhe dá nome. Mesmo carecendo da delicadeza e da pureza sonora das composições do período de maturidade, é uma obra transbordante de entusiasmo e vigor juvenis. Nessa obra de juventude do compositor, ele comprova a absorção da música de seus mestres, chegando a ultrapassá-los. Sua escritura musical, já nessa fase, é muito atrevida harmonicamente, com a inclusão de efeitos corais mais originais, intrincados e complexos.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Armênia - 88

Direção Musical e Violino solo **Cármelo de los Santos (Brasil/EUA)**

9 de agosto, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

10 de agosto, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

TOMASO VITALI (1663-1745)

Ciaccona em Sol menor

ALEXANDER ARUTIUNIAN (1920-2012)

Concerto para violino, Armênia - 88

Andante sostenuto

Allegretto (Scherzando)

Adagio recitativo

Allegro molto

PIOTR ILYICH TCHAIKOVSKY (1840-1893)

Serenata para cordas em Dó Maior, Op. 48

Pezzo in forma de Sonatina: Andante non tropo - Allegro moderato

Walzer: Moderato - Tempo di valse

Élégie: Larghetto elegiaco

Finale (tema russo): Andante - Allegro con spirito

NOTAS DE PROGRAMA

Ciaccona em Sol menor de Tomaso Vitali

A origem da famosa Ciaccone em Sol menor, atribuída ao compositor barroco Tomaso Antonio Vitali, continua sendo um enigma. A partitura foi descoberta e publicada pelo violinista alemão Ferdinand David em 1867. David estreou o Concerto para Violino de Mendelssohn e sua versão de Ciaccone inclui uma citação do concerto no acompanhamento de piano. Houve especulações de que o próprio David tivesse escrito a Ciaccone, principalmente por causa das modulações harmônicas, estranhas à linguagem barroca do tempo de Vitali. No entanto, o original esteve nas mãos do copista Jacob Lindner, que trabalhava em Dresden na época em que Vitali ali viveu. As palavras "Parte del Tomaso Vitalino" estão escritas no canto da página do manuscrito original. Além disso, o pai de Vitali, Giovanni Battista Vitali, escreveu uma Ciaccone igualmente audaciosa. A Ciaccone em Sol menor é uma série de variações construídas sobre um baixo que se repete, em tempo ternário lento.

Concerto para violino, Armênia-88 de Alexander Arutiunian

Apesar de não ser tão famoso quanto o seu Concerto para Trompete, o Concerto para Violino de Arutiunian é uma excelente obra. Ela foi escrita em memória ao devastador terremoto que aconteceu na cidade armênia de Spitak em 1988 e dedicada ao violinista Ruben Aharonyan, primeiro intérprete do concerto, cuja "avant-première" aconteceu em Yerevan no ano seguinte. A obra é introspectiva, cheia de sentimento, sem ser enjoativa. Foi descrita pelo compositor Joseph Horowitz como um trabalho que "transborda de graciosa invenção melódica, vitalidade rítmica, intensidade emocional profundamente

sentida e exuberância dionisiaca". A abertura Andante sostenuto é densa e muito melódica, o Allegretto é uma fascinante brincadeira entre solista e orquestra, o longo Adagio recitativo, profundamente comovente, e o final - Allegro molto - ágil e eletrizante por um lado, e por outro, muito mais profundo do que se esperaria de um movimento conclusivo.

Serenata para cordas em Dó Maior, Op. 48 de Piotr Ilyich Tchaikovsky

Após ter hesitado entre uma sinfonia ou um quinteto de cordas, estreou na versão para cordas, no Conservatório de Moscou a 21 de novembro de 1880. A obra é considerada ainda hoje uma das composições mais definidas e marcantes do final da era romântica. Em sua partitura original, Tchaikovsky supostamente escreveu "quanto maior a orquestra de cordas, melhor serão preenchidos os desejos do compositor". O primeiro movimento segue o estilo solene das aberturas francesas (lento-rápido); na parte rápida são expostos três temas diferentes, dentro da estrutura do estilo clássico da forma Sonata. Um dos trechos mais conhecidos desta obra, a Valsa do segundo movimento, tem a sua parte central formada por uma série de arpejos descendentes em modo menor e em constante modulação tonal. A Élégie surge com um caráter quase religioso, que se transforma num trecho de grande lirismo na parte central do movimento. Após o retorno ao primeiro tema, conclui com a coda final. Os dois temas russos do último movimento foram tirados de uma coletânea de Mily Alexeyevich Balakirev. O primeiro tema é ritmado, característico por suas síncopes, e o segundo é alegre e enérgico. Podem representar uma festa no campo.

CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Uma Tapeçaria Americana

Regência **Angela Broeker (Estados Unidos)**

23 de agosto, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

24 de agosto, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

WILLIAM BILLINGS (1746-1800)

Arranjo de Brad Holmes

Now Shall My Inward Joys Arise

THE SOCIAL HARP, JOHN MCCURRY

Arranjo de Brad Holmes

Weeping Mary

DOMINICK ARGENTO (1927)

Gloria from The Masque of Angels

LEONARD BERNSTEIN (1918-1990)

Sanctus from Mass

DANIEL ELDER (1986)

Three Themes of Love and Light

Z. RANDALL STROOPE (1953)

Conversion of Saul

STEPHEN PAULUS (1949-2014)

Pilgrim's Hymn

JAKE RUNESTAD (1986)

We Can Mend the Sky

ERIC WHITACRE (1970)

I carry my heart

MORTEN LAURIDSEN (1943)

Dirait-on from Les Chansons des Roses

TREY MCLAUGHLIN

Hosanna

STACEY GIBBS

Way Over in Beulah Lan'

NOTAS DE PROGRAMA

Now Shall My Inward Joys

Weeping Mary

Nossas duas primeiras peças estão enraizadas na Singing School, uma tradição dos Estados Unidos iniciada no século XVII para educar os frequentadores da igreja no processo de leitura da tradição musical escrita. No século XVIII, os manuais para essas escolas haviam se tornado padronizados e cada um continha centenas de peças escritas em notação musical específica, um sistema de escrita musical em que notações com diferentes formas correspondiam a quatro sílabas de solfejo. Até hoje as convenções de canto continuam nos Estados Unidos e, recentemente, coros de formação clássica adicionaram essa música ao seu repertório. Brad Holmes, conhecido compositor coral e maestro do Estado de Illinois, organiza essas melodias do século XVIII para coros. Nossa apresentação também inclui um timbre vocal que lembra essa tradição dos Estados Unidos.

Gloria

Sanctus

Estes dois movimentos, contendo textos da missa católica, foram escritos por dois extraordinários compositores americanos do século XX: Dominick Argento e Leonard Bernstein. Ambos dedicaram grande parte de sua produção composicional aos trabalhos teatrais. Argento escreveu 13 óperas, incluindo Masque of Angels, que contém o Gloria de hoje; Bernstein escreveu 11 trabalhos para o palco e o cinema, incluindo seu trabalho teatral Mass, que contém o Sanctus do concerto. Os dois compositores eram mestres no lirismo e escreviam para a voz humana enquanto infundiam seus trabalhos com gestos rítmicos que são universais em seu apelo.

Three Themes of Love and Light

In Your Light,

A Breathing Peace

In Drumsound Rises

Como compositor contemporâneo de música instrumental e coral, é natural que a música coral de Daniel Elder tenha adicionado cores instrumentais que ajudam a iluminar a mensagem do texto. É o caso do Three Themes of Love and Light (Três Temas de Amor e Luz) para coro e uma série de instrumentos de percussão. Usando a poesia do poeta persa do século XIII, Rumi, Elder tece uma tapeçaria coral de três movimentos, que leva o ouvinte a uma jornada emocional. Usando as palavras de Elder: "In Your Light começa este ciclo de Rumi com um tom poderosamente energizado que expressa toda a profundidade e a alegria inerente à poesia". A Breathing Peace descreve atmosféricamente uma cena tranquila da noite. E como todos os trabalhos de Rumi, há uma emoção poderosa esperando para explodir adiante, como descrito na linha contrastante final: "a captura súbita de chammas". Em In Drumsound Rises, a alegria extasiante de In Your Light é ecoada e desenvolvida, como a reserva tranquila do segundo movimento lento se desdobrando gradualmente em um longo crescendo para uma liberação total e irrestrita.

Conversion of Saul

Pilgrim's Hymn

Dois dos compositores corais contemporâneos mais prolíficos dos EUA são Z. Randall Stroope, 1953 (mais de 180 trabalhos para coro) e Stephen Paulus, 1949–2014 (mais de 300 trabalhos para coro). Stroope, conhecido por seu lirismo e ricas harmonias da era romântica, parte de seu estilo tradicional na Conversion of Saul (Conversão de Saul). Em vez disso, ele utiliza ritmos de condução, métrica mista, texto falado, ritmos com os pés e intervalos melódicos e harmônicos inesperados para descrever a história bíblica da conversão de Saul ao apóstolo Paulo no caminho de Damasco. Amado por coros nos Estados Unidos e no mundo, o Pilgrim's Hymn foi cantado nos funerais do presidente Gerald Ford e do presidente Ronald Reagan. Originalmente o movimento final da ópera de Paulus, Os Três Eremitas, o Pilgrim's Hymn (Hino de Peregrino) se tornou seu trabalho coral mais popular depois de ter sido publicado separadamente em 1996.

We Can Mend the Sky

Atualmente, o mais procurado compositor coral dos Estados Unidos, Jake Runestad escreve música coral centrada em torno de questões de justiça social e outros tópicos contemporâneos. Moradora de

Minnesota, a irmã de Jake leciona em uma escola que abriga muitos imigrantes somalis. Ela fez seus alunos escreverem poemas sobre sua experiência de imigração. E Jake usa um desses poemas, juntamente com dois provérbios somalis, como seu texto para We Can Mend the Sky. A peça começa com as reiterações de "naftu", a palavra somali para vida ou alma, seguida pela primeira parte do poema que descreve o sonho da garota para um mundo sem violência e sofrimento. Este trecho é seguido por uma seção que retrata o caos ao fugir durante a guerra, definido com palavras somalis que traduzem como "salvar sua vida, correr com todas as suas forças". Finalmente, Jake transita para o ambiente de uma nova vida nos EUA com o desejo: "Se nos unirmos, podemos reparar uma fenda no céu".

I carry my heart

Dirait-on

Certamente, nenhum programa de música coral dos EUA está completo sem a representação de Eric Whitacre e Morten Lauridsen. Ambos desenvolveram estilos de composição que são imitados por inúmeros compositores em todo o mundo. Usando o famoso poema de e.e. cummings, I carry your heart, Whitacre tipifica seu estilo com clusters pandiatônicos. Para essas lindas harmonias verticais, no entanto, ele adiciona portamentos sutis nas vozes do alto e soprano, convidando o ouvinte para uma experiência sonora ainda mais profunda. O Dirait-on de Lauridsen faz parte do seu ciclo de cinco movimentos, Les Chansons Des Roses, com texto de Rilke. Embora escrito antes dos outros quatro movimentos, Dirait-on realmente conclui o trabalho e é preenchido com polifonia elaborada e elegante, escrita no teclado.

Hosanna

Way Over in Beulah Lan'

Concluimos nosso concerto com duas peças da tradição afro-americana. A música gospel, representada por Hosanna, é um gênero enraizado na igreja negra urbana. Trey McLaughlin, compositor e maestro da histórica Tabernacle Church em Augusta, Geórgia, e líder do grupo vocal profissional, Sounds of Zamar, é a música gospel no seu melhor. Stacey Gibbs segue a tradição de William Dawson e Moses Hogan, organizando melodias espirituais negras para o concerto no palco. Nascidas da opressão durante um período sombrio na história dos EUA, essas canções são muitas vezes preenchidas com mensagens duplas sobre uma vida melhor - seja na vida além ou em uma nova vida aqui na terra como um povo livre.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Mozart Ensemble

Direção Musical e Violino solo **Paulo Hübner (PR)**Viola solo **Denis Castilho (PR)****31 de agosto, 18h30** Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

WOLFGANG AMADEUS MOZART
(1756-1791)

Quarteto em Dó Maior, K. 465

(Quarteto das Dissonâncias)

Adagio-Allegro

Andante Cantabile

Minueto

Allegro

MOZART ENSEMBLE

Dan Tolomony - violino I

Paulo Hübner - violino II

Denis Castilho - viola

Klaiton Laube - violoncelo

WOLFGANG AMADEUS MOZART
(1756-1791)Sinfonia Concertante em Mi bemol Maior,
K. 364

Allegro majestoso

Andantino

Presto

MOZART ENSEMBLE

Paulo Hübner - violino I

Dan Tolomony - violino II

Denis Castilho - viola I

Roberto Hübner - viola II

Klaiton Laube - violoncelo

Martinho Lutero Klemann - contrabaixo

NOTAS DE PROGRAMA

Quarteto em Dó Maior, K. 465 (Quarteto das Dissonâncias)

Este é o último dos seis quartetos de Mozart dedicados ao mestre e amigo Joseph Haydn. Concluído em janeiro de 1785, ele oferece vivos contrastes e as evocações de estados de alma cambiantes, muito humanos. O primeiro movimento dá precisamente o mais claro desses contrastes, pois antes do luminoso “Allegro” em Dó Maior há uma célebre e tenebrosa introdução em “Adagio” na tonalidade de Dó menor, o que rendeu ao quarteto o cognome de “Quarteto das Dissonâncias”. Teóricos bem-intencionados tentaram “corrigir” essas ásperas dissonâncias, mas a verdade

é que Mozart trabalha magistralmente o tecido polifônico, de modo a abrandar gradualmente a tensão. O “Allegro” tem a limpidez de um cristal, fruto de uma vitoriosa ultrapassagem de si mesmo. A exposição oferece três temas diferenciados por uma agógica contrastada. O desenvolvimento, muito áspero, muito denso, elabora polifonicamente o motivo inicial do tema principal, modula com grande audácia e faz mesmo ressurgir os sombrios fantasmas da introdução. O segundo movimento “Andante Cantabile” é de um sentimento poético muito raro, uma das mais belas inspirações líricas de Mozart, e reencontra, aprofundando-o, o clima expressivo do andamento lento de outro quarteto, o em Sol menor, K. 387. O movimento que segue, “Menueto”, é de uma alegria sadia e rude, e alterna de forma brusca o “forte” e o “piano”. O tocante trio em Dó menor consiste num solo cantante e elegiaco do primeiro violino, cujos suspiros serão retomados, no fim, pelo violoncelo, sob uma forma modificada. O alegre final “Allegro” presta novamente homenagem ao espírito de Haydn pelo seu tema inicial, cuja natureza e construção periódica parecem inicialmente anunciar um rondó. Contudo, trata-se de uma ampla e muito ortodoxa forma Sonata. A Coda, de um virtuosismo de brilho quase orquestral, encerra com uma nota de triunfo o ciclo dos seis quartetos dedicados a Haydn, que, aliás, teria dito ao se lhe apresentar a obra, de que “ela era um equívoco, que aquilo não podia ser”. Então, lhe disseram: “mas é de Mozart”. E o velho Haydn teria respondido: “Bem, neste caso, trata-se de um flagrante erro de minha parte; eu é que não entendi”.

Sinfonia Concertante em Mi bemol Maior, K. 364

Continua sendo ignorada a ocasião em que Mozart compôs esta obra,

incontestavelmente uma das mais importantes dentre as que vieram à luz naquele ano de 1779, ao lado da Missa da Coroação e da Serenata Posthorn. Pouco depois ele esboçaria o “Allegro” de uma outra sinfonia concertante, desta vez para violino, viola e violoncelo, mas pararia pelo caminho. Bem menos marcada pela influência parisiense do que as composições de 1778, esta página célebre e magistral mostra até que ponto a estética de Mozart evoluiria sem parar: a riqueza da escrita instrumental, ampliada por esta tonalidade de Mi bemol Maior, tão cara ao músico, não tem igual senão nas melodias desenvolvidas em um dueto de rara nobreza pelos instrumentos solistas. A versão transcrita para sexteto, também chamada de “Grande Sestetto Concertante”, é uma de várias que foram feitas, como, por exemplo, para piano a quatro mãos ou para piano trio, e data de 1808. Nela, além dos pares de violino e viola, é opcional a utilização de um par de violoncelos ou de uma dupla violoncelo-contrabaixo. O primeiro movimento, “Allegro majestoso”, de bela amplitude, começa por dois temas. O primeiro inicia de forma marcial e cede lugar a uma melodia simples. O segundo é introduzido em dueto pelo violoncelo e pela viola, acompanhado pelos demais músicos. O movimento a seguir, “Andantino”, é um pungente e comovido canto em Dó menor. O diálogo de melodias entre os instrumentos é de uma admirável beleza. O “Presto”, movimento final, abre-se sobre uma jovial e divertida contradança. Mais uma vez o gênio de Mozart ultrapassou os limites de um gênero: seduzido em Paris pela sinfonia concertante, cuja voga estava em seu momento máximo, ele a coloca fora do seu quadro galante, em um universo sonoro marcado pela atmosfera da Alemanha.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Cantatas de Bach

Regência **Diego Schuck Biasibetti (RS)****6 de setembro, 20h**
7 de setembro, 18h30Capela Santa Maria Espaço Cultural
Capela Santa Maria Espaço Cultural

Solistas

Soprano **Naura Sant'Ana (MS/PR)**
Contralto **Ariadne Oliveira (PR)**
Tenor **Maico Sant'Anna (RJ/PR)**
Baixo **Cláudio de Biaggi (PR)**

PROGRAMA

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

Aus der Tiefen rufe ich, Herr, zu dir, BWV 131

1. Coro: Aus der Tiefen rufe ich, Herr, zu dir
2. Arioso e Coral (soprano, baixo): So du willst, Herr, Sünde zurechnen
3. Coro: Ich harre des Herrn, meine Seele harret
4. Ária e Coral (alto, tenor): Meine Seele wartet auf den Herrn von einer Morgenwache
5. Coral: Israel hoffe auf den Herrn; denn bei dem Herrn

Der Herr Denket An Uns, Bwv 196

1. Sinfonia
2. Coro: Der Herr denket an uns
3. Ária soprano: Er segnet, die den Herrn fürchten
4. Duetto tenor e baixo: Der Herr segne euch
5. Coro: Ihr seid die Gesegneten des Herrn

Nach dir, Herr, verlanget mich, BWV 150

1. Sinfonia
2. Coro: Nach dir, Herr, verlanget mich
3. Ária soprano: Doch bin und bleibe ich vergnügt
4. Coro: Leite mich in deiner Wahrheit
5. Trio alto, tenor e baixo: Zedern müssen von den Winden
6. Coro: Meine Augen sehen stets zu dem Herrn
7. Coro: Meine Tage in dem Leide

NOTAS DE PROGRAMA

A obra de Johann Sebastian Bach é considerada a maior unanimidade da história da música. Ninguém se arrisca a desqualificá-la. Bach não foi um renovador como Beethoven,

Wagner ou Debussy, mas um grande consolidador de formas. Ele trabalhou em todos os gêneros (tirando a ópera), os aperfeiçoando ao máximo, e colocando sua marca pessoal, inigualável. Não há dúvida também que Bach foi dos grandes compositores, aquele que mais tinha domínio técnico - foi o melhor de todos os polifonistas e o maior mestre da fuga e do contraponto de todos os tempos. Mas toda sua maestria de artesão da música, não excluiu a sensibilidade de sua arte, uma das mais expressivas e profundas do século XVIII. Bach tinha inabalável fé luterana e provou isso com inúmeras obras sacras. Dentre elas, as cantatas constituem o grosso da sua produção que compôs ao longo da vida, e todas despertam interesse.

Aus der Tiefen rufe ich, Herr, zu dir, BWV 131

Foi descrito como possivelmente a primeira cantata sobrevivente de Bach. Para ser a primeira, deve-se assumir não apenas que antecede outras cantatas escritas em Mühlhausen (sabemos que ele escreveu pelo menos uma outra lá), mas também que não há uma cantata sobrevivente de seu post anterior em Arnstadt. Parece provável que Bach estivesse compondo música coral em Arnstadt. Embora tivesse apenas 22 anos quando assumiu a nomeação em Mühlhausen, o desempenho de uma obra de sua própria composição parece ter sido parte do processo de seleção. Estudos recentes sugerem que outra cantata sobrevivente, *Herr, verlanget mich*, BWV 150, poderia ter sido composta em Arnstadt.

Der Herr denket an uns, BWV 196

A data exata de composição para esta cantata é desconhecida, mas geralmente é considerada um trabalho inicial. O estudioso inglês de Bach, Richard Jones, observa que “embora sobreviva apenas em uma cópia manuscrita posterior”, suas características estilísticas são evidência de uma data anterior: seu texto compreende “versos de salmo selecionados apenas, sem

qualquer verso madrigaliano livre”, não tem recitativo e a abordagem composicional “ainda respira o ar do século XVII”. Muitas das últimas cantatas da igreja de Bach foram compostas para as exigências do calendário litúrgico, mas as primeiras, incluindo *Der Herr denket uns uns*, foram escritas para ocasiões especiais. O texto é retirado dos Salmos 115: 12-15, falando de um Deus pensativo e abençoado. A passagem inclui no versículo 14: “O Senhor vos aumentará cada vez mais, a vós, e a vossos filhos”. Bach estruturou a cantata em cinco movimentos, uma sinfonia instrumental e dois movimentos corais emoldurando duas árias, uma para soprano, a outra um dueto para tenor e baixo. Como nas outras cantatas iniciais de Bach, não há recitativos. Além das três vozes solistas, Bach realizou o trabalho para um coral de quatro partes e um conjunto instrumental barroco de cordas.

Nach dir, Herr, verlanget mich, BWV 150

É uma cantata da igreja primitiva composta para uma ocasião desconhecida. É única entre as cantatas de Bach em sua orquestração esparsa e na independência e proeminência do coro, que é apresentado em quatro dos sete movimentos. O texto alterna versos do Salmo 25 e poesia por um libretista desconhecido. Bach fez o trabalho para quatro partes vocais e um pequeno conjunto instrumental barroco de dois violinos, o fagote e o baixo contínuo. Muitos estudiosos acham que pode ser a primeira cantata existente de Bach, possivelmente composta em Arnstadt em 1707. O trabalho começa com uma sinfonia e alterna movimentos corais e árias. Não há recitativos, nem repete da capo, e não há melodia coral, excepcionalmente para as cantatas de Bach. Bach faz uso extensivo de fugas corais e polifonia imitativa, muitas vezes mudando o ritmo e o caráter da música dentro de movimentos muito rapidamente para acomodar uma nova ideia musical com cada frase sucessiva de texto.

CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Canções Inglesas

Regência **Mara Campos (SP)**

27 de setembro, 20h

Capela Santa Maria Espaço Cultural

28 de setembro, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural

NOTA DE PROGRAMA

O Coro da Camerata Antiqua de Curitiba presta um tributo aos compositores do Reino Unido que se dedicaram à canção - song - palavras em música, música em voz. Terra escolhida por Händel para manifestar sua genialidade, expressa em obras imortais como o oratório *Messiah*, de um Dunstable inquieto em busca de inovações, e de um ousado Tallis ao desafiar nossos ouvidos até hoje com seu moteto *Spem in Alium* para 40 vozes corais. Esse cenário revelou incontáveis mestres da composição. Procuramos esculpir um diálogo extemporâneo entre os textos, as formas e o imaginário da música medieval e renascentista e o pensamento musical pós-revolução industrial, em especial as indagações e inspirações da primeira metade do século XX. *Concord* de Britten é uma das canções da masque Gloriana, uma alegoria em homenagem à Elisabeth I, na qual o texto de William Plomer descreve a possibilidade da vida em harmonia numa sociedade igualitária e justa. Vaughn Williams cria suas três canções a partir da musicalidade e dramaticidade da palavra shakespeariana. A atmosfera contrastante desses coros traz as personagens e a paisagem de *A Tempestade e Sonhos de uma Noite de Verão* para um mundo

tangível através da engenhosidade com que o autor lida com a textura coral. As obras corais de Stanford, Holst e Delius exalam refinamento e delicadeza na intimidade que permitem ao ouvinte, ao proporcionarem a experiência de imersão nas imagens sonoras descritas por suas obras. Das três últimas canções instigantes da obra *Sacred and Profane*, uma das últimas composições de Benjamin Britten, abraçamos a complexidade da alma humana talvez já a contemplar o término de sua jornada. Exigente com características abertas e ousadas quanto ao tratamento melódico e tonal, essas canções foram dedicadas ao seu companheiro, Peter Pears, e ao madrigal que regia. *The Morning Star* encerra este concerto como uma promessa de melhores dias, por meio da generosidade da natureza que se renova no tempo necessário. A canção integra a grande *Spring Symphony* do autor, composta após a Segunda Guerra Mundial. O pacifista Britten se volta para a essência histórica da cultura musical britânica no término desta peça, ao revisitar o cânone medieval *Summer is icumen in* (O verão está chegando), o qual também é lembrado neste programa.

PROGRAMA

EDWARD BENJAMIN BRITTEN (1913-1976)

Concord (Gloriana Choral Dances - 1954)
para coro a capella

GUSTAV HOLST (1874-1934)

If you love songs (8 Canons - 1932)
para coro feminino a capella

RALPH VAUGHAN WILLIAMS (1872-1958)

Three Shakespeare Songs (1951)
Textos de William Shakespeare

Full fathom five (The tempest)
The cloud capp'd towers (The tempest)
Over hill, over dale
(The midsummer night's dream)
para coro a capella

CHARLES VILLIERS STANFORD (1852-1924)

The blue bird (1910)
para coro e soprano solo a capella

JOHN WILBYE (1574-1638)

Adieu, sweet Amaryllis
para coro masculino a capella

GUSTAV HOLST (1874-1934)

I love my love
(6 Choral Flok Songs - 1916)
para coro a capella

ANÔNIMO SÉCULO XIII

Summer is icumen in (*para canon a 6*)

FREDERICK DELIUS (1862-1934)

Two songs to be sung of a summer night
on the water (1917)
para coro a capella

BENJAMIN BRITTEN (1913-1976)

Sacred and Profane Op. 91 (1974-75)
Carol
Ye that pasen by
A death
(para coro a capella)

The morning star
(Spring Symphony Op. 44 / 1948-49)
para coro, metais e percussão

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Viva Händel!

Direção Musical e Cravo **Fernando Cordella (RS)**Soprano solo **Marília Vargas (PR/SP)****25 de outubro, 20h** Capela Santa Maria Espaço Cultural**26 de outubro, 18h30** Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

GEORG FRIEDRICH HÄNDEL (1685-1759)

Ópera Alcina, HWV 34

Tornami a vagheggiar (ária de Morgana)
Credete (ária de Morgana)Concerto Grosso em Fá Maior, Op.6 n° 2,
HWV 320Andante Larghetto
Allegro
Largo - Larghetto
Allegro, ma non troppoWinston Ramalho - violino
Francisco de Freitas Jr. - violino
Faisal Houssen - violoncelo

Ópera Alcina, HWV 34

Ah mio cor (ária de Alcina)

Ópera Rinaldo, HWV 7

Sinfonia
Lascia Chì Pianga (ária de Almirena)

Ópera Giulio Cesare, HWV 17

Sinfonia III Ato
Piangeró la sorte mia (ária de Cleópatra)
Da Tempesta (ária de Cleópatra)

NOTAS DE PROGRAMA

Ópera, o gênero grandiloquente
de Händel

A grandiosa e triunfante música de Händel foi a maior realização do ideal Barroco: o de empolgar os sentidos. Sua arte foi a de um mestre universal, numa época em que a música não conhecia fronteiras nacionais. É a arte da síntese, que funde elementos de várias nacionalidades, como a melodia da ópera italiana, a polifonia da música religiosa alemã e os ritmos de danças franceses. Essa síntese monumental estava a serviço da força expansiva de sua música e de seu temperamento dramático. Händel encarna a essência do Barroco com energia, impetuosidade e com a sua síntese de contrários. Ele tinha preferência marcada pelo gênero grandiloquente da ópera. Seu temperamento dramático encontrou na ópera o que lhe parecia ser a expressão ideal. Händel deixou algumas dezenas de obras no gênero, entre as quais, *Alcina HWV 34*, *Rinaldo HWV 7* e *Giulio Cesare HWV 17*, sua obra-prima que ainda permanece como um espetáculo de grande poder dramático.

Concerto Grosso em Fá Maior, Op. 6 n° 2
HWV 320

O Concerto Grosso constituiu um dos mais importantes gêneros composicionais do período barroco, merecendo a atenção dos grandes compositores dos séculos XVII e XVIII. O grande impulso na composição desse gênero foi da responsabilidade de Arcangelo Corelli, seguindo-se nomes como: Geminiani, Torelli, Vivaldi, Telemann e Händel. O Concerto Grosso de Händel contém algumas das melhores músicas orquestrais do século XVIII. A coleção Op. 6 transborda com uma variedade de ritmos, cor e dança (danças polonesas e pastorais, cortesias e rápidas), e os habituais empréstimos de Händel de outros compositores. A combinação de um grupo solo concertino de dois violinos e violoncelo, e de uma orquestra completa, nos permite uma audição tanto intimista quanto plena. O *Concerto Grosso em Fá Maior, Op. 6 n° 2, HWV 320*, se divide em quatro movimentos: *Andante Larghetto*, *Allegro*, *Largo-Larghetto andante e piano*, e o último movimento, um *Allegro ma non troppo*.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Réquiem de Mozart

Regência **Tobias Volkmann (RJ)****1º de novembro, 20h****2 de novembro, 18h30**

Capela Santa Maria Espaço Cultural

Capela Santa Maria Espaço Cultural

Soprano **Masami Ganev (Japão/Brasil-SC)**Mezzosoprano **Luciana Costa e Silva (SP)**Tenor **Jacques Rocha (RJ)**Baixo-barítono **Daniel Germano (RS)**

PROGRAMA

**WOLFGANG AMADEUS MOZART
(1756-1791)**

Réquiem, KV 626

I. Introitus

Réquiem (coro e soprano solo)

II. Kyrie (coro)

III. Sequenz

1. Dies Irae (coro)
2. Tuba Mirum (quarteto solo)
3. Rex Tremendae (coro)
4. Recordare (quarteto solo)
5. Confutatis (coro)
6. Lacrimosa (coro)

IV. Offertotium

1. Domine Jesu Christe (coro e quarteto solo)
2. Hostias (coro)

V. Sanctus (coro)

VI. Benedictus (quarteto solo e coro)

VII. Agnus Dei (coro)

VIII. Communio

Lux Aeterna (soprano solo e coro)

NOTA DE PROGRAMA

**Réquiem K 626, de
Wolfgang Amadeus Mozart**
Escrita por Charles Roussin

Nenhuma obra na história da Música é tão envolta em especulações e mistérios quanto o Réquiem K 626, de Wolfgang Amadeus Mozart. A visão romântica de um gênio em situação financeira difícil e de saúde precária, compondo uma grande missa pelos mortos e morrendo antes de finalizá-la, povoou a imaginação de gerações e gerações. Pesquisas recentes, felizmente, vieram desvendar parte do mistério que envolve a obra. A análise de cartas de Mozart a sua esposa, testemunhos desta nos anos seguintes, também documentados, e a recente descoberta de alguns rascunhos (por volta de 1960) esclarecem um pouco do espírito de Mozart e de suas intenções musicais, além do processo de finalização da missa. Em 1791, ele trabalhava na ópera A Flauta Mágica, em Viena, e, ao mesmo tempo, terminava a encomenda de outra, A Clemência de Tito, quando recebeu a visita de uma pessoa que não quis se identificar e que queria uma missa pelos mortos, um Réquiem. Hoje, sabemos que a encomenda partiu do conde Walsegg zu Stuppach, que tinha uma propriedade nos arredores de Viena. Esse conde havia perdido a esposa e pretendia fazer executar um Réquiem em sua homenagem, dizendo que a obra era de sua autoria. Mozart começou sua composição, mas uma febre reumática levou-o à cama e acabou por vitimá-lo dias

depois. Depoimentos de sua esposa e de sua cunhada, entre outros, indicam que ele, mesmo doente, continuou a compor e, sentindo a morte iminente, deixou indicações verbais a seu aluno, Franz Xaver Süssmayer, de como ele deveria completá-la. Após sua morte, Constanze, sua mulher, preferiu entregar a obra a Joseph Eybler, outro aluno de Mozart, mais talentoso, para que esse a completasse. Eybler, depois de orquestrar alguns movimentos, sentiu-se incapaz para a tarefa e, a contragosto, a viúva terminou por deixar que Süssmayer mesmo se incumbisse da tarefa. O que é Mozart e o que é Süssmayer? A partir dos rascunhos se pode ver que o “Introitus” e o “Kyrie” são completamente de Mozart. Para os cinco movimentos seguintes e os dois do “Offertorium” (Domine Deus e Hostias) Mozart escreveu as partes vocais e esboçou o acompanhamento, sendo a forma final e a orquestração de Süssmayer. No “Lacrimosa”, após as palavras “Judicando homo reus” (compasso 8), a música de Mozart termina, e o que vem a seguir é Süssmayer. O “Sanctus”, o “Benedictus” e o “Agnus Dei” são inteiramente de Süssmayer, mas com base em trechos de outras obras de Mozart, como o “Gloria” da Missa K220, de 1775. A primeira execução desse Réquiem aconteceu em janeiro de 1793, em Viena, em um concerto beneficente, organizado pelo barão van Swieten para ajudar a família de Mozart. A tônica final é a reflexão sobre a vida e a morte através desta bela mensagem musical mozartiana.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Ensemble Prokofiev & Henrique Oswald

Direção Musical **Dan Tolomony (SP/PR)**

Clarinete solo **Jairo Wilkens (PA/PR)**

Piano solo **Clenice Ortigara (PR)**

9 de novembro, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

SERGEI PROKOFIEV (1891-1953)

Abertura sobre temas hebraicos, Op. 34

HENRIQUE OSWALD (1852-1931)

Quinteto com piano em Dó Maior, Op. 18

Allegro moderato

Scherzo. Prestissimo

Molto adagio

Molto allegro

ENSEMBLE DE CORDAS

Dan Tolomony - violino I

Francisco de Freitas Jr. - violino II

Alexandre Razera - viola

Faisal Hussein - violoncelo

Jairo Wilkens - clarinete

Clenice Ortigara - piano

NOTAS DE PROGRAMA

Abertura sobre temas hebraicos, Op. 34 de Sergei Prokofiev

Este incomum sexteto com clarinete, piano e quarteto de cordas foi escrito por Prokofiev em 1919, durante uma viagem pelos Estados Unidos. Ele havia sido contratado pelo sexteto russo Zimro Ensemble, que realizava uma turnê mundial. O grupo tinha exatamente esta inusitada formação instrumental. Seu líder, o clarinetista Simeon Bellison, deu a Prokofiev um caderno com anotações de canções populares judaicas, para que ele, baseado nesses temas, compusesse a obra. Os temas judaicos escolhidos por Prokofiev para fazer parte da Abertura não foram encontrados em nenhuma fonte autêntica, o que sugere que o próprio Bellison as tenha criado, baseando-se no estilo musical judaico. Prokofiev considerou a obra como essencialmente escrita para essa forma de sexteto, e por muito tempo resistiu às sugestões de escrevê-la para outras formações instrumentais. Em setembro de 1930, ele observou: “Eu não

entendo que tipo de gente obtusa poderia ter achado necessário reorquestrá-lo”. No entanto, ele foi persuadido a fazer uma versão para orquestra em 1934, publicada como Op. 34a. Sua estrutura segue, de maneira razoavelmente convencional, a forma Sonata. Está na tonalidade de Dó menor. O clarinete e o violoncelo são muito proeminentes, introduzindo o primeiro e o segundo tema, respectivamente. No entanto, todos os instrumentos são bem equilibrados e cada um reproduz os dois temas, muitas vezes em imitação. O primeiro tema, “Un poco allegro”, tem um ritmo agitado e festivo, evocando inconfundivelmente a música judaica klezmer, alternando registros graves e agudos e usando dinâmicas de crescendo e decrescendo. O segundo tema, “Più mosso”, é um tema cantabile nostálgico introduzido pelo violoncelo e depois passado para o primeiro violino.

Quinteto com piano em Dó Maior, Op. 18 de Henrique Oswald

Este quinteto de Henrique Oswald foi finalizado em 1985, durante a última década de seu período italiano. Como a maioria dos quintetos pós-Schumann, ele é escrito para piano e quarteto de cordas. Oswald já havia provado o seu talento como compositor de música de câmara, ao ter composto o Quarteto com piano nº 1, Op. 5 (1888) e o Piano trio em Sol menor, Op. 9 (1889). Assim como suas composições anteriores, Oswald nunca publicou o quinteto, embora o incluisse na maioria de seus programas de performance. Ele foi dedicado a Jessie Laussot, viúva de Karl Hillebrand, amigo de Hans von Bülow, Richard Wagner e Franz Liszt. Ela era uma pessoa relevante na vida musical de Florença e se tornou uma figura crucial na formação musical de Oswald. O quinteto

é notável pelo seu equilíbrio de textura e transparência. É uma obra relativamente simples, cujas qualidades de realização, inspiração e comunicabilidade podem ser apreciadas desde a primeira audição. A afiliação de Oswald com a escola alemã é evidente, com ecos de Schumann e Mendelssohn, especialmente no primeiro e último movimento, respectivamente. Por outro lado, as harmonias da seção do desenvolvimento do primeiro movimento já mostram o compositor se aproximando do estilo de Fauré e da escola francesa, uma inclinação que se tornará mais clara em seus trabalhos futuros. O motivo principal do primeiro movimento parece uma canção popular e lembra as composições de Schubert. O segundo movimento, Scherzo, é muito típico de Oswald (ele está no seu melhor neste gênero); ele tem origem no Quarteto com piano nº 1, do qual foi excluído e adaptado para este quinteto. As escalas rápidas do piano dão uma sensação de grande vivacidade. O trio opõe o piano à sonoridade das cordas. O terceiro movimento é um pedaço de romantismo extremo, bastante incomum na produção de Oswald. Suas linhas inspiradas e a densidade expressiva o tornam o centro emocional de todo o quinteto. O final lembra Mendelssohn, no sentido de ser um movimento quase ininterrupto. Um ritmo bastante rápido requer virtuosidade do piano, enquanto as cordas completam e interrompem as suas frases, da maneira mais amigável possível. Apenas um arranjo para piano solo do terceiro movimento fora feito por um aluno de Oswald - João Octaviano Gonçalves - e publicado no Rio de Janeiro em 1926. A primeira edição completa do quinteto foi feita em 1937. Em 2016 uma edição crítica foi preparada pelo pianista Eduardo Monteiro.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Da Sinfonia à Serenata

Direção Musical e Viola solo **Alexandre Razera (SP)**

22 de novembro, 20h
23 de novembro, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural
Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

FÉLIX MENDELSSOHN-BARTHOLDY (1809-1847)

Sinfonia para cordas nº 2 Ré Maior

Allegro
Andante
Allegro vivace

FRANZ ANTON HOFFMEISTER (1754-1812)

Concerto para viola em Ré Maior

Allegro
Poco Adagio
Rondo Allegro

ANTONÍN DVOŘÁK (1841-1904)

Serenata para cordas em Mi Maior, Op. 22

Moderato
Tempo di valse
Scherzo: Vivace
Larghetto
Finale: Allegro vivace

NOTAS DE PROGRAMA

Sinfonia para cordas nº 2 Ré Maior de Félix Mendelssohn-Bartholdy

Antes de escrever suas cinco grandes sinfonias para orquestra, Mendelssohn já havia escrito outras doze sinfonias para orquestra de cordas. Isso aconteceu entre 1821 e 1823, ou seja, quando ele ainda tinha apenas entre 12 e 14 anos de idade. Ele excluiu essas obras do seu catálogo por considerá-las, talvez, meros exercícios de composição, dos quais teve orientação de seu professor Carl Friedrich Zelter. Curioso é que essas sinfonias só ficaram conhecidas a partir de 1960 e mostram um garoto que já escrevia como gente grande. E, a fim de que ele pudesse experimentar suas primeiras obras, o pai lhe deu uma orquestra de câmara que, uma vez por semana, ficava à sua disposição em sua própria casa. Quando em 1924, o jovem colocou no papel a sua primeira sinfonia para uma orquestra sinfônica, deu-lhe inicialmente o número 13. Mas, quando a partitura foi publicada, traria a sua designação definitiva: Sinfonia nº 1 em Dó menor, Op. 11. As seis primeiras sinfonias para cordas, bem como a 12ª, foram escritas em três movimentos. As de número 7, 8 e 9

em quatro, a 11ª em cinco e a 10ª em um único movimento. Embora o adolescente Mendelssohn seguisse a orientação de seu mentor musical numa estética de pós-classicismo/pré-romantismo, seus olhares sempre se voltavam em outras direções, ao perfeccionismo manufatureiro de Bach, à elegância aristocrática de Haendel, à alegria de Mozart e à imprevisibilidade de Beethoven. Assim é sua Sinfonia nº 2 para cordas, com seu animado primeiro movimento clássico, seu segundo movimento “a la barroco” e seu último com arroubos de inquietude beethoveniana.

Concerto para viola em Ré Maior de Franz Anton Hoffmeister

O Concerto para viola em Ré Maior de Hoffmeister foi possivelmente composto antes de 1799, já que o manuscrito original autografado foi perdido. A obra pôde ser reconstituída a partir dos manuscritos das partes orquestrais de três diferentes copistas, que estavam em posse de Joseph Schubert, compositor e violista da corte de Dresden, que depois foram para a Biblioteca Real de Dresden. Essas partes orquestrais, no entanto, traziam erros, imprecisões e omissões, e sua reconstrução requereu um trabalho musicológico especializado. É um dos melhores concertos de viola do estilo clássico vienense e, juntamente com o Concerto em Ré Maior de Carl Stamitz, um dos mais conhecidos e executados. Em três movimentos, o concerto inicia com um Allegro em forma Sonata, com a exposição de dois temas: um primeiro, otimista, e um segundo, mais contido, que traz a indicação “dolce”. Os temas são desenvolvidos e reapresentados, com uma breve conclusão da orquestra após a cadência da viola solo. O segundo movimento, Adagio, na soturna tonalidade de Ré menor, está em forma binária - a uma parte A segue outra parte

B, e outra vez a parte A, porém um pouco modificada, com a orquestra concluindo novamente o movimento, após outra cadência solista. O último movimento é um Rondó de caráter jovial, quase pueril. Desta vez quem inicia é o solista, ao apresentar o tema-refrão, respondido em seguida pelo tutti orquestral.

Serenata para cordas em Mi Maior, Op. 22 de Antonín Dvořák

O ano de 1875 foi realmente criativo para Dvořák: além da Serenata para cordas, ele escreveu a Sinfonia nº 5, o Quinteto de cordas nº 2, o Piano trio nº 1, a Ópera Vanda e os Duetos Morávios. Ele estava feliz nessa época - recém-casado, seu primeiro filho nascera e, pela primeira vez, era reconhecido como compositor e não temia a pobreza. Dvořák recebeu uma generosa comissão em Viena para compor a Sinfonia nº 5 e várias outras obras, dentre as quais a Serenata. Ele precisou de apenas 12 dias para escrevê-la. Obra poética, intimista, de uma rica invenção melódica, ela tem cinco movimentos: Moderato - uma introdução em três partes, graciosa; Tempo di Valse - em Dó sustenido menor, melancólica, com uma parte central em Ré bemol Maior; Scherzo - bastante moderado e leve, com uma bela cantilena de violinos em trio; Larghetto - ambiente de Noturno, tranquilo e melancólico; e Finale - um movimento animado e inusitado, transmitindo o espírito de uma dança de aldeia da Boêmia; encontram-se nele temas do Larghetto, bem como do primeiro movimento. Renunciando a efeitos exteriores, Dvořák busca bastante a unidade do conjunto através do princípio cíclico.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA *(Encerramento da Temporada)***Oratório Messias de Händel**Regência **Bart Naessens (Bélgica)****13 de dezembro, 20h**
14 de dezembro, 18h30Capela Santa Maria Espaço Cultural
Capela Santa Maria Espaço Cultural**Solistas**Soprano **Marisú Pavón (Argentina)**Contratenor **Paulo Mestre (PR)**Tenor **Aníbal Mancini (SP)**Baixo **Victor Torres (Argentina)****PROGRAMA****GEORG FRIEDRICH HÄNDEL (1685-1750)****Primeira Parte**

- | | |
|--|---|
| 1. Sinfonia - Allegro | 10. Ária (baixo): The people that walked in darkness |
| 2. Recitativo (tenor): Comfort ye my people | 11. Coro: For unto us a child is born |
| 3. Ária (tenor): Ev'ry valley shall be exalted | 12. Sinfonia Pastoral: Pifa |
| 4. Coro: And the glory of the Lord | 13. Recitativo (soprano): There were shepherds abiding in the field |
| 5. Recitativo (baixo): Thus saith the Lord | Recitativo (soprano): And, lo, the angel of the Lord came upon them |
| 6. Ária (contratenor): But who may abide the day of His coming? | 14. Recitativo (soprano): And the angel said unto them |
| 7. Coro: And He shall purify | Recitativo (soprano): And suddenly there was with the angel |
| Recitativo (contratenor): Behold, a Virgin shall conceive | 15. Coro: Glory to God |
| 8. Ária (contratenor) e coro: O thou that tellest good tidings to Zion | 16. Ária (soprano): Rejoice greatly, O daughter of Zion |
| 9. Recitativo (baixo): For behold, darkness shall cover the earth | 17. Coro: His yoke is easy |

Segunda Parte

18. Coro: Behold the Lamb of God
19. Ária (contratenor): He was despised
20. Coro: Surely, He hath borne our griefs
21. Coro: And with His stripes we are healed
22. Coro: All we like sheep have gone astray
23. Recitativo (tenor): All they that see Him Laugh Him to scorn
24. Coro: He trusted in God
25. Recitativo (tenor): Thy rebuke hath broken His heart
26. Arioso (tenor): Behold, and see if there be any sorrow
27. Recitativo (tenor): He was cut off out of the land of the living
28. Ária (tenor): But thou didst not leave His soul in Hell
29. Coro: Lift up your heads, O ye gates
30. Ária (baixo): Why do the nations so furiously rage together?
31. Recitativo (tenor): He that dwelleth in heaven
32. Ária (tenor): Thou shalt break them
33. Coro: Hallelujah!

Terceira Parte

34. Ária (soprano): I know that my Redeemer liveth
35. Coro: Since by man came death
36. Recitativo (baixo): Behold, I tell you a mystery
37. Ária (baixo): The trumpet shall sound
38. Recitativo (contratenor): Then shall be brought to pass
39. Dueto (contratenor, tenor): O Death, where is thy sting?
40. Ária (soprano): If God be for us
41. Coro final: Worthy is the Lamb that was slain (...Amen.)

NOTA DE PROGRAMA**O Messias HWV 56 (1741) de Georg Friedrich Händel**

Considerada a obra mais famosa de Händel, O Messias é uma composição imersa em espiritualidade. Apesar de ter sido concebida para a Páscoa, tornou-se tradição executar o oratório durante o Advento, isto é, o período preparatório para as festas do Natal. O Messias é um oratório dividido em três partes. A primeira parte é subdividida em três seções e apresenta a Profecia da chegada do Messias, o nascimento e a vida de Jesus. A segunda parte, igualmente subdividida em três seções, é um relato dos episódios da Paixão e a vitória do Messias. A terceira e última parte descreve o tema da Redenção que constitui um cântico de ação de graças. O oratório é baseado nos livros sagrados do Velho e Novo Testamento de Isaías, Ageu, Malaquias, Lucas, Zacarias, Mateus, João, Salmos, Lamentações, Hebreus, Romanos, Jó, I Coríntios e Apocalipse. Händel compôs O Messias durante o verão de 1741, em apenas três semanas. Apesar da rapidez com que costumava trabalhar, podemos observar o vigor de um processo criativo fora do comum, cujo fruto foi uma magnífica obra de arte. O oratório não possui um fio dramático; também não é representável, o que o converte numa peça única dentro do repertório deste autor. Charles Jennens, habitual colaborador do músico, assina o argumento da obra. É bastante provável que o próprio Händel tenha contribuído na seleção e estruturação dos textos bíblicos segundo as necessidades de sua arquitetura musical. A obra transpira plenitude. Sua estrutura musical se desenvolve pelas vozes de um quarteto solista (soprano, contralto, tenor e baixo), coro e orquestra. Ao virtuosismo da escola contrapontística alemã soma-se o estilo concertante italiano, mas, sem desprezar certos apontamentos operísticos que favoreçam o contraste dramático.



Reinauguração da Capela Nossa
Senhora da Glória em 2018

CONCERTO nas Igrejas

Concertos Descentralizados

O programa realizado pela Camerata Antiqua de Curitiba, Coro da Camerata Antiqua de Curitiba e Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba faz parte de suas atividades de relacionamento com a comunidade desde o ano de 2002. Nesse período, centenas de concertos foram realizados nos bairros da cidade, em igrejas e templos de diversas religiões. Os grupos levam a esses concertos um repertório de excelência, interpretando obras clássicas de grandes compositores brasileiros e estrangeiros. Além de reforçar o caráter universal da música, o programa atende a proposta de contribuir com ações de democratização do acesso à cultura.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Concerto nas Igrejas *(desde 2002)*

Regência **Mara Campos (SP)**

25 de abril, 20h	Paróquia São Benedito (Capão da Imbuia)
15 de agosto, 20h	Santuário Diocesano Sagrado Coração de Jesus (Água Verde)
28 de novembro, 20h	Paróquia São João Batista (CIC)
5 de dezembro, 20h	Catedral Basílica Menor de N. S. da Luz dos Pinhais (Centro)

PROGRAMA

ANTONIO VIVALDI (1678-1741)

Credo RV 591

RONALDO MIRANDA (1948)

Texto de Hamilton Faria

Frutares

EDMUNDO VILLANI-CÔRTEZ (1930)

O Passarinho da Praça da Matriz (1994)

ANTONIO CARLOS JOBIM (1927-1994)

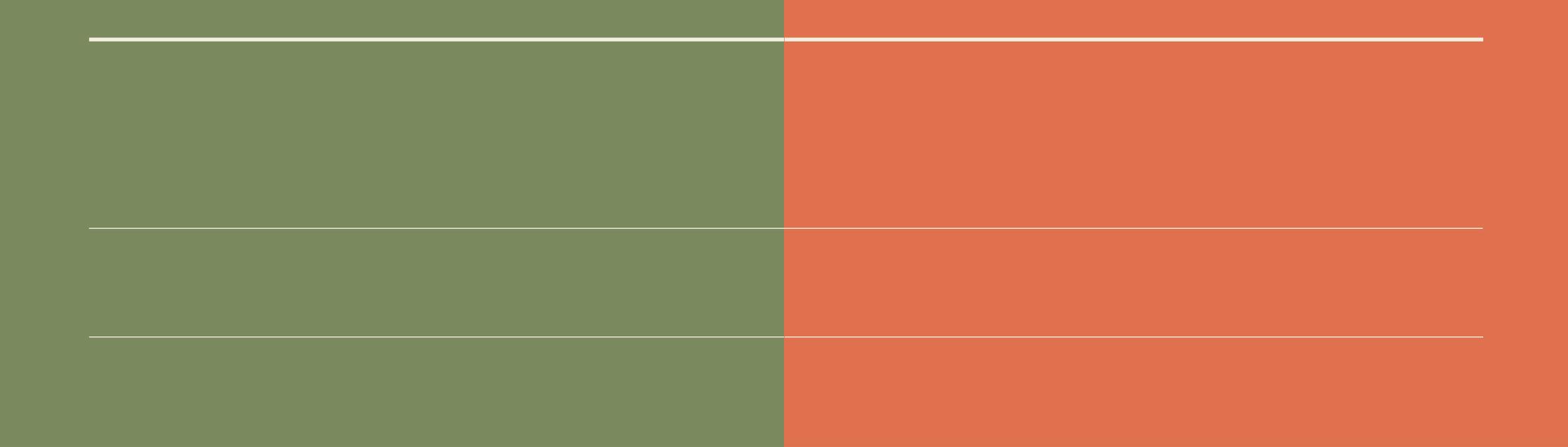
Borzeguim (1987)

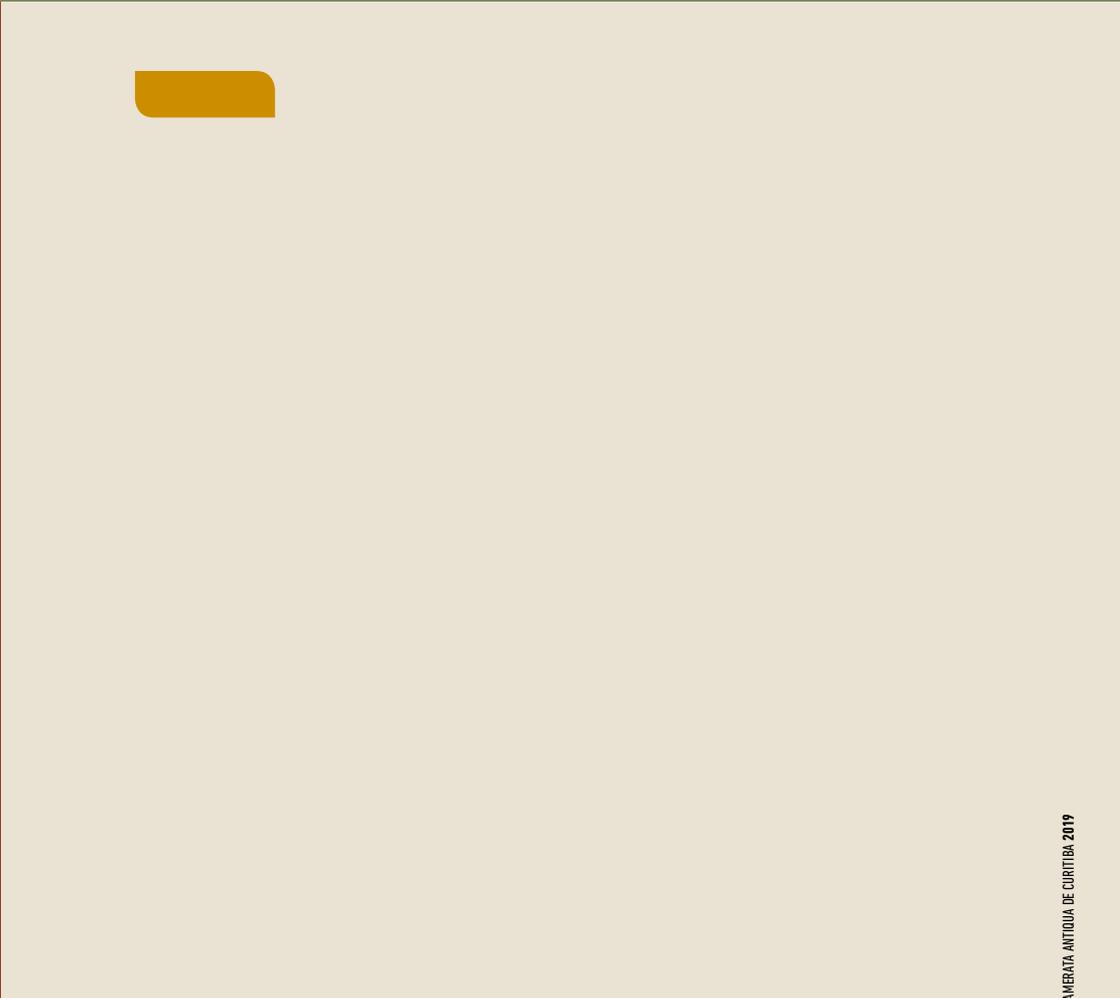
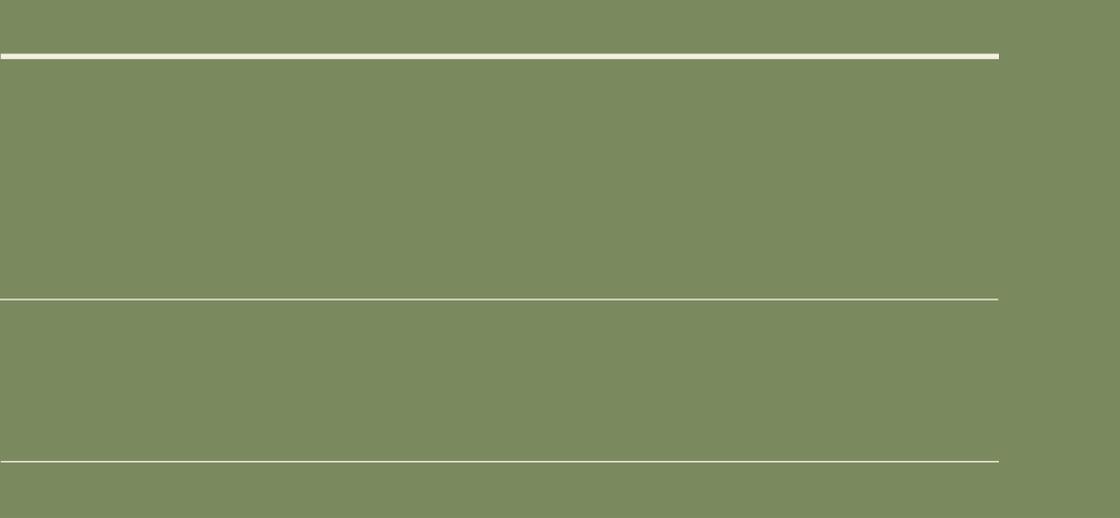
Arranjo de Vicente Ribeiro

GEORG FRIEDRICH HÄNDEL (1685-1759)

*Arranjo Mervyn Warren, Michael Jackson,
Mark Kibble | Adaptação John Higgins*

Hallelujah





CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Música pela Vida (desde 1990)

Regência **Mara Campos (SP)**

- 15 de agosto, 10h30** Hospital das Clínicas
- 29 de agosto, 10h30** Local a definir
Dia Nacional de Combate ao Fumo
Concerto e Palestra | *Palestrante Dr. Alan Christian Niemies*
- 10 de setembro, 10h30** Capela Santa Maria Espaço Cultural
Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio
Concerto e Palestra | *Palestrante Quintino D'Agostin - CWV - Centro de Valorização da Vida*
- 17 de outubro, 10h30** Hospital Pequeno Príncipe (Comemoração dos 100 Anos)
- 28 de novembro, 10h30** Hospital do Idoso Zilda Arns (Concerto Natalino)
- 5 de dezembro, 10h30** Asilo São Vicente de Paulo (Concerto Natalino)

PROGRAMA

CÉSAR GUERRA PEIXE (1914-1993)
Mourão

PAUL BASLER (1963)
Gloria (Missa Kenya) (1995)

TRADICIONAL HINO CRISTÃO
Texto John Newton
Arranjo Keith McCutchen
Amazing Grace

ANTONIO CARLOS JOBIM (1927-1994)
Arranjo de Vicente Ribeiro
Borzeguim (1987)

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)
Jesus bleibet meine Freude (Cantata 147)

GEORG FRIEDRICH HÄNDEL (1685-1759)
Arranjo Mervyn Warren, Michael Jackson, Mark Kibble | Adaptação John Higgins
Hallelujah

CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Música pela Vida (desde 1990)

Regência **Mara Campos (SP)**
Piano **Clenice Ortigara (PR)**

- 14 de novembro 10h30** Hospital Santa Casa de Curitiba
Dia Mundial do Diabetes

PROGRAMA

PAUL BASLER (1963)
Gloria (Missa Kenya) (1995)

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)
Jesus bleibet meine Freude
(Cantata 147)

ERIC WITACRE (1970)
Kallá, kallá (*Five Hebrews Love Songs*)

GILBERTO GIL (1942)
Arranjo de Damiano Cozzella
Se eu quiser falar com Deus

ERNST MAHLE (1929)
Carimbó - Suíte de Cantos Paraenses

1. Meu papagaio
2. Siriri
3. Mamãe pila milho
4. Vamo acabá co'este samba

GEORG FRIEDRICH HÄNDEL (1685-1759)
Arranjo Mervyn Warren, Michael Jackson, Mark Kibble | Adaptação John Higgins
Hallelujah



ALIMENTANDO com Música

Concertos Didáticos para Crianças

O programa Alimentando com Música, criado em 1993, tem o objetivo de levar às crianças da rede de ensino de Curitiba e a comunidade em geral, a oportunidade de conhecer a música erudita. Os concertos são temáticos, cênicos e didáticos. No decorrer do espetáculo, todas as descrições, comentários e informações do repertório executado, a formação dos instrumentos da orquestra e as vozes do coro, ficam por conta dos músicos da Camerata e artistas convidados. Assim, a criança compreende como se dá o processo de formação de um conjunto musical como a Camerata Antiqua de Curitiba. Para 2019, o tema discorrerá sobre um dos maiores compositores brasileiros, Heitor Villa-Lobos na apresentação: “O concerto mágico de Tuhu” - Villa-Lobos para crianças.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Alimentando com Música *apresenta*
“O Concerto Mágico de Tuhu” - Villa-Lobos para crianças

Regência **Mara Campos (SP)**

Concertos para as Escolas da Rede Municipal de Ensino

10 e 11 de outubro, horários a definir Teatro Positivo - Grande Auditório

Concerto aberto ao público geral

12 de outubro, horário a definir Teatro Positivo - Grande Auditório

Arranjos **Marco Aurélio Koentopp (PR), Mara Campos, Martinho Lutero Klemann (PR)**

Direção Cênica **Maurício Vogue (PR)**

Texto **Rhenan Queiroz (PR)**

Personagens

Heitor, Lucília, Tia Fifinha, Maestrina Mara Campos

PROGRAMA

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Caixinha de Música quebrada

Estudo Op. 31 - Ondulando

Choros nº 5 - Alma Brasileira

Bachianas Brasileiras nº 2 - IV Tocata

O trenzinho do caipira**
(poema de Ferreira Gullar)

Cirandinhas nº 12 - Lindos olhos que ela tem**

Guia Prático

- Que lindos olhos!

- O cravo brigou com a rosa*

A Floresta do Amazonas

- Melodia Sentimental
(poema de Dora Vasconcelos)

Guia Prático

- Na corda da viola

- Sambalelê*

Bachianas Brasileiras nº2 - IV Tocata

O trenzinho do caipira*
(poema de Ferreira Gullar)

*Arranjos de Marco Aurélio Koentopp

** Arranjos de Mara Campos e Martinho Lutero Klemann

Biografias dos ARTISTAS



Alexandre Razera
(São Paulo)
Viola

Iniciou seus estudos musicais aos oito anos de idade, na Escola de Música de Piracicaba (SP). Graduiu-se pela Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação de Marcelo Jaffé. Foi bolsista da Fundação Vitae para a Academia da Orquestra Filarmônica de Berlim (Alemanha), onde foi orientado por Wilfried Strehle, posteriormente estudando na Universidade de Artes de Berlim. No Brasil atuou como violista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESF), Orquestra Experimental de Repertório e viola solo da Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo (OSUSP). Também foi solista das orquestras sinfônicas Paulista, Santo André, Minas Gerais e Camerata Fukuda, entre outras. Ministrou aulas nos festivais de Campos do Jordão (SP), Juiz de Fora (MG) e Oficina de Música de Curitiba. É primeiro violista da Orquestra da Rádio e Televisão Eslovênia de Ljubljana e músico convidado da Mahler Chamber Orchestra, desde 2008. Participou de gravações com a Filarmônica de Berlim, sob a regência de Cláudio Abbado, Simon Rattle, Daniel Barenboim, Lorin Maazel, Kurt Masur, Nikolaus Harnoncourt, Trevor Pinnock, Gunter Wand. Realizou concertos, gravações e turnês junto a várias orquestras europeias, como Filarmônica de Berlim, Orquestra da Rádio de Berlim, Orquestra de Câmara de Berlim, Orquestra da Ópera de Berlim, Mahler Chamber Orchestra e Orquestra da Rádio de Ljubljana.



Anibal Mancini
(São Paulo)
Tenor

Anibal Mancini é um tenor lírico leggero, conhecido pela agilidade

de suas coloraturas, beleza de timbre, rico fraseado e interpretações precisas. Atualmente é membro do elenco estável do Theatro São Pedro em São Paulo. Dentre suas performances recentes destacam-se os concertos de gala no Theatro São Pedro em São Paulo nos quais interpretou "Cessa di più resistere" (conte Almaviva - Il Barbiere di Siviglia) e "A te o cara" (Arturo - I Puritani) trechos de Die Zauberflöte (Tamino) e de La Belle Hélène de Offenbach e recital com canções de Puccini e Zandonai. Em 2016 apresentou-se no Theatro Municipal do Rio de Janeiro e no Theatro São Pedro com a ópera Don Quichotte de Massenet (Rodríguez). Outras participações incluem O Messias de Händel no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, concerto de gala Rossini, As Bodas no Monastério de Prokofiev (Antonio), Falstaff (Fenton) de G. Verdi, La Donna Del Lago de Rossini (Uberto), O Barbeiro de Sevilha (Conde Almaviva) de Rossini, Gianni Schicchi (Rinuccio) de G. Puccini. Também cantou na ópera O Menino e a Liberdade" (Rapaz) de Ronaldo Miranda. Deu vida a Hipólito na estreia mundial da ópera Fedra e Hipólito de Christopher Park no Palácio das Artes, em Belo Horizonte. Participou da ópera em concerto L'oro non compra amore, de Marcos Portugal e interpretou árias de Rossini no concerto Noite de Bel Canto com a OSB Ópera e Repertório no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Seu repertório abrange ainda Dido e Enés de Purcell, A Hand of Bridge de S. Barber, Matinas de Natal de Pe. José Maurício, Cantatas de J. S. Bach, Il Tabarro (Tinca), Pygmalion de Rameau entre outros. Anibal foi um dos vencedores do 11º Concurso Maria Callas em 2011 e em 2013 foi nomeado Revelação Lírica pelo Blog Ópera e Ballet. Estudou canto na Unirio com Mirna Rubim e Carol Mc Davit.



Ana Paula Machado
(Paraná)
Soprano

Seu primeiro contato como canto lírico foi através da saudosa professora Neyde Thomas. Além de ter formação em Psicologia, Ana Paula é bacharel em Canto pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, na classe de Emerli Schlogl e Ben Hur Cionek. Recebeu ainda orientação e acompanhamento de repertório vocal solista de Alessandro Sangiorgi, e Ricardo Ballesterro. Desde 2014, a soprano Rosana Lamosa é sua principal orientadora em canto. Com apenas dois anos de estudos e através de audição, Ana Paula foi selecionada para participar na temporada 2016 da Orquestra Sinfônica do Paraná (OSP) no Teatro Guaíra sob a regência de Estefan Geiger (Alemanha), debutando no Concerto de Aniversário da Orquestra como principal solista da peça “Sonhos de Uma Noite de Verão” de Mendelssohn. No mesmo ano, também no Teatro Guaíra com a OSP, interpretou a personagem “Anchen” da Ópera “Der Freischutz” de Carl Weber. Em 2017 cantou Exsultate Jubilate de Mozart, com a Orquestra da Faculdade de Música e Belas Artes do Paraná na Capela Santa Maria sob regência de Paulo Barreto. Participou no mesmo ano do concerto de encerramento do 37º Festival Internacional de Música de Londrina, como solista no Carmina Burana de Carl Orff, tendo como regente Daisuke Soga (Japão). No Festival de Ópera do Paraná, interpretou “Pamina” na Ópera Flauta Mágica de Mozart. Em 2018 foi selecionada para interpretar mais uma vez “Pamina”, na montagem da Flauta Mágica para a 35ª Oficina de Música de Curitiba junto à Camerata Antiqua de Curitiba sob a regência de Abel Rocha. Em julho deste ano, foi vencedora do Concurso Jovens Solistas da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, participando do concerto

de premiação sob regência de Roberto Tibiriça. Em novembro no Festival de Ópera do Paraná, mais uma vez apresentou o Exsultate Jubilate de Mozart, e na Ópera Die Fledermaus (O Morcego) de Johann Strauss, interpretou “Adele” com apresentações no Guairinha e Capela Santa Maria. Em 2019 foi selecionada para interpretar “Micaela” da Ópera Carmen de Bizet na 36ª Oficina de Música de Curitiba.



Ana Yara Campos (São Paulo) - Oficina na IV Semana de Canto Coral Henrique de Curitiba

Ana Yara Campos tem formação em música (piano), comunicação social (jornalismo), com mestrado em educação. Participou intensamente do movimento coral paulista. Estudou com Adriana de Oliveira Ribeiro (Santos, SP), Roberto Schnorremberg (São Paulo, SP), frequentou cursos e festivais de canto coral na Alemanha, Portugal, Itália e EUA. Durante 10 anos prestou serviços ao Instituto Nacional de Música da FUNARTE (Projeto Villa-Lobos), Secretarias da Cultura de SP, PR, MG, diversos órgãos artístico-culturais do país (Federações de Coros do RS e RJ) e universidades (PUC-Campinas, USP, Univap, Mackenzie), sempre em práticas ou temas relacionados ao canto coral. Tem atuado junto a grupos infantojuvenis, comunitários, universitários, de empresa, e também na capacitação de professores e regentes. Em seu trabalho, destacam-se a elaboração de arranjos corais, composições - em especial, com objetivos didáticos - versões de obras em outros idiomas adaptadas para a língua portuguesa.



Angela Broecker
(Estados Unidos)
Regente

Angela Broecker é Diretora de Atividade Coral na Universidade de St. Thomas, onde conduz o Coro de Câmara, o Coro de Concerto e o Coro do Festival, ministra cursos de graduação e pós-graduação em regência coral, literatura coral e pedagogia coral. Desde que chegou à Universidade de St. Thomas em 1999, os coros sob sua direção se apresentaram em convenções nacionais, regionais e estaduais da American Choral Director's Association e fizeram uma turnê extensiva na Europa e na América do Sul. Além de suas responsabilidades na universidade, Angela Broecker se apresenta em convenções nacionais, regionais e estaduais da Associação de Diretores Americanos de Corais, da Associação Nacional de Educação Musical, da Organização Americana de Educadores Kodály e da Associação Americana Orff-Schulwerk. É maestra convidada para numerosos corais, incluindo o Coro Infantil da ACDA em 2015, coros nas Conferências Regionais da ACDA da Divisão Leste, Sul, Centro-Oeste e Centro-Norte, Coros Nacionais em numerosas conferências da OAKE e outros coros em mais de 40 estados. Os trabalhos de regência internacional incluem coros em Tóquio, Hong Kong, Seul e nos Emirados Árabes. Angela Broecker recebeu seu D.M.A. grau da Universidade de Oklahoma e seu M.M. e B.M.E. graus da Universidade de Indiana. Seus interesses de pesquisa incluem um desempenho autêntico da música de diversas culturas, bem como a exploração de cores vocais variadas que são possíveis com esse repertório. Recentemente, ela apresentou palestras sobre os temas da comunidade e inclusão dentro da experiência

coral. Foi editora convidada do Choral Journal de abril de 2006 e escreveu artigos para o Choral Journal em 2006, 2008 e 2011. Outras publicações incluem o Music Educators Journal de julho de 2000, o NAFME Spotlight on Teaching Chorus, bem como muitas outras publicações de música coral. O livro no qual é coautora com Mary Goetze e Ruth Boshkoff, Educando Jovens Cantores, foi publicado pelo GIA. Ela mora em St. Paul, Minnesota, EUA, com seu cachorro e seu marido compositor, Jay.



Bart Naessens
(Bélgica)
Regente

Bart estudou no Lemmens Institute em Leuven com o seu grande inspirador, professor Luc Ponet. Na sua classe, ele aprendeu não só a se concentrar no órgão, mas a criar um foco amplamente orientado do espectro musical e ter um respeito básico pela beleza intrínseca e pelo poder particularmente profundo da arte e da beleza. Em Paris, concluiu especialização (o chamado Prix d'excellence) de “música de órgão sinfônico francês” com a maior distinção e parabéns do júri. Em maio de 2007 se formou em cravo com Kris Verhelst e, em setembro de 2008, concluiu mestrado em direção de orquestra sinfônica na classe de Edmond Saveniers. Bart frequentou masterclass com Ben van Oosten, Ludger Lohmann, Louis Robillard, Leo Van Doeselaar, Menno Van Delft, Trevor Pinnock, Skip Sempé, Kazushi Ono, Bernard Haitink, Roland Börgen. Em 2016 concluiu o doutorado na Universidade Católica de Leuven - KU Leuven. Suas atividades musicais ocorrem em muitas áreas diferentes, nas quais é altamente respeitado, muito procurado e apreciado. Atua como músico solista e de

câmara. Cada vez mais é visto em salas de concertos onde mora e no exterior com os mais diversos repertórios, desde polifonia precoce até criações de compositores contemporâneos. Como resultado tem recebido convites da Sociedade de Bacharões holandeses Ensemble Explorations, Zefiro Torna, Il Gardellino, Collegium Vocale Gent, Coro de Rádio Flamengo e Orquestra, Tulipa Consort, Il Fondamento, Les Muffatti, B' Rock, Currende (consorte), Orquestra Sinfônica Cluj, Coro e Orquestra do Teatro Royal Mint, La Hispanoflamanca, Ensemble Philidor, entre outras. Desde 1999, Bart tem sido palestrante e organista no Sint-Gilliskerk, em Bruges, onde toca o famoso órgão de Bach. Suas atividades pedagógicas são realizadas nas academias de Blankenberge e Ghent (De Poel) e no Kunsthumaniora do Lemmensinstituut em Leuven, onde é organista principal e clavecista. Além disso, é professor de língua francesa no famoso Conservatório Royal de Bruxelas e pesquisador do Instituto Luca (Lemmensinstituut) em Leuven. Bart concentra-se cada vez mais como regente e é regularmente requisitado como convidado. É diretor artístico do Roeselaars Kamerkoor. Em setembro de 2014 foi selecionado entre 400 candidatas para realizar a última semana de uma competição internacional / masterclass em Cluj (Romênia), na qual também ganhou o 1º prêmio. Em 2015 fez sua estreia intercontinental como regente sinfônico em apresentações na América do Norte e do Sul. Em 2007 fundou junto com sua esposa, Amaryllis Dieltiens, o conjunto Capriola di Gioia, para a prática do repertório barroco de forma original e influenciada. Bart também é fundador-regente da orquestra X-travaganza, onde já pode ser ouvido nacional e internacionalmente em inúmeras produções, desde música barroca até música contemporânea.



Bruno de Sá
(Brasil/Suíça)
Sopranista

O brilhante jovem soprano masculino Bruno de Sá já tem uma série de resenhas elogiosas da imprensa em seu nome; sua voz extraordinária e sua rara musicalidade surpreende tanto críticos quanto o público. Ainda estudante no Brasil, em 2013, fez sua primeira aparição profissional como Der Knabe, no Der Jasager de Weill (Centro Cultural SESC Belenzinho, São Paulo). Durante a temporada seguinte, apresentou-se em Treemonisha, de Joplin, e foi soprano solista das Paixões Segundo São João e São Mateus, de Bach, no Teatro Amazonas, em Manaus. Em 2015 estreou com o papel principal, como Sesto, em La Clemenza di Tito, de Mozart, no Teatro São Pedro, em São Paulo. Ele expandiu ainda mais seu repertório oratório como soprano solista em O Messias de Handel e Petite Messe Solennelle de Rossini no Teatro L'Occitane, em Trancoso, Bahia. Em 2016 novamente cantou os dois trabalhos, estreou na Alemanha com o Chorakademie, Lübeck e recebeu o primeiro prêmio no 14º Concurso Maria Callas, em São Paulo. Durante a temporada 2016/17 retornou ao Teatro São Pedro como Gherardino (Gianni Schicchi), Harry (Albert Herring), Cherubino (Le Nozze di Figaro) e Primeira Dama (Die Zauberflöte). No 20º Festival Amazonas de Ópera foi Der Hirt em Tannhäuser e solista em Triunfo da Voz, um concerto em homenagem ao grande castrato Farinelli. Em abril de 2017, suas aparições como Alberto em um raro renascimento de Il Noce di Benevento de Giuseppe Balducci também receberam ótimas críticas. Mais tarde, naquele ano, ele recebeu o Prêmio de Prata no 2º Concurso Internacional de

Música de Manhattan. Em junho de 2018 Bruno de Sá venceu o 19º Concurso Spiros Argiris em Sarzana, Itália, enquanto em julho, no Passau Sommerakademie, sua atuação em Petite Messe Solennelle de Rossini novamente recebeu aclamação da crítica. No mês seguinte estreou no Teatro Municipal, em São Paulo, como solista dos Salmos de Chichester, Bernstein, e voltou em dezembro para apresentações do oratório de Natal El Niño, de John Adams, fazendo, portanto, a estreia da obra na América Latina. Outros planos futuros incluem o Psalmus Hungaricus, de Kodály, em Frankfurt, sob regência de Peter Eötvös, e o papel principal da Aci, em Polifemo, de Giovanni Bononcini, em Potsdam e Bayreuth.



Cármeo de los Santos
(Brasil/Estados Unidos)
Violino

Aos dezesseis anos, Cármeo conquistou a mais prestigiada competição de música no Brasil, o Prêmio Eldorado, em São Paulo. Desde então, ele é solista convidado em mais de 40 orquestras pelo mundo, incluindo a New World Symphony, Santa Fe Pro-Musica, New Mexico Symphonies, Montevideo Philharmonic, Orchestra Musica d'Oltreoceano (Roma) e as principais orquestras no Brasil. Cármeo colaborou com renomados maestros como: Michael Tilson Thomas, Alejandro Posada, Jean-Jaques Werner, Guillermo Figueroa, Eric Shumsky, Rodolfo Saglimbeni, Yeruham Scharovsky, Jorge Pérez-Gómez, Roberto Tibiriçá e Jean Reis, entre outros. Em 2002, Cármeo fez sua estréia em Nova York como solista e maestro no Weill Recital Hall no Carnegie Hall com a ARCO Chamber Orchestra. Cármeo ganhou prêmios em várias competições internacionais, incluindo o primeiro prêmio no 4º Concurso Internacional de Cordas

Júlio Cardona (Portugal), primeiro prêmio no Music Teachers National Association (MTNA) Collegiate Artist Competition (USA) Collegiate Artist Competition (USA), e segundo prêmio no Young Artist International Competition (Argentina). Com a pianista Carla McElhane e o violoncelista Joel Becktell, Cármeo formou o grupo REVEL, sediado em Austin. O grupo executa masterworks para duos e trio de piano, e também executa obras modernas e populares em um estilo único que se tornou o principal suporte de seu repertório. O compromisso de Cármeo com jovens músicos leva-o a festivais de música em todo o mundo. Em seu Brasil natal, gosta de trabalhar com estudantes em áreas de risco e programas sociais semelhantes ao famoso El Sistema da Venezuela. Cármeo é bacharelado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, possui mestrado em Manhattan School of Music e doutorado na Universidade da Geórgia. Seus professores foram Fredi Gerling, Marcello Guerchfeld, Sylvia Rosenberg e Levon Ambartsumian. Como estudante, participou de aulas com Isaac Stern, Boris Belkin, Eugene Fodor e Shlomo Mintz, entre muitos outros. O lançamento do CD em 2009 de Cármeo, Sonatas Brasileiras, apresenta sonatas de Villa-Lobos, Guarneri e Santoro (UFRGS Label), recebeu o Prêmio Açorianos (Brasil) para o melhor CD Clássico do ano, juntamente com o prêmio do Melhor Intérprete Clássico do ano. O CD "Magic Hour" com o REVEL – traz trabalhos do trio de piano de Beethoven, Piazzolla e Kenji Bunch, além de arranjos originais do grupo. Dois CDs foram programados para o lançamento em 2013: "Brazilian Violin Showpieces" - peças curtas para violino e piano de compositores brasileiros, com o pianista Ney Fialkow; e "French Composers", com a Sonata para Violino e Piano de Debussy, e o Concerto para

Violino, Piano e Quarteto de cordas de Ernest Chausson, gravados ao vivo no 2012 Festival de Música de Câmara de Bonneville. Carmelo em 2013 gravou em DVD os 24 Caprichos da Paganini e recebeu um convite para julgar o 1º Concurso Internacional de Violino do Art Center Tokyo em Kobe, Japão. Carmelo é professor associado de violino na Universidade do Novo México, Albuquerque, onde mora com sua esposa Eugenia e seu filho Arthur. Ele toca com um violino Carl Becker, 1929.



Clenice Ortigara
(Paraná)
Piano

Concluiu os cursos de Bacharelado em Piano (1997), Licenciatura em Música (1998), ambos na UNESPAR/Campus de Curitiba I - Escola de Música e Belas Artes do Paraná, e Mestrado em Piano Performance, Música de Câmara e Ópera na University of Missouri, nos Estados Unidos (2009). Recebeu orientação pianística das seguintes professoras: Olga Kiun, Leilah Paiva, e Dra. Janice Wenger. Detentora de mais de 20 primeiros prêmios em competições nacionais e internacionais de piano e música de câmara. Destaque para o prêmio de Melhor Pianista Camerista e Acompanhadora ("Achievement Award Outstanding Accomplishments and Dedicated Service in Accompanying - Dept. of Music") da University of Missouri. Possui em sua discografia três CDs: Obras Brasileiras para clarinete e piano (2013) com o clarinetista Jairo Wilkens, Rodrigo Herrmann - vida e obra (2015) e Viagem Infinita (2017) com a soprano Marília Vargas e o clarinetista Jairo Wilkens. Atualmente ocupa o cargo de pianista correpetidora do

Coro da Camerata Antiqua de Curitiba e de professora concursada da UNESPAR/Campus de Curitiba I - Embap, atuando nas disciplinas de Música de Câmara e Prática de Repertório.



Dan Tolomony
(São Paulo/Paraná)
Direção Musical e violino solo

Bacharel em música pela Faculdade Mozarteum de São Paulo e formado pela Academia de Música da OSESP, sob orientação de Emmanuele Baldini. Iniciou os estudos com seu pai e na adolescência ingressou no Instituto Baccarelli, onde permaneceu de 2007 a 2013, sendo spalla da Orquestra Sinfônica Heliópolis no ano de sua aclamada turnê europeia, que passou pela Alemanha, Holanda e Inglaterra. Atuando como spalla, tocou sob a regência dos maestros: Roberto Tibiriçá, Yutaka Sado, Abel Rocha, Sian Edwards, Isaac Karabtchevsky, Marin Alsop e Zubin Mehta. Como solista, se apresentou à frente da Orquestra Sinfônica Heliópolis, Camerata da Faculdade Mozarteum, Camerata Schaeffler e Orquestra de Câmara da USP. Já colaborou com a Orquestra do Mato Grosso, Bachiana Filarmônica, Orquestra do Teatro São Pedro (SP), Camerata Latino-americana, OSESP e foi integrante da Orquestra Sinfônica de Piracicaba e da Orquestra Filarmônica de Goiás. Atualmente, Dan é concertino da Camerata Antiqua de Curitiba.



Daniel Germano
(Rio Grande do Sul)
Baixo-barítono

Especializado em canto lírico pelo Conservatório A. Buzzola, de Adria (Itália), o baixo-barítono iniciou seus estudos de canto com o professor

Decápolis de Andrade, tendo sido orientado posteriormente por Gisa Volkmann. Em 2018, debutou como Samuel em Un Ballo in Maschera no TMRJ; foi Conde Danilo em A Viúva Alegre (Lèhar) no TSP de Porto Alegre, Massimo na estreia mundial da ópera O Quatrilha (Vagner Cunha), Alfio em Cavalleria Rusticana (Mascagni) e Simèon em L'enfant Prodigue (Debussy). Em 2017, estreou como Escamillo, em Carmen (Bizet), no TMRJ, e Leporello, em Don Giovanni, com a OSPA. Seu debut europeu foi em 2012 como Don Basílio nas montagens de "O Barbeiro de Sevilha" em Bologna e Parma. Tem, ainda, em seu currículo, atuações em títulos como "Tosca", de Puccini, "Romeo et Juliette", de Gounod, "Salomé", de Strauss e "Cosi Fan Tutte", de Mozart, além de um vasto repertório de concerto, como as Missas de Requiem de Mozart, Verdi, Fauré, Duruflé e Brahms; Magnificat e Paixão Segundo São João, de Bach; IX Sinfonia de Beethoven, outras.



Diego Schuck Biasibetti
(Rio Grande do Sul)
Regente

É formado na Hochschule für Künste (Bremen - Alemanha) em Violoncelo Barroco com a professora Viola de Hoog e em Viola da Gamba com a professora Hille Perl e na UFRGS em Regência Coral com o Prof. Dr. Joceley Bohrer. Tem participado em produções de CD e DVD no Brasil e na Alemanha e ainda em vários grupos do exterior como Balthasar Neumann Ensemble, Bremer Barock Consort, Concerto Copenhagen e Die Kölner Akademie. Como regente e solista, tem atuado com orquestras do sul do Brasil como Orquestra Unisinos-Anchieta, Orquestra Sinfônica da UCS e Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, tendo também destaque na direção da produção Ópera na UFRGS, desde 2012. Atualmente

é violoncelo solista na Orquestra Sinfônica de Porto Alegre e Unisinos-Anchieta, violoncelista e regente assistente do maestro Manfredo Schmiedt na Orquestra Sinfônica da UCS e regente do Porto Alegre Consort.



Dr. Alan Christian Niemies
(Paraná)
Palestrante no Programa Música pela Vida

Médico, formado pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, é responsável pelos atendimentos do PREVENCOR: programa de prevenção e diagnóstico precoce de doenças crônicas do Instituto Curitiba de Saúde (ICS). É o criador do portal Med Simples de Medicina & Saúde e do treinamento Amparo, um curso online de 6 semanas que auxilia portadores de doenças crônicas a adaptarem sua vida e sua rotina após o diagnóstico através de técnicas de mudança do comportamento.



Fábio Martino
(Brasil/Alemanha)
Piano

Fábio Martino começa a tocar piano já aos cinco anos de idade no instrumento que pertenceu à sua avó, uma professora em São Paulo. Dezesete anos mais tarde - após uma rigorosa formação nas principais universidades do Brasil e Alemanha - Martino compra seu primeiro instrumento Steinway. O dinheiro para tal provém do primeiro lugar no maior concurso internacional de piano da América Latina, o "BNDES", com quantia equivalente a 48 mil dólares. É detentor de mais de 20 primeiros lugares em competições de piano e em 2017 conquista o 2º lugar no Prêmio Alemão de Pianistas e o 3º lugar no IV Concurso Internacional

de Concertos para Piano e Orquestra de Schenzhen, China. É considerado ousado e, ao mesmo tempo, aberto a desafios no cenário pianístico internacional. Como uma marca registrada apresenta-se sempre com uma gravata borboleta de laço feito a mão. O seu mais recente CD *Passion* gravado em coprodução com a rádio alemã SWR, contém ao lado das obras de Beethoven, Liszt e Schumann - que Martino interpreta de forma única e inspiradora -, a 1ª audição mundial do *Tico-Tico* no Fubá em um arranjo extremamente desafiador e sofisticado de Marc-André Hamelin. “Não é somente virtuoso, é também vibrante e de “cair da cadeira”! Grandioso!” - escreve Guido Krawinkel para a Revista *Klassikheute* dando dez para o CD. Também nos Estados Unidos, na Austrália e no Brasil, o CD é aclamado por críticos recebendo as melhores pontuações. Como um dos pianistas mais requisitados internacionalmente da sua geração, Fabio Martino interpreta concertos para piano e orquestra de Prokofiev, Rachmaninov, Beethoven, Mozart, Schumann, Medtner, Bartók, entre tantos outros, acompanhado por importantes orquestras nacionais e internacionais como OSESP, OSB, Petrobras Sinfônica, Filarmônica de Minas Gerais, Badische Staatskapelle, Orquestra Sinfônica da Rádio da Baviera, Orquestra Sinfônica de Berlim, Orquestra Filarmônica de Stuttgart, Orquestra Filarmônica de Duisburg e Orquestra Sinfônica de Shenzhen, entre outras. Seus concertos e recitais o levam com frequência às principais salas de concerto e aos Festivais mais conhecidos do mundo: Filarmônica de Berlim, Seoul Arts Center, Shenzhen Concert Hall, Sala São Paulo, Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Cidade das Artes, Sala Minas Gerais, Sala Cecília Meireles, Festival Internacional de Piano de Miami, The Gilmore Festival, Heide Iberger Frühling, Rádio NDR em Hannover,

Badische Staatstheater, Liederhalle em Stuttgart ou Gasteig em Munique. Público e crítica especializada mostram-se extremamente impressionados. A sua maestria e o seu carisma especial no palco já o levaram também a diversas produções de filme e TV, além de gravações ao vivo para as rádios brasileiras, alemãs e a BBC. Críticos denotam Fabio Martino como um “talento excepcionalmente fenomenal” e o comparam com Nelson Freire, Martha Argerich, Claudio Arrau, Sviatoslav Richter e Vladimir Horowitz.



Fernando Cordella
(Rio Grande do Sul)
Direção Musical e cravo

É considerado um dos principais cravistas de sua geração na América Latina. Em 2015 recebeu, em São Paulo, o prêmio TOYP JCI Brasil como a figura mais expressiva no Brasil do ano, na categoria “Éxito Cultural”. Em 2016 assumiu o posto de professor titular e coordenador da Oficina de Música Barroca da Escola Municipal de Música de São Paulo - EMMSP, vinculada ao Teatro Municipal de São Paulo. Tem atuado fortemente como solista e maestro convidado nas principais orquestras do Brasil. Na música de câmara tem atuado com Peter van Heyghen, Luiz Otávio Santos, Emmanuele Baldini, Roman Garrioud, Michaela Comberti, Juan Manuel Quintana, Rodolfo Richter, entre outros. Pianista de formação, iniciou seus estudos musicais em Carazinho com Fabiane Tombini, dando sequência em Porto Alegre, com a pianista Dirce Knijnik. No cravo, teve Nicolau de Figueiredo como seu principal mestre. Vencedor do Prêmio Açorianos 2011 como melhor intérprete da categoria música erudita pelo disco *Cravos* - de Frescobaldi a

Mozart. Cordella é diretor artístico e maestro titular da Orquestra Sinfônica de Carazinho e da Sociedade Bach Porto Alegre.



Ingrid Müller Seraphim
(Paraná)
Homenageada da IV
Semana de Canto Coral
Henrique de Curitiba

Ingrid Müller Seraphim, no decorrer da sua trajetória, dedicou-se ao piano, cravo e ao órgão, além de desempenhar importante papel como organizadora cultural. Professora da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, hoje, Universidade Estadual do Paraná, lecionou piano, cravo e música barroca, deflagrando o movimento de música antiga no Estado. Atuou intensamente em concertos, gravações e na organização de cursos e festivais reconhecidos nacional e internacionalmente. Entre as suas mais importantes ações estão a criação e a coordenação da Camerata Antiqua de Curitiba (1974-2001), Coro da Camerata Antiqua de Curitiba (1974-2001), Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba (1985-2001), e das Oficinas de Música de Curitiba (1983-2001) que são desde a sua criação mantidos pela Prefeitura Municipal de Curitiba através da Fundação Cultural de Curitiba. Como pianista, dedicou-se especialmente a Debussy; e como cravista e organista, a Rameau, Bach e Händel. Como reconhecimento maior por sua contribuição à cultura do país, recebeu entre outros prêmios, a Ordem do Pinheiro do Paraná em 2013 e as insígnias da Ordem do Rio Branco, das mãos do Presidente da República (Brasília, 2000). Em 2015, lançou o CD *Música Francesa para Cravo e Piano* com obras de Rameau, Couperin, Debussy e Ravel.



Isaque Lacerda
(Paraná)
Regente

Frequentou o curso Intermediário de instrumento (clarinete) da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (UNESPAR), na qual se formou, ao final do ano de 2004, no Curso Superior de Composição e Regência. Ao longo de sua formação recebeu orientações de Emanuel Martinez, Alessandro Sangiorgi, Osvaldo Ferreira, além de participar de diversos masterclasses de regência orquestral dirigidos por renomados maestros, como Fábio Mechetti, Isaac Karabtchevsky e Kurt Masur. Nos últimos anos tem atuado como maestro convidado em diversas orquestras, como: Orquestra Sinfônica da Cidade de Ponta Grossa, Orquestra Filarmônica da UFPR, Orquestra de Cordas do Festival de Música de Cascavel, Orquestra de Câmara do Departamento de Música da UFMT, Orquestra Sinfônica da UFMT e Orquestra Filarmônica de Jaraguá do Sul. Foi o principal regente da temporada 2004 de concertos da Orquestra Filarmônica da UFPR assim como, de 2005 a 2008, participou da montagem de todas as obras sinfônicas e operísticas realizadas no Teatro Guaíra como maestro assistente de coro. Também tem atuado na área pedagógica, ministrando cursos livres de música, assim como disciplinas teórico-musicais em diversas instituições de ensino, como Faculdade de Artes do Paraná, Festival de Música de Cascavel, Conservatório Municipal Maestro Paulino (Ponta Grossa) e Universidade Federal de Mato Grosso.



Jacques Rocha
(Rio de Janeiro)
Tenor

Natural do Rio de Janeiro, Jacques Rocha é tenor lírico leve, e escolhe obras para o seu repertório que exigem precisão e virtuosismo. Estreou profissionalmente como solista em 2012, no papel de Alessandro, Rei da Macedônia na ópera “O Rei Pastor” com a Orquestra Sinfônica Brasileira Ópera & Repertório, sob a regência de Henrique Morelenbaum. Com esta mesma orquestra e sob a regência do maestro italiano Francesco Maria Colombo apresentou-se como Tonio, ao lado do soprano internacional Nino Machaidze, na ópera A Filha do Regimento de Donizetti no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Participou do Concerto de Aniversário do Theatro Municipal do Rio de Janeiro na Carmina Burana de Carl Orff, cantando o trecho Olim Lacus Colueram. Em agosto de 2018, apresentou-se no papel de Albasar, da ópera Il Turco in Italia de Rossini, com a OSB Ópera & Repertório, sob a regência de Yuval Zorn. Do repertório de concerto, Jacques Rocha já se apresentou nas obras: Petite Messe Solennelle de Rossini, A Nova Sinfonia de Beethoven, Messiah de Händel, Missa Pastoril do Padre José Mauricio Nunes Garcia e Oratório de Natal de Saint-Saëns.



Jairo Wilkens
(Pará/Paraná)
Clarinete

Estudou no Conservatório Carlos Gomes (Belém-PA) nas classes dos professores Jindrich Sidla (República Tcheca) e Oleg Andryeyev (Rússia). Bacharel em Clarinete pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná - Embap (atual UNESPAR/

Campus de Curitiba I) na classe do professor Maurício Carneiro, continuando sua formação nos Estados Unidos com os professores Paul Garritson (University of Missouri-Columbia) e Howard Klug (Indiana University-Bloomington). Detentor de 20 prêmios nacionais como solista e camerista. Artista convidado nas convenções internacionais de clarinetistas Clarinet Fest 2008, Clarinet Fest 2010 e Clarinet Fest 2014, promovido pela International Clarinet Association nos EUA. Ocupa, desde 2012, a posição de solista-especial - assistente de principal e requinta na Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas (SP) e em 2017, clarinete principal na Orquestra Sinfônica do Paraná. De 2015 a 2017 foi professor colaborador de clarinete na UNESPAR/ Embap e constantemente é professor-recitalista convidado em festivais no Brasil, como o Festival Internacional de Música de Londrina, Oficina de Música de Curitiba, simpósios de clarinetistas de Brasília e de Goiânia. Possui em sua discografia dois CDs: Obras para clarinete e piano (2013), com a pianista Clénice Ortigara, e Clarinete Solo Brasileiro (2016), ambos oferecendo um panorama da música brasileira moderna e contemporânea.



Lúcia Passos
(Rio Grande do Sul)
Oficina de Técnica Vocal

Mineira, radicada no Rio Grande do Sul, trabalha como professora de técnica vocal para coro, paralelamente às atividades de cantora e professora de canto. Foi professora de técnica vocal do Coral Unisinos - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (RS) por 26 anos e coordenadora cultural da mesma universidade, durante cinco anos. Ministrou cursos por todo o Brasil, por meio da Funarte, incentivando o

desenvolvimento do canto coral, bem como a formação de novos orientadores vocais. Foi solista da Orquestra Sinfônica Brasileira, Orquestra de Câmara da OSPA e Orquestra de Câmara Theatro São Pedro, entre outras.



Luciana Costa e Silva
(São Paulo)
Mezzosoprano

Luciana é Mestre em Ópera pela Royal Scottish Academy of Music and Drama, com o patrocínio da bolsa de estudos RSAMD Endowment Trust, e Mestre em Voice Performance pela Guildhall School of Music and Drama, com bolsa da CAPES. Obteve o primeiro lugar nos concursos de canto: Amália Conde, no Rio de Janeiro; Academia Vocalis Tiroloensis, em Wörgl; The Margret Dick Award, em Glasgow. Foi regida por maestros de renome internacional, destacando-se: Ligia Amadio, Christian Curning, Roberto Duarte, Isaac Karabitchevsky, Luiz Fernando Malheiro, Roberto Minczuk, Carlos Moreno, Guillermo Scarabino, Silvio Viegas, Tobias Volkmann, dentre outros. Apresentou-se em diversos festivais de música clássica, entre eles: Festival Internacional de Sarrebourg, na França, Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora, em Minas Gerais; Festival Vale do Café, Rio de Janeiro; Festival Amazonas de Ópera, no Amazonas. Entre os inúmeros papéis em óperas que executou, destacam-se: Mensageira, em L'Orfeo, de Monteverdi; Orfeo, em Orfeo ed Euridice, de Glück; Cherubino, em Le Nozze di Figaro, de Mozart; Hermia, em A Midsummer Night's Dream, de Britten; Smèraldine, em L'Amour des Trois Oranges, de Prokofiev; Sertaneja e Íris, em Chagas, de Silvio Barbato e Alexandre Schubert. Em concerto, atuou em: Gloria, de Vivaldi; Stabat Mater, de Pergolesi; Messiah,

de Handel; Missa em Si Menor, de Bach; Requiem, de Mozart; Nona Sinfonia, de Beethoven; Lobgesang, de Mendelssohn; El Amor Brujo, de De Falla; Les Noces, de Stravinsky. Luciana também gravou alguns CD's e DVD's no Brasil e na França, entre eles, Modinhas Imperiais para a série do CD Comemorativo Chegada da Família Real - III, com a direção musical de Marcelo Fagerlande.



Luís Otávio Santos
(Minas Gerais/São Paulo)
Regente

Formado em violino barroco pelo Koninklijk Conservatorium Den Haag, Holanda, onde recebeu o Diploma de Solista (master's degree) em 1996. Desde 1992 é spalla e solista da renomada orquestra barroca La Petite Bande (dir. Sigiswald Kuijken), com a qual já realizou turnês por toda Europa, China, Japão, México, Argentina, Colômbia e Chile. Gravou dezenas de CDs e programas de televisão para as TVs belga, francesa e japonesa. Também lidera outros grupos na Europa, tais como Ricerchar Consort (direção de Philippe Pierlot), Le Concert Français (direção de Pierre Hantai), Nederlandse Bachvereniging (direção de Gustav Leonhardt) e Den Haag Baroque Orchestra. Foi professor de violino barroco na Scuola di Musica di Fiesole em Florença, de 1997 a 2001, e no Conservatoire Royal de Musique de Bruxelles, de 1998 a 2005. Em 2004 foi professor convidado na Musik Hochschule de Leipzig, na Alemanha, e por várias vezes foi membro do júri nos exames finais do Conservatoire de Musique de Genève, na Suíça, e do Conservatoire National Supérieur de Musique de Lyon, na França. Na sua discografia solo destacam-se a íntegra das Sonatas de Johann Sebastian Bach (ao lado do cravista

Peter - Jan Belder) para o selo holandês Brilliant, As Quatro Estações de Vivaldi com La Petite Bande, pelo selo belga Accent, e das Sonatas para violino de J. M. Leclair para o selo alemão Ramée. Este último recebeu o prêmio Diapason d'Or na França, a maior distinção francesa concedida a um registro fonográfico. No Brasil é o diretor artístico do Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora, evento que há 19 anos promove e divulga a interpretação histórica da música antiga. Nesse evento é também regente da Orquestra Barroca do Festival, que já gravou nove CDs e um DVD com obras brasileiras e europeias, em registros inéditos no Brasil. Em 2005 a Orquestra Barroca recebeu o prêmio Diapason de Ouro, concedido pela revista Diapason Brasil. É também coordenador e professor fundador do Núcleo de Música Antiga do Centro de Estudos Tom Jobim - Universidade Livre de Música, em São Paulo. Em 2007, Luís Otávio Santos foi agraciado com o título de Comendador da Ordem do Mérito Cultural, concedida pelo Governo Federal e o Ministério da Cultura, por suas realizações em prol da cultura nacional e pelo reconhecimento de sua carreira internacional. Em 2011, Luis Otávio foi colocado na lista da revista Época entre as 100 personalidades mais importantes do ano, figurando entre nomes como Luis Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff, entre outros.



Márcio Steuernagel
(Brasil/Áustria)
Regente

Regente e compositor, nascido em 1982, radicado em Curitiba, Márcio Steuernagel é regente titular da Orquestra Filarmônica da Universidade Federal do Paraná e Professor de Regência

e Composição na Escola de Música e Belas Artes do Paraná/UNESPAR, regente do Ensemble Móbil, e membro fundador do Ensemble entreCompositores, com o qual dirigiu, de 2011 a 2017, a Bienal Música Hoje. Atualmente reside na Áustria, onde é Doutorando na Universidade de Música e Artes Performáticas de Graz (Künstiniversität Graz). Mestre em Música pela UFPR, graduado em Composição e Regência pela EMBAP, Steuernagel estudou regência com Osvaldo Ferreira, Daisuke Soga, e Alpaslan Ertüngealp, e composição com Maurício Dottori. Suas premiações incluem o 1º lugar no Concurso Nacional de Composição Michel Debost (2005), o Prêmio Funarte (XVII Bienal de Música Brasileira Contemporânea, 2007), e o Prêmio Funarte de Composição Clássica (2010); teve obras orquestrais estreadas pela Orquestra Sinfônica do Paraná, Orquestra Filarmônica da UFPR e Camerata Antiqua de Curitiba. Foi Maestro Assistente na Orquestra Sinfônica do Paraná de 2011 a 2013, e atuou como maestro convidado à frente de grupos especializados em música nova brasileiros e europeus, como o Ensemble Platypus (Viena), e em orquestras como Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro e Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba, com a qual realizou a estreia brasileira das Ramifications de György Ligeti (2015), e a estreia americana de L'ideale lucente e le pagine rubate de Salvatore Sciarrino (2017), coroando sua expertise na direção de música nova, com dezenas de estreias de compositores nacionais e estrangeiros.



Marília Vargas
(Paraná/São Paulo)
Soprano

Paranaense, debutou no Teatro Guaíra aos

12 anos como o Pastor na ópera Tosca, sob direção do maestro Alceo Bocchino. Estudou com Neyde Thomas, Montserrat Figueras, Christoph Prégardien, Silvana Bartoli e Barbara Bonney. Uma das mais ativas e respeitadas sopranos de sua geração, Marília Vargas divide seu tempo entre concertos, masterclasses e festivais de música, que a levam regularmente a realizar concertos em importantes teatros, destacando o Theater Basel, Stadt Casino Bern, Tonhalle Zürich, Wiener Konzerthaus, Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Sala São Paulo, Arsenal Metz, Theatre Royal Versailles, Berliner Konzerthaus, Auditorium e Liceo de Barcelona, Helsinki Music Centre e National Center of Performing Arts Beijing, em diversos países europeus, América Latina e Ásia. Possui extensa discografia e inúmeras gravações para rádio e TV brasileiras e europeias (TV Brasil, TV Cultura, TVE, Arte, Mezzo). Seus dois álbuns solo, Todo amor desta terra e Tempo breve que passaste: Modinhas Brasileiras estão ambos esgotados. Em agosto de 2014 lançou seu mais novo CD: Engenho Novo, ao lado do pianista e compositor André Mehmar. Marília Vargas é também professora de Canto Barroco na Escola de Música do Estado de São Paulo, preparadora vocal do Coral Jovem do Estado e professora da Oficina de Música Barroca da Escola Municipal de Música de São Paulo.



Marisú Pavón
(Argentina)
Soprano

Iniciou seus estudos de canto no Conservatório Nacional de Música Carlos López Bucharcho e continuou sua formação com Marisa Albano, Mónica Capra, Rosa Domínguez (Holanda), Xenia Meijer (Holanda), Marta Blanco e Elisabeth

Canis. Estudou repertório de música de câmara com Guillermo Opitz e repertório de ópera com Susana Cardonnet e Juan Pablo Scaffidi, e teatro tradicional e contemporâneo com Febe Chavez e Beatriz Catani. Especializada no repertório dos séculos XVII e XVIII, participou como solista nos principais festivais de música barroca na Espanha, Bélgica, Holanda, Suíça, Estados Unidos, Colômbia e México, e integrou o Ensemble Elyma (Suíça), dirigido por Gabriel Garrido. Sua discografia dedicada à música antiga inclui, entre outros: Selva Morale e Spirituale, de Claudio Monteverdi, para o selo K617; Duetos de Motetos e Canções de Natal S XVII - XVIII pela etiqueta "Etcetera", Ópera Gli Amori D'Apollo e di Dafne por F. Cavalli pelo selo K617, Motets e Madrigals de S XVII-XVIII por Cristobal Galán (Estreia Mundial) para o rótulo "Lauda Musica", Hipolyte et Aricie e Castor et Pollux de Jean-Philippe Rameau para a coleção de ópera francesa do Museu Nacional de Arte Decorativa de Buenos Aires. No exterior, cantou para a Rádio e Televisão do Concertgebouw em Amsterdam, Kaaitheater, Concertgebouw em Bruges, (Bélgica), Rotterdamse Schouwburg, (Holanda), Stadsschouwburg Goningen, (Holanda), Palau de la Musica em Barcelona, Salle Gaveau de Paris, Catedral de Notre Dame, Teatro Arriaga (Bilbao), Auditório Kursaal (San Sebastian), entre outros. Seu repertório é extenso tanto no gênero sinfônico de coral quanto de ópera, indo de Monteverdi a autores contemporâneos. Entre suas apresentações estão: l'incoronazione di Poppea (Poppea), Indias Galantes (Fatime), Serva Padrona (Serpina), Dido e Eneas (Dido), Gli amori D'Apollo e di Dafne (Procris), Montezuma (Teutille), Castor e Pollux (Phoébé), Hipólito e Aricie (Phédre). No Teatro Colón estreou em 2010 com A Flauta Mágica no papel de (Pamina), Viúva

Alegre, Cenerentola (Clorinda), Bodas de Fíguro (Susanna), Un Ballo em Maschera (Oscar), Die Frau ohne Schatten (Guardian del Templo), Idomeneo (Ilia), Calígula (Livia), Elektra (Criada y Portadora del Manto), Don Carlo de G. Verdi (la Voz del cielo), Don Giovanni (Susanna). No Teatro Argentino de La Plata estreou em 2010 com a Ópera Ainadamar no papel de (Margarita Xirgu), *Così fan tutte* (Despina). Participou em concertos na temporada como solista entre os quais estão o Te Deum de Bruckner, a Criação de Haydn, Requiem de Mozart, Carmina Burana, Eljah de Mendelssohn, entre outros. No Theatre Avenue de Buenos Aires estreou em 2011 com a Ópera Xerxes no papel de (Atalanta), Rápido do Serrallo (Konstanze), *Così fan tutte* (Despina).



Martin Oro
(Suíça/Argentina)
Contratenor

Suíço-argentino, formado em Psicologia (UBA-Aiglé), professor de viola, professor de canto e solista lírico internacional, Martin Oro integrou o Coral das Crianças e da Orquestra Filarmônica do Teatro Colón, bem como a Orchester des Nations. Na Rússia aperfeiçoou-se em viola com Yuri Bashmet no Conservatório Tchaikovsky em Moscou e na Suíça em canto, nos Conservatórios de Fribourg e Neuchâtel, bem como na Schola Cantorum Basiliensis. Entre seus professores figuram René Jacobs e Richard Levitt. Tem cantado junto a Cecilia Bartoli, Emma Kirkby, Philippe Jaroussky, Jonas Kaufmann, dentre outros sob a direção de N. Harmoncourt, R. Jacobs, J. Savall, H. Rilling, E. Diemecke, em salas como Scala de Milán, Ópera de Zürich, Filarmônica de Berlin, Théâtre des Champs-Élysées, Teatro Colón. Completam sua trajetória lírica numerosas gravações

radiofônicas internacionais, assim como em CD e DVD, onde tem recebido prêmios como « Charles Cros », « 5 Diapasons » o Télérama. Martin Oro, foi escolhido como uma referência para o livro “Controtentori” pelo notável crítico de música lírica, Alessandro Mormile. Sua significativa carreira internacional foi premiada na Itália com o prêmio “Velluti”, assim como na Suíça, com o prêmio de cultura “Network”.



Masami Ganev
(Japão/Brasil-SC)
Soprano

Soprano natural do Japão, iniciou seus estudos de piano aos seis anos de idade com Tomie Takahashi. Estudou canto com Neyde Thomas, Elaine Boniolo e Samira Hassan. Atualmente aprimora-se com Eiko Senda e com os pianistas Alberto Heller e Rafael Andrade. Fez masterclasses com Dame Kiri Te Kanawa e Carlo Colombara. Em 2015 teve oportunidade de assistir a aulas e ser ouvida por Mirella Freni em Modena, Itália. Recebeu menção honrosa no Concurso Internacional de Canto Lírico na cidade de Trujillo, Peru (2010). Foi semifinalista no Concurso Lírico Internacional Città di Ferrara, Itália (2012) e semifinalista no Concurso Lírico Umberto Giordano na cidade de Lucera, Itália (2015). Cantou os papéis Cio-cio-san (Madama Butterfly), Condessa (As Bodas de Fíguro), Mimì (La Bohème), Micaëla (Carmen), Delia (Fosca), Quarta Criada (Elektra), Flora (Traviata), Segunda-Dama (A Flauta Mágica), Giovanna (Rigoletto), bem como: Sinfonia no. 2 de Mahler, Nona Sinfonia de Beethoven, Sinfonia Terra de Heller, Requiem de Mozart, Fantasia Coral de Beethoven, Glória de Vivaldi e Missa de Coroação de Mozart. Cantou com a Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo (John Neschling,

Eduardo Strausser), Orquestra Sinfônica de Minas Gerais (Gabriel Rhein-Schirato), Orquestra Sinfônica de Santo André (Abel Rocha), Orquestra Sinfônica do Paraná (Alessandro Sangiorgi, Osvaldo Ferreira) e com a Camerata Florianópolis (Jéferson Della Rocca). Integrou a Cia de Ópera Curta de São Paulo. Trabalhou sob direção cênica de Yoshi Oida, Cleber Papa, Livia Sabag, Stefano Poda, Walter Neiva e Antônio Cunha. Gravou a trilha sonora do filme Ensaio de Tânia Lamarca. Com frequência tem feito recitais de lieder e canções japonesas em várias cidades do país.



Miguel Gerald
(São Paulo)
Tenor

Iniciou seus estudos com o contralto Gledys Pierri e se aperfeiçoou com o soprano Neyde Thomas e correpetidores como Joaquim Paulo do Espírito Santo, Lázaro Wenger e Ruy Homem de Mello. Já integrou importantes grupos especializados em música antiga como Armônico Tributo, Coro Bach e Camerata Antiqua de Curitiba. Atualmente integra o Coro Lírico do Theatro Municipal de São Paulo. Tem se apresentado com importantes orquestras brasileiras como a Sinfônica Municipal de São Paulo, Orquestra Sinfônica do Paraná, Orquestra Sinfônica de Campinas, Orquestra Experimental de Repertório, Orquestra Sinfônica de Londrina, entre outras de reconhecida importância, sob a regência de maestros como Mário Zaccaro, Ira Levin, Benito Juárez, Alessandro Sangiorgio, Reynaldo Censabela, Jamil Maluf e José Maria Flôrencio. Debutou no Theatro Municipal de São Paulo, no papel de Alfredo Germont em La Traviata de G. Verdi, e desde então, vem participando das temporadas líricas da mesma casa. Acumulam-se em

seu currículo inúmeras premiações como: vencedor do V Concurso Carlos Gomes de Campinas, II Concurso Aldo Baldin de Florianópolis, e III Concurso Internacional de Canto Bidu Sayão. Em 2007 interpretou Nemorino no *Elisir d'Amore* de Donizetti, com direção cênica de Enzo Dara. Em outubro de 2007 atuou como Rodolfo, em La Bohème, de Puccini, em Adria (Itália), sob regência do maestro Alessandro Sangiorgio. Em novembro do mesmo ano, participou como Duca na montagem do Rigoletto de Verdi do festival Aldo Baldin em Florianópolis. Atuou no Elias de Mendelssohn junto à Orquestra Sinfônica de São Paulo sob a regência do maestro Mario Zaccaro. Miguel Gerald vem também se destacando pela versatilidade de seu repertório, no qual constam cantatas, oratórios e óperas dos mais diversos estilos musicais.



Olivia Centurioni
(Itália)
Violino

Começou a estudar violino com os pais, Margaret Martin e Paolo Centurioni. Em 1984 foi admitida no Conservatório Santa Cecilia em Roma, na turma de Alfredo Fiorentini, com quem estudou até obter o diploma. Em 1992 ingressou na Konzert Klasse de Adelina Oprean na Musik Akademie der Stadt Basel (Basileia, Suíça), onde permaneceu por dois anos. Em 1994, movida pelo seu interesse pela música antiga, decidiu fazer o exame de admissão para a Schola Cantorum Basiliensis, onde foi admitida na turma de Chiara Banchini, com quem estudou por quatro anos. A partir desse momento, iniciou a sua participação em vários grupos musicais antigos e famosos, como: Ensemble 415 (Chiara Banchini), Concerto Vocale (René Jacobs), Le Concerto

de Nations (Jordi Savall), Concerto Italiano (Rinaldo Alessandrini). Primeiro violino: Al Ayre Espanol (Lopez Banzo), Ensemble Elyma (Gabriel Garrido), Complexo Barocco (Alan Curtis), La Risonanza (Fábio Bonizzoni), Orquestra da Comunidade de Madrid. Gravou com as seguintes casas discográficas: Harmonia Mundi (Alemanha), Harmonia Mundi (França), Zig Zag, Stradivarius, Glossa, Supraphon, Ars Musici. Sempre atuou como pedagoga nas seguintes instituições de ensino: Cívica Scuola di Musica Milano - Professora de violino barroco (2000/2002), Academie Baroque Européenne d'Ambronay - Tutora da Orquestra e Professora de Música de Câmara (2000 e 2006), Centro de Culturas de Música Rencontres Ambronay (França), Professora durante vários anos da masterclass do repertório italiano do início do século XVII, juntamente com Gabriel Garrido. Foi também professora de violino barroco no: IX Curso Villa Wilanow, Varsóvia (Polônia, em 2000) e Curso de verão Manuel de Falla, no 34º Festival de Granada 2003.



Paulo Hübner (Paraná)
Direção Musical
e violino solo

É bacharel em violino pela EMBAP, sob orientação de Marco Damm. Na mesma instituição, completou os cursos de Formação Musical I e Avançado em Música. É mestre em música pela Universidade Federal do Paraná. Desde 2002 tem aulas regulares com Paulo Bosisio, membro da Academia Brasileira de Música. Foi spalla da Orquestra de Cordas da EMBAP e da Orquestra de Câmara da EMBAP. Seus prêmios incluem o 1º Lugar no 12º Concurso Nacional de Cordas Paulo Bosisio (Juiz de Fora - MG), o 2º Lugar na 13ª edição do mesmo concurso, e o 3º Lugar no XVI Concurso Jovens Instrumentistas do Brasil

(Piracicaba - SP). Desde 2007 participa dos concertos da Camerata Antiqua e da Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba, integrando oficialmente esses grupos como segundo violino solista, em 2010, e como primeiro violino, a partir de 2012.



Paulo Mestre
(Paraná)
Contrateno

Natural de Curitiba (Brasil), Paulo Mestre vem desenvolvendo importante carreira como solista. Destacando-se em apresentações internacionais em Washington com a Camerata Antiqua de Curitiba, da qual participou durante vários anos. Na França, em Pau, como convidado pela UNICEF, em Paris e Metz sob a regência de Ricardo Kanji, no ano do Brasil na França, e em turnê com o grupo Calíope no mesmo país. Com o mesmo grupo, apresentou-se na Fundação Gulbenkian em Lisboa e na Espanha e também no festival de Chiquitos na Bolívia, bem como no Canadá, Alemanha, Israel, Costa Rica, Uruguai e Argentina (Buenos Aires, Córdoba, Rosario e Mendoza). No Brasil vem atuando em Festivais de Música Antiga do Rio de Janeiro, Curitiba e Juiz de Fora, em recitais com Marília Vargas, Nicolau Figueiredo, Marcelo Fagerlande, Bruno Procópio ao cravo e José Luiz de Aquino organista, e como solista de importantes orquestras, entre as quais a Orquestra Jovem das Américas, OSESP, Sociedade Bach, Orquestra da USP, Orquestra de Câmara da UNESP, Orquestra de Câmara da ULBRA (Rio Grande do Sul), Orquestra do Teatro São Pedro (SP), Sinfônica do Rio de Janeiro, Orquestra da Petrobras, Sinfônica de São Paulo, Paraíba, Pernambuco, Paraná e de Ribeirão Preto. Com grupos especializados em Música antiga, como: Arte Barroca (SP), Armônico Tributo (Campinas-SP), Roberto de Regina

(Curitiba), Benedictus (Rio de Janeiro), Tábula (Brasília), Calíope (Rio de Janeiro), Orquestra de Ouro Preto (Minas Gerais). Em ópera cantou como protagonista o Orfeu de Glück em Mendoza, como Esperança no Orfeu de Monteverdi, no Rio de Janeiro, em Curitiba como Ptolomeu na ópera Júlio César de Haendel. E em ópera composta por Marcos Lucas no Rio de Janeiro e Brasília - O Pescador e sua Alma, no papel de Alma.



Priscila Rato
(Rio de Janeiro/Bahia)
Direção Musical
e violino solo

A violinista carioca Priscila Rato começou seus estudos de violino aos oito anos de idade com o professor Bernardo Bessler. Em 2006 e 2007 participou da Nordic Music Academy, em Mors na Dinamarca, com Per Enoksson (spalla da Orquestra Sinfônica de Gutenberg) e com o premiado violinista Nikolaj Znaider, realizando concertos em Copenhague (Tivoli Hall) e em 2004, 2005 e 2006 participou do Festival Internacional de Campos do Jordão, em São Paulo, tendo aulas com Boris Belkin, Daniel Hope, Cláudio Cruz e Quarteto Borodin. Em 2009 passou uma temporada em Bruxelas para ter aulas com o pedagogo Rudolf Werthen. Graduou-se na Escola de Música da UFRJ em 2011, na classe do professor Michel Bessler, e no mesmo ano se mudou para Genebra para aperfeiçoar seus estudos na International Menuhin Music Academy, tendo aulas com o grande solista internacional Maxim Vengerov, Liviu Prunaru (spalla da Orquestra Concertgebouw de Amsterdam) e Bogdan Zvoristeanu (spalla da Orquestra Suisse Romande). Na Suíça foi integrante da Camerata Menuhin, com a qual realizou concertos sob a regência de Maxim Vengerov em grande parte da Suíça, Portugal e

Mônaco. Participou de uma turnê com a Gstaad Festival Orchestra sob a regência de Kristian Jarvi na Suíça Italiana e na França. Graduou-se mestre em música pela Universidade Federal da Bahia em 2017 e, durante esse período, foi spalla da Orquestra Sinfônica da Bahia. Participou das masterclasses do grande pedagogo Boris Kuschnir, no Festival de Verbier na Suíça, em julho de 2012. Foi vencedora do Concurso para jovens solistas da OSMG, OSBA, OSB Jovem (da qual foi spalla por três anos) e OSB. Priscila já atuou como solista frente à Orquestra Sinfônica Brasileira, Orquestra Sinfônica da Bahia, Orquestra Sinfônica da UFRJ, Camerata Menuhin (na Sala de concertos Victoria Hall em Genebra), Camerata do Rio de Janeiro, Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, USP Filarmônica e Orquestra Johann Sebastian Rio, sob batuta de maestros como Ira Levin, Felipe Prazeres, Carlos Prazeres, Roberto Tibiriçá, Yeruham Scharovsky, Ernani Aguiar, Pietro Bastianelli, Carlos Rato e Bernardo Bessler. Atualmente Priscila é spalla da Orquestra Sinfônica da Bahia, spalla da Orquestra Sinfônica da UFBA e violinista da orquestra Johann Sebastian Rio.



Quintino D'Agostin
(Paraná)
Palestrante no Programa
Música pela Vida

Quintino D'Agostin atua como Porta Voz, Palestrante e um dos responsáveis pelo CVV Comunidade. O CVV - Centro de Valorização da Vida (www.cvv.org.br) é uma das organizações não governamentais mais antigas do Brasil (1962) e tem como missão "Valorizar a vida, prevenindo o suicídio". Em Curitiba, o CVV está atuando desde 1980, contando com uma média

de 70 voluntários que se revezam em atendimentos telefônicos, presenciais, por e-mail, em apoio à comunidade e serviços administrativos. Hoje, o CVV atende mais de 5.000 municípios no país, através da linha telefônica gratuita 188, integrada em rede com mais de 100 postos, que prestam cerca de 9.000 apoios diários. O suicídio é um problema de saúde pública que mata pelo menos um brasileiro a cada 45 minutos, mais do que a Aids e muitos tipos de câncer. Porém, pode ser prevenido em 9 de cada 10 casos. O movimento Setembro Amarelo, mês mundial de prevenção do suicídio, iniciado em 2015, visa sensibilizar e conscientizar a população sobre a importância da prevenção - www.setembroamarelo.org.br.



Reynaldo Puebla
(São Paulo)
Oficina de Canto
em Cena

Ator e diretor de teatro formado no Conservatório Municipal de Teatro da Cidade de Mendoza, Argentina. Notório Saber de Ator e Diretor - SATED SP, Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão de São Paulo. Diretor do Grupo de Teatro Persona da Cooperativa Paulista de Teatro. Diretor cênico do Coral UNIFESP desde 1997. Diretor Cênico do Instituto Baccarelli com jovens da Comunidade de Heliópolis - SP, de 2003 a 2007. Criador do Projeto Coral Cênico Fazendo Arte na Escola - Prefeitura de Taboão da Serra. Dirige o Projeto Canto em Movimento em Escolas do SESI Educação, São Paulo. Diretor cênico do Laboratório Coral de Itajubá - MG desde 1987. Diretor cênico do Laboratório Coral de Nova Petrópolis - RS, desde 2011 - (1ª Edição).



Tobias Volkmann
(Rio de Janeiro)
Regente

Principal Regente Convidado da Orquestra Sinfônica Nacional UFF, Tobias Volkmann é um dos destaques recentes da cena musical no Brasil. Desde a conquista dos principais prêmios concedidos no Concurso Internacional de Regência Jorma Panula 2012 na Finlândia e do Prêmio de Público no Festival Musical Olympus de São Petersburgo em 2013, Volkmann vem atraindo atenção para uma carreira internacional em ascensão. Em 2015 estreou na célebre sala Gewandhaus de Leipzig como convidado da temporada oficial do Coro e Orquestra Sinfônica da Rádio MDR. Como convidado, esteve à frente de importantes orquestras europeias e sul-americanas, entre elas a Orquestra Sinfônica do Porto Casa da Música, Orquestra Sinfônica Estatal do Museu Hermitage, Orquestra Sinfônica Estatal de São Petersburgo, Sinfônica de Brandemburgo, Orquestra Sinfônica do Chile, Orquestra Sinfônica do SODRE, Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, Orquestra Petrobras Sinfônica, Orquestra Sinfônica da UNCuyo - Mendoza, Orquestra Sinfônica do Paraná e Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Compromissos futuros incluem a estreia frente à Filarmônica de Pilsen, na República Tcheca. Como maestro titular da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro de 2016 a 2018, dedicou-se especialmente ao repertório operístico, coral-sinfônico e de balé, recebendo reconhecimento de público e crítica, com destaques recentes para a Segunda Sinfonia de Mahler e

a ópera *Un ballo in maschera* de Verdi. Também a produção de *As Bodas de Fígaro* foi escolhida pela imprensa carioca como um dos dez melhores espetáculos de 2015 e a *Missa Solemnis* de Beethoven foi eleita um dos dez melhores concertos de 2016. Na OSN UFF desenvolve o repertório sinfônico com especial enfoque na música brasileira. A orquestra vem retomando sua vocação inicial para o registro fonográfico, tendo gravado três CDs sob sua direção musical desde 2016. Sua discografia completa-se com *Whisper*, disco de música brasileira gravado ao vivo na Alemanha com a harpista Cristina Braga e a Sinfônica de Brandemburgo. Tendo a versatilidade como principal qualidade artística, Tobias Volkmann se mostra igualmente à vontade no repertório sinfônico, coral, no teatro de ópera e balé e na interpretação historicamente informada da música do século XVIII. Com especial atenção à música contemporânea, estreia regularmente obras sinfônicas com a OSN UFF, tendo aberto a XXII Bienal de Música Contemporânea Brasileira em 2017. Dirigiu mais de vinte primeiras audições nos EUA, Alemanha, Rússia e Brasil. Tobias Volkmann realizou sua formação com grandes nomes da regência em masterclasses internacionais ministradas por Kurt Masur, Jorma Panula, Ronald Zollman, Isaac Karabtchevsky, Guillermo Scarabino e Fabio Mechetti.



Víctor Torres
(Argentina)
Barítono

Víctor Torres estudou canto com Ida Terkiel, Catalina Hadis, Horacio Soutric e Mercedes Alicea (NY),

composição com Eduardo Bertola, Mariano Etkin e Gerardo Gandini. Pedagogia do método de Violeta Gainza com Dora Sujatovich. É formado pelo Instituto Superior de Arte do Teatro Colón. Ele participou de aulas de mestrado oferecidas pelo tenor suíço Ernst Haefliger e pelo barítono francês Gerard Souzay. Ganhou o primeiro prêmio no Concurso Internacional de Canto de Bilbao (1990). Recebeu o prêmio Clarin Award Figura da Música Clássica (2007) e o Diploma de Mérito da Fundação Konex (2009). Desenvolve sua carreira em grandes teatros como Teatro Colón, Teatro Argentino de La Plata, Staatsoper de Berlim, Liceu em Barcelona, Teatro de la Monnaie, Flanders Opera, Opera Bastille, Teatro du Chatelet, Teatro de Champs Elysées, Opera Nancy, Ópera de Bordeaux, Grande Teatro de Genebra, Opera de Laussane, Teatro Massimo em Palermo, Teatro Comunale em Florença, Teatro Real de Madrid, entre outros. Seu repertório operístico inclui papéis principais em *La Traviata*, *Don Carlos*, *Simon Boccanegra*, *Falstaff*, *Rigoletto*, *Nozze di Figaro*, *Così fan tutte*, *La Bohème*, *Madame Butterfly*, *Adriana Lecouvreur*, *Manon*, *Werther*, *Cenerentola*, *Lucia di Lammermoor*, *L'Elisir d'Amore*, *Don Pasquale*, *L'Orfeo*, *Il Ritorno d'Ulisse in Patria*, *Orlando Paladino*. Víctor Torres cantou sob a batuta de diretores destacados, como Rene Jacobs, Georges Pretre, Evelino Pido, Giovanni Antonini, Michel Corboz, Jordi Savall, Gabriel Garrido, Josep Pons, Antonio Pappano, Masaaki Suzuki, Muhai Tang e William Christie. Participou da estreia parisiense e madrilena de *Il Postino*, ópera de Daniel Catán, juntamente com Plácido Domingo. Participou da estreia argentina da ópera *Cachafaz*, de Oscar Strasnoy,

em texto de Copi, no papel de “La Raulito”. É reconhecido como intérprete de música de câmara e oratório. Seu extenso repertório inclui obras de Monteverdi, cantatas e paixões de J. S. Bach, lieder de Mozart, Schubert, Schumann, Brahms e Wolf; melodias de Debussy, Ravel, Fauré e Duparc; canções de Purcell, Williams, Britten, Ives e Barber; canções de Falla, Buchardo, Aguirre, Guastavino e Ginastera. Entre os seus registros destacam-se L’Orfeo com G. Garrido, Vespro della Beata Vergine e Oitavo livro de Monteverdi com R. Jacobs, Zeichen im Himmel Erlebach com Stylus phantasticus, Canções argentinas com Jorge Ugartamendia, Canciones argentinas com Fernando Perez, Canciones de Guastavino com Dora Castro, La belle époque com Fernando Perez, Oda para Martin Fierro Juan Navarro e DVD Orlando Paladino de Haydn, Rene Jacobs e La Didone de Cavalli, com William Christie e Orfeo de Luigi Rossi, com Raphaël Pichon. Como compositor, estreou obras corais interpretadas por coros de prestígio de seu país, como o Coral Studio of Bs As, dirigido por Carlos Lopez Puccio, o Grupok de Canto Coral, dirigido por Néstor Andrenacci (editado em CD), o Vocal Group of Difusion dirigido por Mariano Moruja, entre outros.



Walmor Boza
Violão

O violonista curitibano Walmor Boza formou-se em 2017, Mestre pela Universidade de Alicante (Espanha) através do “V Máster de Guitarra Clásica”, onde estudou com os maiores violonistas da atualidade, com

destaque para David Russell, Manuel Barrueco, Pepe Romero, Duo Assad, Fábio Zanon e Xavier Diaz-Latorre. Em 2012 graduou-se na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP) na classe do Professor Dr. Alisson Alípio e desde 2011 vem se especializando em performance com Fábio Zanon em São Paulo. Em 2015 deu início à carreira internacional no VI Andes y Sierras Guitar Festival (Argentina); em 2016 participou do 3º Festival Guitare em Cevennés (França) e em 2018 foi convidado a realizar um concerto na 35ª Oficina de Música de Curitiba. Além de atuar como solista, Walmor Boza possui intensa atividade como camerista nos grupos Duo Bozanelli (Violão e Violino) e o Quinteto Boccherini (Violão e Quarteto de cordas). Walmor Boza é idealizador e coordenador do grupo de estudo e pesquisa em performance “Encontro dos Violonistas” e da Camerata Curitibana de Violão.



Wim Van Moerbeke
(Bélgica/Brasil-PR)
Piano

Wim Van Moerbeke nasceu em Bruges, Bélgica, em uma família de músicos. Recebeu suas primeiras lições de piano de sua mãe e aos sete anos ingressou no Conservatório de Bruges. Aos nove anos deu o seu primeiro concerto e iniciou a carreira na Europa se apresentando em vários países. Apresentou-se no Bolivar Hall em Londres, Sala Darsena em Lignano-Itália, Concertgebouw-Brugge, Bijloke-Ghent, Museu Oscar Niemeyer

em Curitiba, Brasil, entre outros. Formou-se em Piano e realizou mestrado em Música – Piano, no Conservatório Real de Bruxelas, Bélgica. Participou de várias masterclasses, como no Mozarteum em Salzburg, com Hans Leygraf e em Milão, com Alexis Weissenberg. Nos últimos anos, Wim se especializou em pianos históricos tocando música de 1750-1930, adquirindo, ele mesmo, pianos históricos como: piano Erard (francês) carré (de mesa) de 1814, piano Erard de concerto de 1834 e 1845 e um piano de concerto de Broadwood (inglês) de 1848. O objetivo de Wim é tocar a música no instrumento de sua época, como já fez no Festival Lisztomanias em Chateauroux, França, apresentando-se em um piano Clementi, de 1821, marcando a época do jovem Liszt em contraste com os compositores contemporâneos dele. Também realizou concertos em pianos históricos em Torhout-Bélgica, nos quais se apresentou em um piano Erard de 1835 (Paris de Chopin, Liszt, Field, de 1830-1850) e um piano Erard de 1892 (Paris de Debussy, Ravel, de 1890-1920) juntando o período romântico ao impressionismo, que marcou o domínio da marca francesa Erard. Seu envolvimento com pianos históricos conduz a uma diversificação de suas performances. A apresentação de um concerto histórico significa para Wim Van Moerbeke muita pesquisa de marcas de piano, as relações desses com os compositores e a interessante correlação com a própria partitura. Tudo isso se traduz em performances nas quais Wim fala entusiasmadamente sobre o período em que o piano está situado, quais

compositores apoiavam aquela marca de piano e como isso se reflete na música. Assim, além da beleza do piano histórico, com elaborado trabalho na madeira, o público poderá ouvir o verdadeiro som da época das inúmeras obras escritas por Chopin, Liszt, Field, entre outros. Site: www.wimvanmoerbeke.be.

DIREÇÃO MUSICAL DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA



Winston Ramalho
(Paraná)
Spalla da Camerata Antiqua de Curitiba

Winston Ramalho é um dos mais destacados violinistas brasileiros de sua geração. Como dizia seu grande mestre Tibor Varga: “Mãos perfeitas para o violino como as de Winston só nascem de dez em dez anos”. Foi orientado no Brasil e no exterior pelos professores Marco Damm, Hildegard Soboll, Elisa Fukuda, Wolfgang Redik (Vienna Piano Trio), Naoko Tanaka e a famosa pedagoga Dorothy Delay. Posteriormente foi aluno e assistente do consagrado professor e solista Tibor Varga na Univesität Für Musik und Darstellende Kunst Graz, na Áustria. Nesse mesmo período recebeu orientações de renomados violinistas internacionais, entre os quais: Jaime Laredo, Boris Belkin, Zakhar Bron, Ivry Gittlis e Rainer Kuchl (spalla da Filarmônica de Viena). Na Áustria estudou música de câmara com membros do Quarteto Alban Berg, Vienna Piano Trio e Quarteto Hagen. Foi 1º lugar de vários concursos nacionais e internacionais, entre eles o Jovens Instrumentistas do Brasil, I e II Concurso Paulo Bosísio, Concurso Jovens Solistas da Osesp, Prêmio Jovem Talento do Soroptimist International of the Americas, Prêmio do Público e vencedor do Shell Competition for Young Musicians em Londres. Participou em concertos e recitais de câmara no Brasil e em países como Áustria, Alemanha, Hungria, Itália, Croácia, Bélgica, com

renomados grupos e músicos, nacionais e internacionais como Vienna Piano Trio e o Quarteto Camargo Guarnieri, Catalin Rotaru, Antonio Del Claro, Gilberto Tinetti, Radovan Vlatkovic, Wolfgang Redik, Geza Hosszu Legocky, Paulo Gori, Olga Kiun, Roman Mekinulov, Fábio Martino, Cristian Budu, entre outros. Se apresentou como solista e camerista nas consagradas salas Barbican Hall - Londres, Musikverein - Viena, Stefaniensaal - Graz, Teatro Guaíra - Curitiba e a Sala São Paulo. Foi solista de importantes junto a Orquestra Sinfônica do Paraná, Orquestra Sinfônica de São Paulo, Orquestra de Câmara Tibor Varga (onde também atuou como spalla), London Schools Symphony Orchestra, Camerata Fukuda, Orquestra de Câmara de Curitiba, Orquestra Filarmônica UniCesumar, sob a batuta de Tibor Varga, Diogo Pacheco, Paulo Florêncio, Alceo Bocchino, Martin Haselbock, Roberto Tibirigá, Celso Antunes e Marcos Arakaki. Foi membro e violinista convidado das Orquestras Sinfônica do Paraná, Orquestra Sinfônica de São Paulo, Grazer Symphonisches Orchester, Recreation Orchester Graz, Orquestra Filarmônica de Viena, Orquestra de Câmara de Viena. Foi professor em vários festivais como na USP em São Paulo, Festival de Música de Londrina-PR, Festival de Música de Ourinhos, Oficina de Música de Curitiba, Festival Tchaikovsky em Maringá, Primeiro Festival Internacional de Música de Salta-Argentina, onde lecionou e se apresentou ao lado de músicos da Filarmônica de Viena e Berlim e no NEOJIBÁ (Núcleo Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia). Foi um dos quatro ex-alunos escolhidos pela professora Elisa Fukuda para gravar o CD e DVD ao vivo com a Camerata, em

comemoração aos 20 anos da Camerata Fukuda. Em junho de 2017 Winston criou em Curitiba o 1º Violin Festspiele Brazil. Em 2018 foi realizada a 2ª Edição desse evento. Atualmente leciona nos principais festivais do Brasil e América do Sul e é spalla da Orquestra de Câmara de Curitiba e Camerata Antiqua de Curitiba.



Francisco de Freitas Jr.
(Ceará/Paraná)
Diretor Musical da Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba

Nasceu em Fortaleza-CE, onde, aos 8 anos iniciou seus estudos musicais sob orientação de Vasquen Fermaniann. Em Fortaleza, atuou como spalla da Camerata Universidade Federal do Ceará entre 1981 e 1985. Participou dos principais festivais de música do Brasil como em Teresópolis, Gramado e Campos do Jordão. Aos 17 anos, transferiu-se para Curitiba, onde ingressou, através de concurso público, na Orquestra Sinfônica do Paraná, permanecendo nesta até 1991. Graduiu-se em violino pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Teve aulas com os professores Paulo Sampaio Florêncio, Moysés de Castro, Marco Damm e Roberto Hübner. Após a temporada de 1988 como músico convidado, é selecionado por concurso público para o quadro oficial de músicos da Camerata Antiqua de Curitiba. Integrou o Quarteto Iguazu e o Quarteto Araucária. Foi professor de violino da EMBAP em seu Curso Fundamental de Instrumento e da Escola de Música de Ponta Grossa-PR. Paralelamente à carreira de músico, trabalhou na área de produção e

administração de espetáculos musicais e concertos. É membro do Conselho Artístico da Camerata Antiqua de Curitiba desde 1993, eleito pelos músicos instrumentistas da mesma.



Mara Campos
(São Paulo)
Diretora Musical e Regente do Coro da

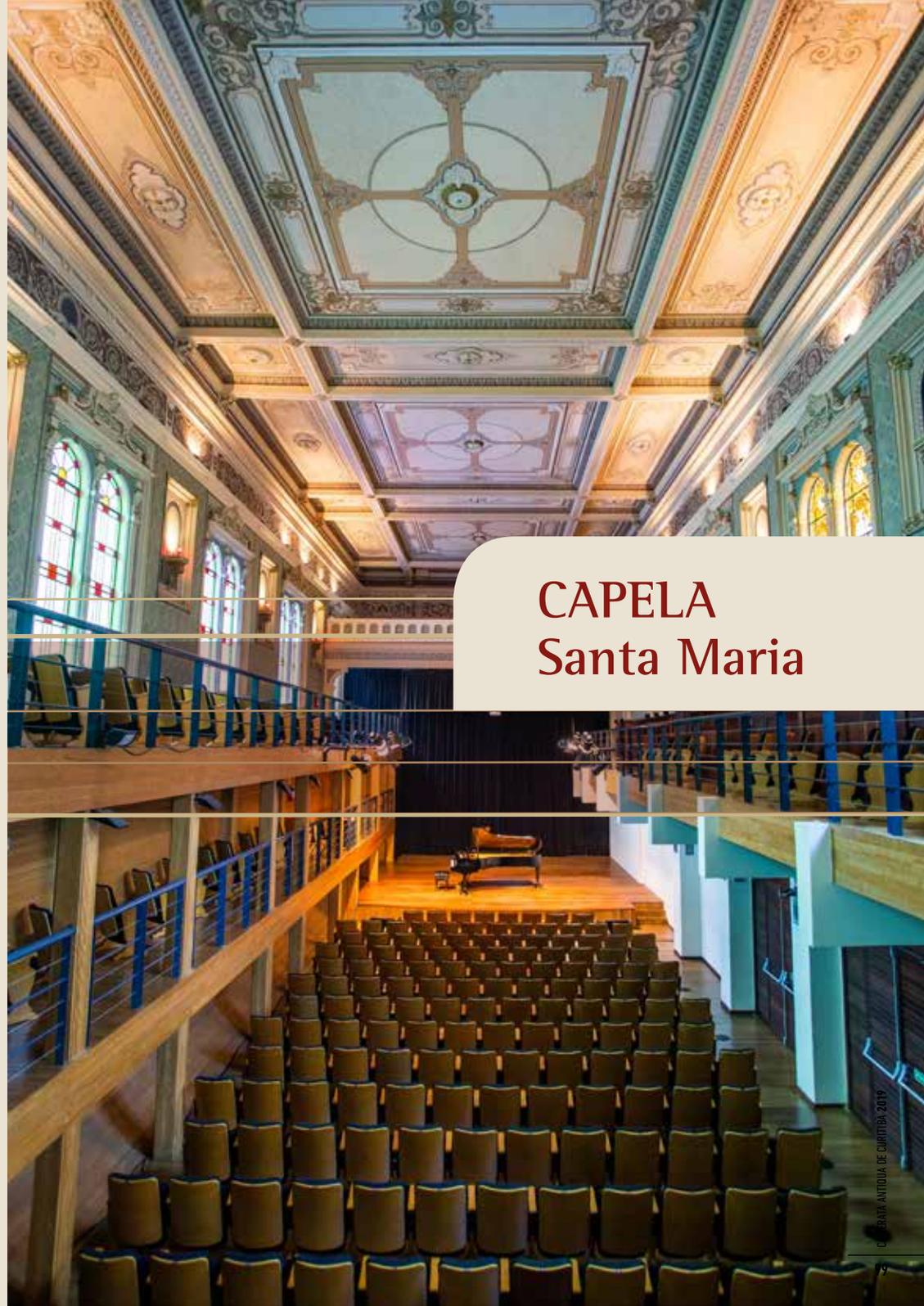
Camerata Antiqua de Curitiba

Em sua formação, recebeu a orientação das educadoras Adriana Ribeiro e Maria Luiza Carvalho, dos maestros Benito Juarez, Hugg Ross, Henrique Gregori e J. E. Gardiner, dos professores Beth Pinheiro, Osvaldo Lacerda e Damiano Cozzella e dos cantores professores Fernando Carvalhaes e Lúcia Passos. Desde 1978 atua como Regente Coral, formando e dirigindo inúmeros conjuntos como o CORALUSP, o Coral da Aliança Francesa de São Paulo, o Coral da Escola de Belas Artes do Paraná - EMBAP, o Coral do Portal, o Grupo Som-A-Pino, o Coral Paulistano do Theatro Municipal de São Paulo, os Corais Infantil e Juvenil da Escola Municipal de Música, a Oficina de Canto Coral do Centro Cultural São Paulo e os Coros Infantis do Projeto Coro Cênico, desenvolvido pelo Grupo “Canto em Movimento” junto ao SESI/SP, entre outros. De 1982 a 1989 integrou o Projeto Villa-Lobos de Canto Coral - INM/FUNARTE e entre 1982 e 2018 foi professora de regência e canto coral em 27 edições da Oficina de Música de Curitiba/PR. Entre 1987 e 2003 atuou como regente convidada dos coros ingleses BBC Singers, New College e The Sixteen, do grupo Vox Brasiliensis, da instalação coral Concerto Concreto

em temporada na Bienal/SP “A Trama do Gosto” e da gravação do CD Villa-Lobos em Paris. Fez a criação e direção musical dos espetáculos ZAP - O Resumo da Ópera (1999 e 2002), Coro dos Contrários - 22 em 2002 (2002 e 2006) e Ragnarock (2010) junto à Cia Ópera do Mendigo. Entre 1987 e 2018 criou e coordenou os Festivais de Coros da Aliança Francesa, da Igreja São Francisco/SP, do Grupo Pão de Açúcar, do Theatro Municipal de São Paulo - Encontro de Coros Camargo Guarnieri nas edições de 2007 e 2008 e das Semanas de Canto Coral realizadas pela Fundação Cultural de Curitiba desde 2016. Como regente convidada das Orquestras Oficina de Cordas de Campinas/SP, Sinfônica Municipal de São Paulo, Experimental de Repertório, Orquestra de Cordas da Camerata Antiqua de Curitiba e Orquestra À Base de Soprano/PR, e à frente do Coral Paulistano e do Coro da CAC, dirigiu vasto repertório, como as óperas Orfeo de C. Monteverdi e Os Peregrinos de Meca de C. W. Gluck, a Cantata Acadêmica e Welcome Ode de B. Britten, Retratos de Radamés Gnattali, Postais Paulistanos de E. Villani-Côrtes, Provérbios de O. Lacerda, a Missa Dilígite de M. Camargo Guanieri, a Missa de Alcaçuz de Danilo Guanais, Angels e The Human Being de Jens Whinter, Le Roi David de A. Honegger, LabORATÓRIO de Flô Menezes, A Lenda de Uakti e Cumprimento das Juras de Davi Sartori, além da direção musical e regência da série “Alimentando com Música” desde 2016, espetáculo artístico-pedagógico destinado ao público infantil numa das ações culturais promovidas pelo Instituto Curitiba de Arte e Cultura - ICAC. Mara Campos é professora do Curso Superior

de Música (Licenciatura) e professora convidada do Curso de Pós-Graduação em Educação Musical da Faculdade de Música Cantareira/SP desde 2011. Desde 2015, Mara Campos é regente titular e diretora musical do Coro da Camerata Antiqua de Curitiba e integra a coordenação do Projeto Nosso Canto, o qual agrega atualmente dez grupos corais na capital do Paraná.

CAPELA Santa Maria





Ficha TÉCNICA

CAPELA SANTA MARIA ESPAÇO CULTURAL

Construída pela Congregação Marista, em devoção a Nossa Senhora da Conceição, a capela foi inaugurada em 15 de outubro de 1939, como parte do conjunto de edificações que compunham as antigas instalações do Colégio Santa Maria, que funcionou no local por quase 60 anos.

Propriedade do município desde 1998, a construção, em estilo neoclássico, foi inserida no programa Marco Zero, que tem como objetivo revitalizar a região central da cidade. Assim, iniciou-se um intenso trabalho de restauro e transformação da Capela Santa Maria em mais um espaço cultural da cidade.

Além do acompanhamento arqueológico do terreno, também foram feitas as obras e instalação de equipamentos necessários para transformar o espaço numa sala para apresentações de música erudita, com 203 lugares na plateia e 75 lugares nos mezaninos laterais e no primeiro balcão. Inaugurado em janeiro de 2008, durante a XXVI Oficina de Música de Curitiba, o espaço também é a sede oficial da Camerata Antiqua de Curitiba, grupo formado por coro e orquestra mantido pela Prefeitura há 45 anos.

CAPELA SANTA MARIA ESPAÇO CULTURAL

Instituto Curitiba de Arte e Cultura

Rua Conselheiro Laurindo, 273 - Centro,

Curitiba, PR - CEP 80060-100

Informações: (41) 3321-2840

icac.org.br  Capela Santa Maria

AQUISIÇÃO DE INGRESSOS

• Programação geral
R\$ 30 e R\$ 15

• www.aloingressos.com.br
(aquisição pelo site, quiosques e totens será cobrada taxa adicional de R\$ 6)

•  **Gratuito**

(programação nas igrejas, Ensemble de Cordas da Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba, concertos da IV Semana de Canto Coral Henrique de Curitiba e Mia Cara Curitiba)

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Maestro Emérito

Roberto de Regina

ORQUESTRA

Violinos I

Winston Ramalho (spalla), Dan Tolomony (concertino), Paulo Hübner, Atli Ellendensen, Marco Damm, Vitor Andrade

Violinos II

Francisco de Freitas Jr. (chefe de naípe), Moema Cit Meyer, Silvanira Bermudes, Vanessa Savytzky Schiavon, Walter Hoerner

Violas

Aldo Villani, Denis Gonçalves Castilho, Helena Alice Carollo Damm, Roberto Hübner

Violoncelos

Faisal Hussein (chefe de naípe), Estela de Castro, Klaiton Laube, Thomas Jucksch

Contrabaixo

Martinho Lutero Klemann

Diretor Musical da Orquestra

Francisco de Freitas Jr.

Ensaaiador

Dan Tolomony

CORO

Sopranos

Darci Almeida, Luísa Favero, Luciana Melamed, Naura Sant'Ana

Contraltos

Ariadne Oliveira, Cissa Duboc, Daniele Oliveira, Fátima Castilho, Mirta Schmitt

Tenores

Alexandre Mousquer, Lucio Hossaka, Maico Sant'Anna, Marcos Brito, Sidney Gomes

Baixos

Ademir Maurício, Cláudio de Biaggi, Fernando Klemann, José Brazil, Marcelo Dias

Regente e Diretora Musical do Coro

Mara Campos

Pianista Correpetidora

Clenice Ortigara

Ensaaiadores

Clenice Ortigara

Maico Sant'Anna

FICHA TÉCNICA DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Conselho Artístico

Marino Galvão Jr.

Janete Andrade

Winston Ramalho

Mara Campos

Darci Almeida

Martinho Lutero Klemann

Marcelo Dias

Francisco de Freitas Jr.

Alexandre Mousquer

Coordenadora Executiva

da Camerata

Darci Almeida

Coordenador da Orquestra

Martinho Lutero Klemann

Coordenador do Coro

Marcelo Dias

Representante da Orquestra

Francisco de Freitas Jr.

Representante do Coro

Alexandre Mousquer

Arquivista/Copista

Cornelis Kool

Produção

Alício Cardoso

Altair de Oliveira

Valdecir Pereira

Recepção

Valdir Rodrigues de Matos

FICHA TÉCNICA INSTITUCIONAL PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

Prefeito

Rafael Greca de Macedo

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA

Presidente

Ana Cristina de Castro

Diretor Administrativo e Financeiro

Cristiano Augusto Solis de

Figueiredo Morrissy

Diretor de Ação Cultural

José Roberto Lança

Diretor de Patrimônio Histórico,

Artístico e Cultural

Marcelo Sutil

Diretora de Incentivo à Cultura

Loismary Ângela Pache

Coordenadora de Comunicação

Ana Luzia Gori Palka Miranda

INSTITUTO CURITIBA DE ARTE E CULTURA

Diretor Executivo

Marino Galvão Jr.

Coordenadora de Música

Janete Andrade

Gerente Administrativo/Financeiro

Maria Eduarda Rigos Maia Prata Bahls

Assessoria Jurídica

Simone Konitz

Assessoria de Música

Márcia Squiba

Auxiliar Administrativo

Ana Beatriz Soares

Comunicação

Viridiana de Macedo

Designers

Luana Chemin

Guto Stresser

EXPEDIENTE MATERIAL GRÁFICO 2019

Compilação de Dados

Darci Almeida

Revisão de Textos

Carla Anete Berwig

Design Gráfico

Clarice Midori Umezaki Iwashita

Fotografia

Daniel Castellano

Cido Marques

ENDEREÇOS INSTITUCIONAIS

Fundação Cultural de Curitiba

Rua Engenheiro Reboças,

1732 - Reboças

Curitiba PR - CEP 80230-040

Informações: (41) 3213-7500

fundacaoculturaldec Curitiba.com.br

 fundação cultural de curitiba

Capela Santa Maria Espaço Cultural

Instituto Curitiba de Arte e Cultura

Rua Conselheiro Laurindo, 273 - Centro

Curitiba PR - CEP 80060-100

Informações: (41) 3321-2840

icac.org.br

 Capela Santa Maria

ENDEREÇOS DOS CONCERTOS NAS IGREJAS E OUTROS

Memorial de Curitiba

Rua Dr. Claudino dos Santos, 79

São Francisco

Informações: (41) 3321-3313

Capela São João Batista

Estrada Delegado Bruno de Almeida, 619

Caximba

Catedral Basílica Menor Nossa

Senhora da Luz dos Pinhais

Rua Barão do Serro Azul, 31

Centro

Informações: (41) 3324-5136

Comunidade do Redentor

Rua Trajano Reis, 199

São Francisco

Informações: (41) 3223-4745

Igreja de Jesus Cristo

dos Santos dos Últimos Dias

Rua Frederico Maurer, 2325

Hauer

Informações: (41) 99142-5414

Paróquia Imaculada Conceição

Rua Alcides Vieira Arcoverde, 244

Guabirota

Telefone: (41) 3296-3765

Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho

Rua Eduardo Jarnick, 273

São Braz

Informações: (41) 3089-4485

Paróquia Profeta Elias

Rua Nova Aurora, 1340 - Sítio Cercado

Informações: (41) 3564-2628

Paróquia São Benedito

Rua Frederico Stadler Junior, 441

Capão da Imbuia

Informações: (41) 3266-1573

Paróquia São João Batista

Rua Luiz Tramontin, 2570

CIC

Informações: (41) 3373-2499

Santuário Diocesano Sagrado

Coração de Jesus

Avenida Água Verde, 1018

Água Verde

Informações: (41) 3242-4174

Santuário Nossa Senhora de Guadalupe

Praça Senador Correia, 128

Centro

Informações: (41) 3233-4884

Terreiro de Umbanda Pai Maneco

Estrada Nova, 5487

Santa Cândida

Informações: (41) 3356-7660

ENDEREÇOS DOS CONCERTOS MÚSICA PELA VIDA

Asilo São Vicente de Paulo

R. São Vicente, 100

Juvevê

Informações: (41) 3313-5353

HEMEPAR

(Centro de Hematologia

e Hemoterapia do Paraná)

Travessa João Prosdócimo, 145

Alto da XV

Informações: (41) 3281-4000

Hospital das Clínicas

Rua General Carneiro, 181

Informações: (41) 3360-1864

Hospital do Idoso Zilda Arns

Rua Lothário Boutin, 90

Pinheirinho

Informações: (41) 3316-5706

Hospital Pequeno Príncipe

Rua Desembargador Motta, 1070

Água Verde

Informações: (41) 3310-1169

Hospital Santa Casa de Curitiba

Praça Rui Barbosa, 694

Centro

Informações: (41) 3320-3500

ALIMENTANDO COM MÚSICA

Teatro Positivo - Grande Auditório

Rua Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza, 5300

Campo Comprido

Informações: (41) 3317-3283

